

REVISTA DA SEMANA

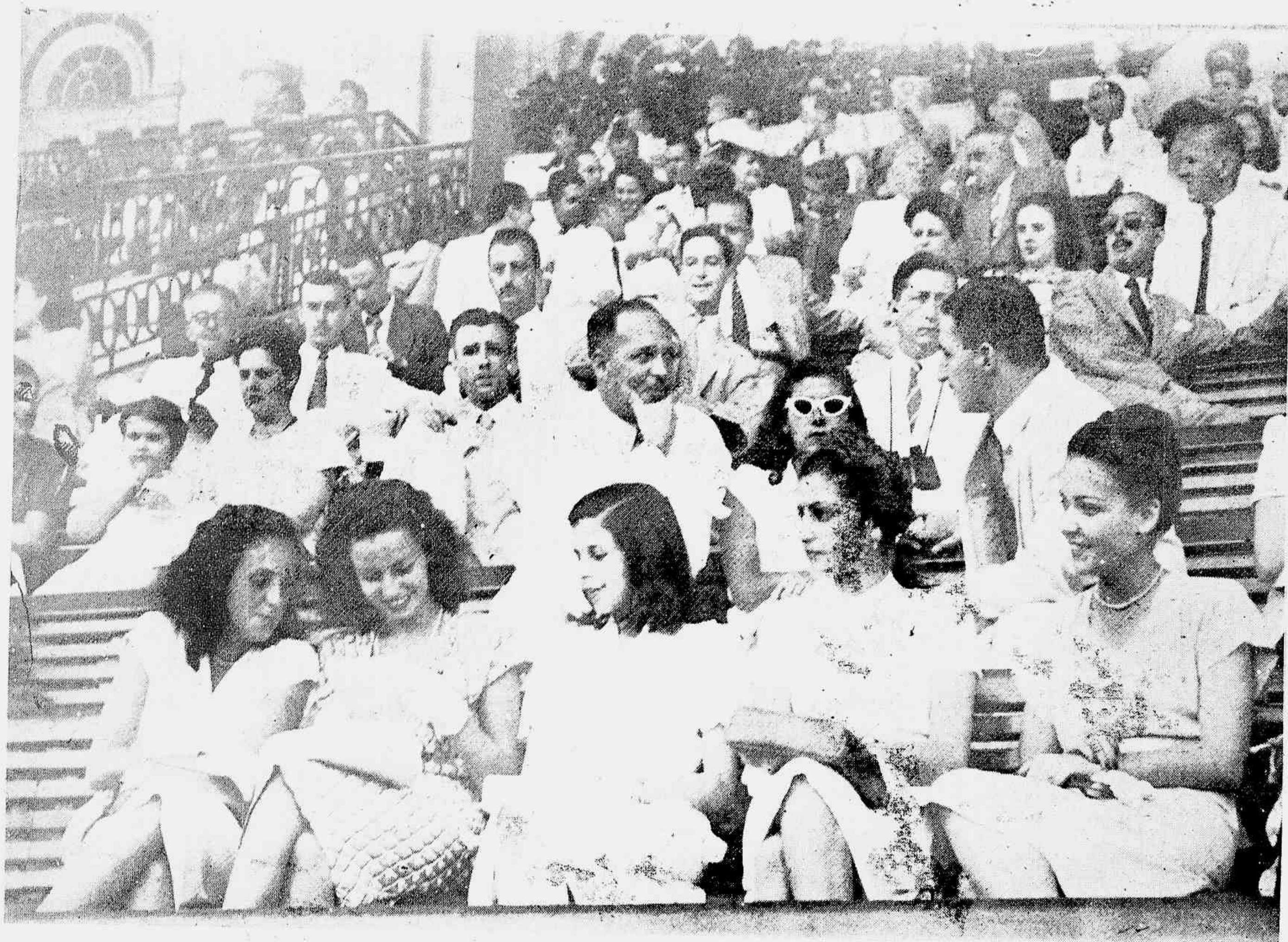
Nº 2



Cr \$ 2,00 em todo o Brasil

11-1-47





Jockey Club Mundano

O Jockey Club Brasileiro deu continuação brilhantemente a suas atividades de 1947, com a realização dos "meetings" turísticos de sábado e domingo ultimos. A seleta assistência que ocorreu aquelas reuniões turísticas bem demonstra o progresso sempre crescente do nobre esporte na terra carioca. São dessas brilhantes reuniões os instantâneos que ilustram esta página.





INAUGUROU-SE nos Estados Unidos a nova legislatura, predominando no Senado e na Câmara dos Representantes considerável maioria republicana. Os discursos ali proferidos, na inauguração dos trabalhos, tiveram cunho nitidamente contrário à política que até à sua morte vinha seguindo o presidente Roosevelt. Logo de início foi proposta uma redução do imposto sobre a renda, favorecendo de modo especial os salários altos que, antes, eram drasticamente taxados. Embarcou para Londres a atriz Bibi Ferreira que, tendo anunciado o seu divórcio, anunciou também que, com seu ex-marido, o Sr. Carlos Lage, já não mantém relações sequer de mera cortesia. A nova "estrela" cinematográfica seguiu acompanhada por sua mãe, a senhora Aida Isquierdo Ferreira. Teve intensa e simpática repercussão no seio da classe teatral o movimento em favor da indicação do nome do brilhante escritor Henrique Pongetti para o cargo de diretor do Serviço Nacional de Teatro. Por falar em teatro, causou grande escândalo a faixa do candidato a vereador do P.T.B., escritor teatral Luis Peixoto, com um retrato de quase três metros de altura, colocado em frente ao Palace Hotel. Contrariamente aos boatos que correm na cidade, podemos asseverar que não foi o próprio Luis Peixoto, — também caricaturista e cenógrafo, — quem pintou o referido retrato... Sensação nos arraiais da política paulista: o Sr. Getúlio Vargas apoia seu protegido Ugo Borghi, com uma porção de letras no espólio do comendador Martinelli e no Banco do Estado de São Paulo... Outra nota de sensação: o apoio do Partido Comunista à candidatura do Sr. Adhemar de Barros ao governo paulista, originada no seio do P.S.P. Foi duplamente eleito presidente do Flamengo o coronel Orsini Coriolano. Os sócios da veterana agremiação resolveram reagir contra o Sr. Hilton Santos, que estava querendo fazer do Flamengo um clube eleitoral, e elegeram aquele coronel. Houve chicana e a eleição foi anulada, porque o Sr. Hilton Santos não queria se conformar com a derrota. Marcada nova eleição, desenvolvida a mais vigorosa cabala possível, o Sr. Hilton Santos foi de novo derrotado, por uma margem ainda maior de votos. E, dessa vez, parece que ficou sossegado... Pedro Henrique de Orleans e Bragança, um rapaz simpático que, por descender de D. João VI, D. Pedro I, D. Pedro II e da princesa Isabel, se diz herdeiro presuntivo do inexistente trono do Brasil, aconselhou os raros monarquistas nacionais a irem às urnas, sufragar candidatos democratas... Mme. Mineur, que exerce atualmente as funções de adido cultural da França no Brasil, anunciou que vão ser distribuídas bolsas de estudos aos artistas e aos intelectuais do Brasil. Bela idéia, desde que as bolsas sejam dadas a figuras realmente merecedoras. Anuncia "O Jornal" que a U.D.N. tem candidatos ao governo de 14 Estados e o P.S.D. ao governo de 16. Isso sem falar nas coligações, como as da Bahia e do Estado do Rio, onde os dois têm o mesmo candidato. No aeroporto de São Paulo de Olivença afundou-se, no rio, um hidro-avião da Panair, morrendo seis pessoas, inclusive o comandante Sydney Bezamat e o co-piloto Antonio Guilherme Porto. São Paulo é uma cidade feliz: vai ganhar 75 bondes novos. E o Rio, — nada? O cronista Rubem Braga dá um brado de alerta contra uma sociedade secreta de fundo fascista, que cultiva um super-nacionalismo nocivo e um igualmente nocivo espírito militarista. Título da tal organização: Sociedade dos Amigos do Brasil (sic). Em notável artigo no "Correio da Manhã", Calor Lacerda escalpa a SESI, uma organização milionária, que arrecada fundos em razão de um decreto governamental, sem prestar contas a ninguém... A SESI é um Estado dentro do Estado e talvez mais poderosa do que este... Como convidado do Exército Soviético, foi a Moscou, visitar o marçalíssimo Josef Stalin, o marechal inglês Montgomery. Mas logo se apressou a dizer que sua visita "não tinha caráter político", mas de simples cortesia. O ano de 1947 se iniciou com todos os teatros disponíveis no Rio de Janeiro funcionando. No Fenix, Alma Flora em "Quero ser feliz"; no Ginástico, "Os Comediantes" em "Desejo"; no Regina, os "Artistas Unidos", com "Mademoiselle"; no Serrador, Fracópio Ferreira, com "Sua excelência, o emido"; no Glória, Wálita Brasil e outros, em "O que matou por amor"; no Rival, Alda Garrido, com "A Gilda do Barreto"; no Recreio, no Carlos Gomes e no João Caetano, as revistas "Homem, não!", "Tudo azul" e "Eu quero é confusão". Ao se encerrarem as inscrições de candidatos ao pleito de 19 de janeiro no Tribunal Regional Eleitoral verificou-se que, no Distrito Federal, estão inscritos seiscentos e cinquenta vagas de vereador e quatro a vaga de senador. Revela-se que, na prisão de Alcañ de Henares, a terra de Cervantes, existem oitocentos presos políticos mantidos incommunicáveis pelo fascismo do caudillo Francisco Franco. Por falar nisso: teve um nobre gesto o "Diário da Bahia", pleiteando um "habeas-corpus" em favor de dois fugitivos da Espanha fascista, ameaçados de serem repatriados, e oferecendo-lhes, ainda, empregos em suas oficinas. Terrível a inundação do rio Muriaé, na Zona da Mata, deixando mil e oitocentas pessoas desabrigadas, além de muitas mortas. Um dentista com espírito de porco, Didier Teixeira, na cidade de Pesqueira, em Pernambuco, resolveu "homenagear" com um copo de cerveja os membros de uma caravana eleitoral. E, deitando sais de tártaro na bebida, provocou terríveis cólicas nos oradores, dissolvendo o comício. E por causa disso foi processado, o que é muito justo, para que não se meta a fazer outra. Os índios Valmiris, nas margens do rio Camanah, no Amazonas, mataram dez pessoas com setas envenenadas com "curare". E os índios Umiris mataram os irmãos Biglia, dois dedicados funcionários do Serviço de Índios. Três fábricas desapareceram num violento incêndio que começou numa garagem à rua Bento Lisboa, no Rio de Janeiro. O Departamento Nacional da Criança declara que vai abrir lactários em todo o Distrito Federal. Já não é sem tempo. Foi inaugurado novo trecho eletrificado da Central até Pavuna, com a presença do presidente Eurico Gaspar Dutra. E, por hoje, chega. O mundo continua a marchar, mas o tamanho desta coluna tem um limite...

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens esforçados devem cuidar especialmente da saúde, porque trabalham com afêro e precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e por conseguinte diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa-os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

CONCURSO DE CONTOS — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos: 1º — São serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade; 2º — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos; 3º — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana na publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem; 4º — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas; 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA"; 6º — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer.

CONCURSO DE ROMANCES — Foram recebidos os seguintes originais: "Eterno estribilho", de Raul Vital; "Alvaro Gonçalves", de Paulo Licio Rizzo; "O destino é que nos leva", de Graciema P. Genore; "Angustiado estou por ti", de Henrique Consoni Junior; "Heróis e pecadores", de Jary Gomes; "Vereda luminosa", de Leda S. de Andrade; "Paixão e sensualismo", de Antonio Tibiriçá; e "Alvorada", de Betina Diniz, além de um romance sem nome de autor e sem título, que começa com a frase: "Eram sete horas menos dois minutos". Ao autor desse trabalho, rogamos a gentileza de se identificar. "Atlantida Solterrada", do Sr. Mário (pseudônimo); "Um cachorro e outras pessoas", de Alberto Leal e "Tempestade", de Adelino Volfar (pseudônimo).

Todos os originais já foram por nós distribuídos à comissão julgadora, constituída pelos escritores João Luso, Otávio Tavares e Berilo Neves.

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS M.
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

ÓCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

R. CARIOCA N.º 28

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO



Devido à nossa pouca educação política e à grosseria dos gaitos que timbram em hostilizar as candidatas femininas, as faixas das candidatas a vereador geralmente desaparecem da noite para o dia. Assim aconteceu com as faixas de Sagramor de Scuvero, a locutora da Rádio Globo. Mas o seu nome ficou ao menos nos boletins colados nas paredes da Galeria Cruzeiro.

AS MULHERES TAMBÉM QUEREM SER VEREADORAS

São numerosas as candidatas ao pleito de 19 de janeiro no Distrito Federal — Sagramor de Scuvero, uma que está provavelmente eleita — Uma coligação de partidos que é declaradamente anti-feminista — A "candidata das filas" — A "candidata dos extra-numerários" — Maria Luiza Dória Bittencourt, a que já foi deputada na Bahia — Duas escritoras premiadas pela Academia Brasileira de Letras se apresentam aos sufrágios populares. — A irmã do senador Luis Carlos Prestes entre as candidatas do P. C. B.

Reportagem de MARCELO TORRES

Especial para REVISTA DA SEMANA

As mulheres também querem ser vereadoras. Há pelo menos umas vinte candidatas às cinquenta cadeiras do Conselho Municipal do Rio de Janeiro. Quantas delas chegarão a se sentar na antiga Gaiola de Ouro — como era popularmente chamada a casa do legislativo municipal, no antigo Largo da Mão do Bispo? Se chegarem lá cinco — ou seja, dez por cento do total dos vereadores — as filhas de Eva podem se dar por satisfeitas. Alguns partidos colocaram senhoras nas suas chapas apenas para se tornarem simpáticas ao eleitorado feminino. Alguns com a intenção de realmente fazer eleger as suas candidatas. Outros partidos, porém, desdenharam inteiramente da colaboração feminina e não quiseram suas nas suas chapas. Estão neste caso o Partido Social Democrático — o partido a que pertenceu o general Eurico Gaspar Dutra,

antes de se eleger presidente da República — o Partido Orientador Trabalhista e o Partido Democrata Cristão que se aliaram na chamada "Aliança Democrata Trabalhista". Entre os cinquenta nomes que figuram na chapa dessa coligação não há uma única mulher. Parece que o pessoal daqueles partidos é contra o voto feminino, contra a participação da mulher na vida pública do país e participa, ainda dos velhos preconceitos do século XIX, de que a mulher deve atuar exclusivamente no lar, não deve trabalhar fora, não deve ter profissão além das prendas domésticas nem deve, tampouco, ter opinião política... Talvez a isso não se a exatamente isso — e se dá simplesmente o voto de que a coligação tivesse candidatas demais para as cinquenta cadeiras — mas a verdade é que aquela exclusão completa de quaisquer candidaturas femininas da

na realidade a impressão de que a coligação é declaradamente anti-feminista.

★

É este o quarto pleito que se trava no Distrito Federal, desde que o voto foi concedido às mulheres. Até 1930, o voto era no Brasil um privilégio do sexo forte. O voto feminino teve como pioneiros, no Brasil, o deputado Juvenal Lamartine, autor de um projeto de lei que o instituía, e a Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino, presidida pela Sra. Bertha Lutz, que desenvolveu intensa campanha em favor de sua concessão. Até 1930, ainda se espunham ao ridículo os que, de público, defendiam a concessão do direito do voto às mulheres. No primeiro pleito realizado depois de 1930, não só o voto foi dado às mu-



Arcelina Mochel, candidata comunista, tem trabalhado valentemente, falando em comícios e promovendo festivais, bailes, etc. E já chegou a desafiar alguns dos seus companheiros de chapa do P.C., apostando como terá maior votação do que eles. Arcelina é advogada no fóro trabalhista e tem atuado como secretária particular do senador Luis Carlos Prestes.

lheres, como ainda o nosso sistema eleitoral sofreu completa revisão. Desapareceu o voto a descoberto, para ser instituído, pela primeira vez na nossa história política, o voto secreto. A Constituição confirmou os direitos políticos concedidos às mulheres e, pela primeira vez, tivemos representantes do sexo fraco sentados entre os representantes da Nação no Congresso Nacional. As nossas duas primeiras deputadas foram as senhoras Carlota Pereira de Queiroz e Bertha Lutz. Em vários Estados, surgiram, também, deputadas, entre as quais poderemos citar Chiquinha Rodrigues, em São Paulo, e Maria Luiza Doria Bittencourt, na Bahia.

★

Entretanto, em razão do golpe de Estado de 1937, através do qual o senhor Getúlio Vargas conseguiu se perpetuar no poder, cerceando as liberdades públicas, dissolvendo as casas do legislativo federal, estadual e municipal, a experiência política feminina foi interrompida. A própria Federação Brasileira pelo Progresso Feminino teve que cruzar as suas armas de combate, empunhadas com tanto entusiasmo por Bertha Lutz, Orminda Bastos, Nathércia da Silveira, Carmen Velasco Portinho, Nydia Moura e tantas outras ardorosas pioneiras da emancipação política e econômica da mulher brasileira. E isto porque lhe era bem mais fácil pleitear o direito de voto para as mulheres, quando esse lhes era negado, do que pedir para todos os cidadãos, homens e mulheres, quando o todo-poderoso ditador resolvera lhes cassar essa prerrogativa. Quando os horizontes políticos se desanuviaram, com a entrevista sensacional do sr. José Américo de Almeida e o lançamento da candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes à presidência da República, as mulheres voltaram

também a ter atividade pública, fazendo parte de comitês e de comissões de propaganda. Na campanha em prol da anistia, tomaram parte algumas das nossas escritoras, professoras e figuras de destaque no meio artístico. Mas, realizadas as eleições federais, embora em algumas chapas tivessem figurado mulheres, — em São Paulo, por exemplo, foi de novo candidata a doutora Carlota Pereira de Queiroz, — nenhuma representante feminina logrou fazer parte da Assembléia Constituinte, — hoje desdobrada em Câmara e Senado. Voltam à carga, agora, as mulheres, no quarto pleito a ser ferido depois da concessão do voto feminino. Antes de ir além, devemos frisar, com tristeza: como temos votado pouco nestes dezesseis anos!

★

O partido político que parece ter estimado mais a contribuição feminina é o que o senador Luis Carlos Prestes lidera. Na verdade, o Partido Comunista, — em agudo contraste com a coligação P.S.D.-P.O.T. e P.D.C., — tem na sua chapa dez por cento de mulheres cu seja, — entre os cinquenta nomes que apresentou aos sufrágios eleitorais dos comunistas, — cinco são mulheres. Arcelina Mochel é das mais ativas. Trata-se de uma jovem advogada, que tem feito muitos comícios e sabinas. As suas companheiras de chapa são Eloisa Prestes, Odila Schmidt, Esther dos Santos Roque e Lia Correia Dutra.

Eloisa Prestes é irmã do senador Luis Carlos Prestes. Passou 14 anos na Rússia, tendo voltado de Moscou há apenas alguns meses. Foi condecorada pelo governo soviético por serviços prestados ao Exército russo durante a última guerra. Essa condecoração, ela a recebeu quando já se encontrava em nosso país.

Arcelina Mochel é advogada no fóro trabalhista. Formou-se no Maranhão, onde desde a Faculdade pertence ao movimento comunista, quando ainda na legalidade. Tem desempenhado as funções de secretária do Sr. Prestes.



Estas é uma das raras candidatas de cor. Trata-se da advogada Guiomar Ferreira de Mattos. Além de advogar, é funcionária do Ministério da Educação e Saúde Pública, com exercício na secretaria da Faculdade Nacional de Filosofia. É do P.S.P.

PARTIDO SOCIAL PROGRESSISTA

PARA A CAMARA MUNICIPAL

Nini Miranda

CANDIDATA DAS DONAS DE CASA

COMPANHIA

Aqui está uma faixa de Dona Nini Miranda, "candidata das filas" e "candidata das donas de casa". Huitas das suas faixas têm sido roubadas. Mas acha que será eleita, se é que as donas de casa estão dispostas a ter uma voz na 'Gaiola de Ouro'.

Odila Smith é funcionária da Light — Pretende representar na Câmara os funcionários dessa empresa e muito especialmente promete defender as reivindicações das empregadas da Cia. Telefônica Brasileira.

Ester dos Santos Roque é operária textil. Diz-se representante das operárias congêneres do Distrito Federal. Dentro do programa mínimo do P.C.B. cuidará da parte referente à assistência aos operários das fábricas em geral.

Lia Correia Dutra é professora da Escola Técnica Visconde de Cayrú — Funcionária Municipal há 15 anos. Seu pai, Ataliba Correia Dutra, é também candidato nas próximas eleições do dia 19 pela chapa da U.D.N. Lia Correia Dutra acentua a diferença entre a sua campanha eleitoral e a de seu pai. Enquanto o sr. Ataliba já gastou quinze mil cruzeiros na propaganda de sua candidatura, ela nada dispendeu, porque tudo corre por conta do Partido Comunista. Colaboradora de "O Jornal" e de outros órgãos da nossa imprensa, Lia Correia Dutra pertence à Associação Brasileira de Escritores e já alcançou um prêmio de poesia na Academia Brasileira de Letras e o Prêmio Humberto de Campos, da Livraria José Olympio, no ano de 1941, com o livro "Navio sem porto".

★

Depois do Partido Comunista, o que apresenta maior número de candidatas é a Esquerda Democrática, presidida pelo sr. João Mangabeira, que é candidato a vereador.

Esta é a educadora Alice Flexa Ribeiro, que há longo tempo se dedica ao ensino no Colégio Andrews. É da Esquerda Democrática. Núcleo de Botafogo.

As candidatas da Esquerda Democrática, apresentadas sob a legenda "Socialismo e liberdade", são as seguintes: Maria Luiza Doria Bittencourt, Alice Flexa Ribeiro, Mirabel Smith Ferreira Jorge e Dyrce Motta. Ao todo, quatro, numa chapa de cinquenta. Maria Luiza Doria Bittencourt é advogada especializada em questões trabalhistas. É docente de Legislação de Trabalho da Faculdade Nacional de Direito e professora de Legislação e Trabalho da Faculdade de Administração e Finanças do Rio de Janeiro. Advoga há 15 anos, foi presa em 1937 na Bahia por ordem da Comissão Executiva do Estado de Guerra, devido às suas tendências socialistas. Pertencia, então, ao Partido Social Democrático (o partido de Juracy Magalhães) e que era coagominado o "partido sem Deus", porque rompeu com o integralismo e com o clero que fazia a propaganda de Plínio Salgado. Votou em 2 de dezembro de 45 com a U.D.N., filiando-se posteriormente à Esquerda Democrática por coerência de princípios. Não espera ser eleita, tem mesmo a certeza de que não o será. É uma das propugnadoras da mudança do nome do seu partido para o de Partido Socialista do Brasil, assunto que já está sendo estudado pelos dirigentes do mesmo.

Foi também deputada estadual na Bahia.

A senhora Alice Flexa Ribeiro é uma ilustre educadora, com muitos anos de serviços prestados ao magistério particular. Seu nome é popularíssimo entre as gerações

Esta é dona Vera Salusse Montelro, a "candidata dos extra-numerários". Fez parte do P.S.D., mas saiu, e agora é apresentada ao eleitorado pelo P.T.N.

preparadas nos últimos vinte anos pelo Colégio Andrews. As duas outras candidatas da E.D. são uma enfermeira, Mirabel, que é vice-presidente da Associação das Enfermeiras Brasileiras e trabalha na Saúde Pública, e a outra, Dyrce, é funcionária do Ministério da Agricultura. Se tem inclusão mais um elemento feminino na sua chapa, a E.D. estaria, nesse particular em pé de igualdade com o P.C.

★

No Partido Republicano há duas candidatas. Uma é das mais fortes que concorrem ao pleito: Sagrador de Severo. Trata-se de uma figura popularíssima no rádio, em que tem desenvolvido brilhantíssima atuação. Vinda de São Paulo, começou a atuar na Rádio Mayrink Veiga, que deixou, mais tarde, para ingressar na Rádio Globo. Esteve, também, durante algum tempo, na N.B.C., em Nova York. Dedicada a estimular, através dos seus programas, os sentimentos de fraternidade e de solidariedade humanas, Sagrador de Severo se faz ouvir por muitos milhares de mulheres, com o programa "O mundo não vale o teu lar". Atua também em programas de atualidades políticas e de problemas sociais, sob a forma de mesas-redondas, debatendo esses assuntos com deputados, senadores e outras personalidades, não só com segurança, como com uma notável capacidade de improvisação. Se as mulheres que ouvem os seus programas de rádio comparecerem às

D. Herminia Faria Fernandes de Lima, candidata da U.D.N. É uma figura de destaque e muito apreciada pela sua benemérita ação social.



PARA VEREADOR HERCILIA ROCHA PITTA

O P.T.B., — o partido de "ele disse", — tem apenas uma candidata, a dra. Hercília da Rocha Pitta, e, de resto, tem feito uma propaganda muito pálida do único elemento feminino de sua chapa. Parece até mesmo, que não tem muita vontade de elegê-la.

urnas para sufragar o seu nome, não resta a menor dúvida que Sagrador de Scuvero será eleita, por um número de votos expressivo, acima, talvez, da maioria dos candidatos do sexo forte. A outra candidata do Partido Republicano, — chefiado pelo sr. Arthur Bernardes e engrossado pela dissidência do P.S.D., — é a senhora Mercedes Dantas, professora pública municipal e escritora de merecimento, com vários livros publicados. Um desses livros, o de contos "Nós", foi premiado pela Academia Brasileira de Letras.

★

A União Democrática Nacional, o partido que sustentou nas urnas o nome impoluto do brigadeiro Eduardo Gomes, tem duas candidatas a vereador. E essas candidatas são a professora Lygia Maria Lessa Bastos, popularizada nos círculos esportivos da cidade pela sua perícia como jogadora de "tenis", atividade em que já levantou um campeonato, e d. Herminia Faria Fernandes de Lima. A primeira que há nove anos professa uma cadeira de Educação Física, lecionando atualmente na Ilha do Governador, na Escola Abeilard Feijó, é admiradora entusiasta do brigadeiro Eduardo Gomes e participou de toda a campanha udenista, fazendo em comícios, viajando em caravanas eleitorais e trabalhando na sede do partido. É a mais jovem das candidatas a vereadoras, tendo vo-

tado pela primeira vez no pleito de 2 de dezembro de 1945. "Cumprir o programa da U.D.N. porque nele está substanciada a doutrina pregada pelo brigadeiro Eduardo Gomes" é a síntese do seu programa. Antepõe o problema educacional a todos os outros. Se for eleita se botará também pela melhoria dos serviços de saúde e assistência. Lygia Maria Lessa Bastos queixa-se de que tem sido vítima de roubo de suas faixas, por adversários desleais. Na avenida Rio Branco chegou a surpreender pessoalmente um candidato de outro partido no momento em que arrancava sua faixa para a colocação da dele.

Sua companheira de chapa, d. Herminia Faria Fernandes de Lima, é fundadora da Obra de Fraternidade da Mulher Brasileira, instituição filantrópica particular que mantém postos de instrução, lactários, etc., em diversos morros do Rio. Presidente da "Ação Social da U.D.N.", instituição semelhante, que possui em funcionamento oito postos de instrução e alimentação para crianças pobres, nos diversos subúrbios da cidade, é técnica em Assistência Social e considera essa nova ciência como uma das mais eficazes para resolver os nossos problemas de desnutrição, alfabetização, etc. Trabalha há quase dez anos na Cruz Vermelha Brasileira, sem receber nenhum ordenado. Se for eleita não promete nada de novo. Garante, contudo, que continuará sua obra de assistência social, com a

maior amplitude de ação que lhe dará sua presença na Câmara Municipal.

★

O Partido Trabalhista Brasileiro, — o partido do "Ele disse" (uma das coisas que "ele disse", aliás, foi que "voto não enche barriga"...), — tem apenas uma candidata a vereador, que é a Dra. Hercília Rocha Pitta. O Partido Trabalhista Nacional, — adversário do P.T.B., o resultante de uma cisão deste, — foi mais generoso com as filhas de Eva e incluiu na sua chapa duas candidatas, as senhoras Vera Salusse Monteiro e Maria Zila Guimarães. A senhora Vera Salusse Monteiro se apresenta como "a candidata dos extra-numerários", visto pertencer ela própria a essa categoria de funcionários. Seu nome foi lançado pelos seus colegas do Serviço de Estatística e Previdência do Trabalho do Ministério do Trabalho. Sendo os extra-numerários no Distrito em número de duzentos mil, acredita ter grandes responsabilidades de vitória. Presidiu a Ala Social Feminina do P.S.D., do qual se desligou para ingressar no P.T.N. Considera os problemas mais imediatos entre os que afligem o povo carioca: transporte, alimentação e moradia. Não tem feito grande campanha eleitoral, com faixas, cartazes, etc., devido a ser pobre de recursos financeiros o movimento que a lançou. Acha, entretanto, que

Lia Correia Dutra, é candidata do P.C.B., contra seu pai, Ataliba Correia Dutra, que é candidato da U.D.N. Prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras e prêmio Humberto de Campos, com o livro "Navio sem porto".

Sagrador de Scuvero, a popular locutora da Rádio Globo, diretora do programa "O mundo não vale o teu lar" e de mesas redondas sobre assuntos políticos e sociais da atualidade. É muito provável a sua eleição, se as suas "fans" forem votar...

Esta é Dyree Motta, da Esquerda Democrática. É funcionária do Ministério da Agricultura e sustenta os princípios socialistas do partido presidido pelo senhor João Mangabeira.





Mercedes Dantas, professora catedrática do Instituto de Educação e escritora premiada pela Academia Brasileira de Letras, com o livro de contos "Nós". E' natural que se interesse pelo problema da roupa, isto é, o de vestir os nós...



Odila Michel Schmidt é uma trabalhadora da Light e candidata do Partido Comunista do Brasil. Promete defender, principalmente, as reivindicações das telefonistas cariocas.



Mirabel Smith Ferreira Jorge, candidata da Esquerda Democrática. E' vice-presidente da Associação de Enfermeiras do Distrito Federal e trabalha nos serviços de Saúde Pública da Municipalidade. Seu maior empenho é melhorar esses serviços.



Uma faixa da candidata de côr Guilomar Ferreira de Mattos. Ela figura na chapa do P.S.P., coligação de pequenos partidos sem muita "chance" eleitoral. Com menores possibilidades do que esse agrupamento só mesmo o P.R.P.

dentro de sua própria classe poderá fazer proveitosa propaganda.

Conseguirá alguma trabalhista, brasileira ou nacional, ser eleita para a Gaiola de Ouro?

E' o que veremos.

★

Os partidos menores, sem grandes "chances" eleitorais, — e que talvez não cheguem a ter representantes no Conselho Municipal, também deram lugares nas suas chapas a representantes do belo sexo. Na chapa do P.S.P. estão a senhora Nini Miranda, jornalista, e a senhora Guilomar Ferreira de Mattos, que é advogada. A senhora Nini Miranda se apresenta como a candidata das filhas. Seu verdadeiro nome, aliás, é pouco conhecido: Anna da Rocha Miranda Schnoor. E' presidente da Associação das Donas de Casa, instituição que deu muita dor de cabeça ao ditador, quando em outubro de 1945, depois de um comício realizado em frente ao Catete foi até ao Guanabara reclamar de Getúlio o que trazia o povo carioca amargurado: pão, casa e transporte. Aliás será esse o seu programa na Câmara Municipal se lá chegar "Comida, moradia, transporte e vestuário" para o povo necessitado. Se não for eleita continuará se batendo pelo mesmo lema na Associação das Donas de Casas. Considera o prefeito Hildebrando de Goes um grande amigo da cidade e conta com ele para resolver o que ela chama de seu "programa simples e essencial". Travou, também, animada polêmica com o general Anípio Gomes, a propósito das atividades da Associação das Donas de Casa.

E finalmente, até mesmo o P.R.P., nome novo da velha Ação Integralista Brasileira, do sr. Plínio Salgado, também apresenta uma candidata a vereador, a senhora Olga Monteiro de Barros, apresentada como "escritora".

★

Aí estão as candidatas, com seus títulos e os seus programas. Vejamos, agora, o que o eleitorado pensará delas. A apuração do pleito de 19 de janeiro é que nos vai dizer.

★

Sagramor de Seuvero não só encontrou voluntários na sua campanha de propaganda, — quase todas mulheres, — como ainda se tem beneficiado da projeção do "O Globo" e da Rádio Globo para a sua propaganda. O Partido Republicano deu o que, em gíria, se chama "um golpe certo", ao incluí-la na sua chapa.

Sagramor de Seuvero declara que tem um programa social a cumprir e que cumprirá como vereadora ou sem o ser.

Entrevistada por "O Globo", eis o que declarou a jovem candidata do P. R.:

— Se eu for eleita — diz Sagramor de Seuvero — hei de considerar o lugar de vereadora como um encargo. O encargo de prosseguir no meu trabalho de Serviço Social. Mas, então, em âmbito mais amplo e com maior eficiência.

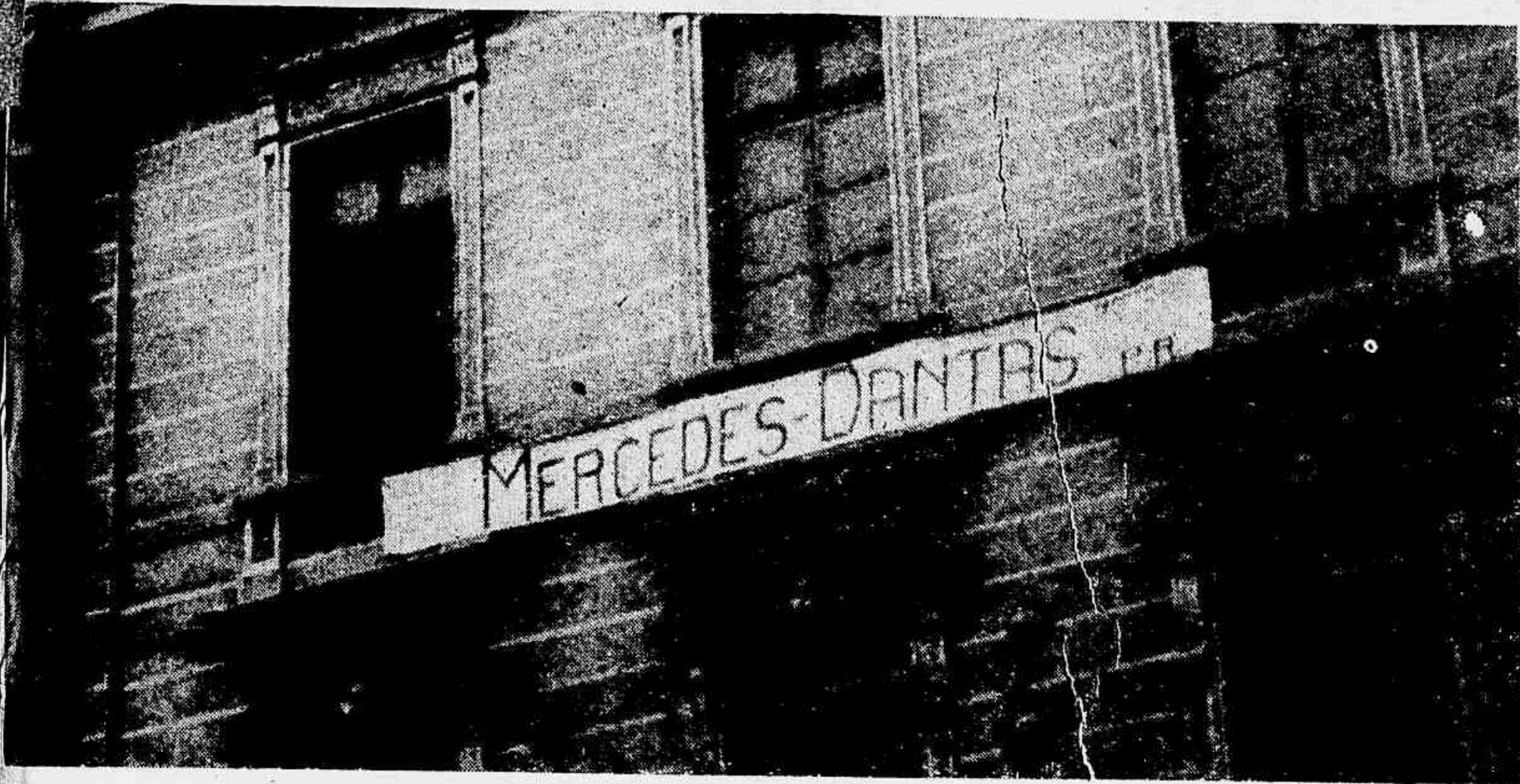
Se até hoje tenho conseguido internar várias dezenas de tuberculosos, hei de conseguir, então, o internamento de várias centenas. Se até hoje tenho logrado matricular em escolas várias centenas de crianças, hei de lograr matrícula para vários milhares. Se até hoje, com a ajuda de particulares, tenho obtido alguns pequenos melhoramentos para a gente dos morros, hei de alcançar muito maiores resultados, a esse respeito, com a ajuda da Municipalidade. Como se vê, eleita ou não, pretendo não a'lerar o rumo da minha vida: continuarei a dedicar o melhor dos meus esforços ao serviço dos necessitados. Com uma diferença: é que da tribuna da Câmara Municipal poderei atender a todos. Não a milhares, mas a milhões. Sim, milhões, porque todos os que habitam nesta cidade são necessitados. Para prová-lo basta o periódico tormento da falta d'água, a constante aflição dos que dependem de condução, a tremenda tortura do "mercado negro", e tantas coisas mais. Devo esclarecer, porém, que não faço demagogia. Não direi que basta votar em meu nome para que apareça, como por encanto, tudo: hospitais, escolas, água, bondes, ônibus, comestíveis, etc. Contudo, como até hoje tenho feito continuarei a trabalhar e a clamar pelos necessitados que somos todos nós, infelizes habitantes da cidade enxada maravilhosa.

Sagramor de Seuvero fala também do problema do menor abandonado, um dos mais importantes pontos do seu programa. E conclui, afirmando:

— Se for eleita, ou mesmo que não o seja, o meu programa é um só e mesmo de sempre: serviço social.



Iyglia Maria Lessa Bastos. Professora de educação física há nove anos, trabalha na ilha do Governador e, naturalmente, defenderá no Conselho Municipal as aspirações dos moradores dessa ilha. E' a mais nova das candidatas.



Uma faixa da candidata Mercedes Dantas, no edifício da Sociedade Propagadora de Belas Artes. Está num lugar estratégico, bem alto... Essas, os inimigos das mulheres não conseguirão tirar...

Por que existirá indisposição contra as candidatas femininas em certas camadas da nossa população? A verdade é que essa indisposição existe. Não me venham dizer que não. Podemos surpreender provas disso, não só na absoluta ausência de quaisquer elementos femininos na chapa da Aliança Trabalhista Democrática (P.S.D. e alguns pequenos agrupamentos sem maior expressão partidária), mas mesmo em outros partidos que, apresentando chapas completas, não quiseram dar essa "chance" senão a uma ou duas cidadãs. Numa conversa de auto-lotação, surpreendi, há dias, uma dessas manifestações de intolerância. Na frente do auto-lotação iam dois bancários, pelo aspecto cheios de seção ou coisa parecida. Ambos debateram contra o que chamavam a intromissão das mulheres na política.

— O lugar da mulher é no lar, — dizia um deles.

— Tem razão, apoiava o outro. É um absurdo que tantas mulheres queiram ser vereadoras... Por que é que não vão cozinhar ou cuidar de crianças? Isso é que é função de mulher...

A essa altura, resolvi intervir na conversa:

— Já se foi o tempo em que o lugar da mulher era no lar... Hoje, meus amigos, Eva conquistou um lugar na vida ativa, no mundo dos negócios, nos círculos políticos e na diplomacia. Se a mulher pode voar e pode ser igualmente votada na Inglaterra, nos Estados Unidos, na França, na Itália, em suma, em tudo quanto é país democrático, porque não há de o ser também no Brasil? Como poderíamos ser uma democracia, cancelando os direitos políticos de uma grande parte dos cidadãos do país?

— Ora, o Brasil é diferente...

— Isso é o que os senhores pensam. Todos os homens são iguais e todas as nações se parecem, quando se trata

de salvaguardar os direitos essenciais, as liberdades públicas, as prerrogativas políticas. Não se pense que as mulheres, sem direitos políticos, se resignem hoje em dia a ficar no lar. A independência econômica que elas estão conquistando é benéfica, não só a elas, mas à sociedade em geral... Se estivessemos num mundo justo, onde as instituições de previdência funcionassem maravilhosamente, onde os direitos das viúvas e dos pobres fossem respeitados, muito bem... Mas, agora, digam-me: que faz a mulher educada para o lar e só para o lar, a que aprendeu apenas a cozinhar para o marido, a servir meias e a coser camisas, a ter filhos e criá-los, que por acaso morre seu companheiro ainda jovem e a deixa com uma carga de cinco ou seis filhos menores, totalmente ao desamparo? Não é melhor que, numa ocasião dessas, ela tenha uma habilitação que a ajude a ganhar a vida honradamente? Não é melhor que saiba contabilidade, em vez de bordado; datilografia, em lugar de receitas de bolos; ou química industrial, em vez de uma prenda qualquer decorativa, mas inútil? E a que sociedade poderá na verdade progredir modernamente e alcançar uma unidade tanto quanto possível perfeita, se estabelece no seu seio divisões de qualquer natureza, baseadas no preconceito de sexo, no preconceito de cor, na intolerância religiosa e quejandos? Hoje em dia, a mulher tem responsabilidades cada vez mais amplas, na sociedade. Até mesmo nos campos de batalha, ela se apresenta, com a sua bravura e a sua abnegação, no desempenho da mais nobre de todas as missões: a de salvar vidas. Os Exércitos de hoje, pelo volume da sua mobilização para a guerra total, já não podem prescindir da mulher para a formação de suas reservas, para a execução dos seus serviços auxiliares. A mulher povoa o país, a mulher cria e educa os futuros cidadãos, é ela quem os forma e quem lhe inculca a crença na pátria, na honra, nos princípios morais. Papel mais relevante do que esse é impossível. E se esse lhe é dado executar, — por que e em nome de que lhe querem recusar o papel muito mais simples, de legisladora, de colaboradora nas leis, de inspiradora de atos políticos em benefício do povo? A sensibilidade feminina é sempre mais aguda e o espírito feminino sempre mais generoso do que o dos homens. Muitos séculos se passaram sem que elas reclamassem os seus direitos políticos postergados. Mas, desde que os reclamaram e suas reclamações foram universalmente aceitas, que mais querem? Até no Japão, meus senhores, — até no Japão feroz e feudal, no país que só agora está emergindo do obscurantismo e da ignorância política, que chegava ao fanatismo cego pela pessoa do seu caricato imperador, já há mulheres votantes e mulheres eleitas para a Dieta!

★

Verdade é que não cheguei a fazer todo esse veemente discurso, porque, antes de terminá-lo, os opositores das candidatas a vereador tinham saltado, mais ou menos nas imediações do City Bank... Mas daqui lhes mando o resto e, como represália, afianço que vou sufragar um nome feminino no pleito para vereador. Não sei ainda se Maria Luíza Dória Bittencourt, a que foi presa em 1937, se a popularíssima Sagramor de Seuvero... Ainda há tempo e até 19 de janeiro creio que me decidirei...



Araceli Moquel, advogada no-fôro trabalhista e candidata do P.C.B. Tem atuado como secretária particular do senador Luis Carlos Prestes e é um dos elementos mais entusiasmados da chapa comunista. Tem-se na conta de eleita.



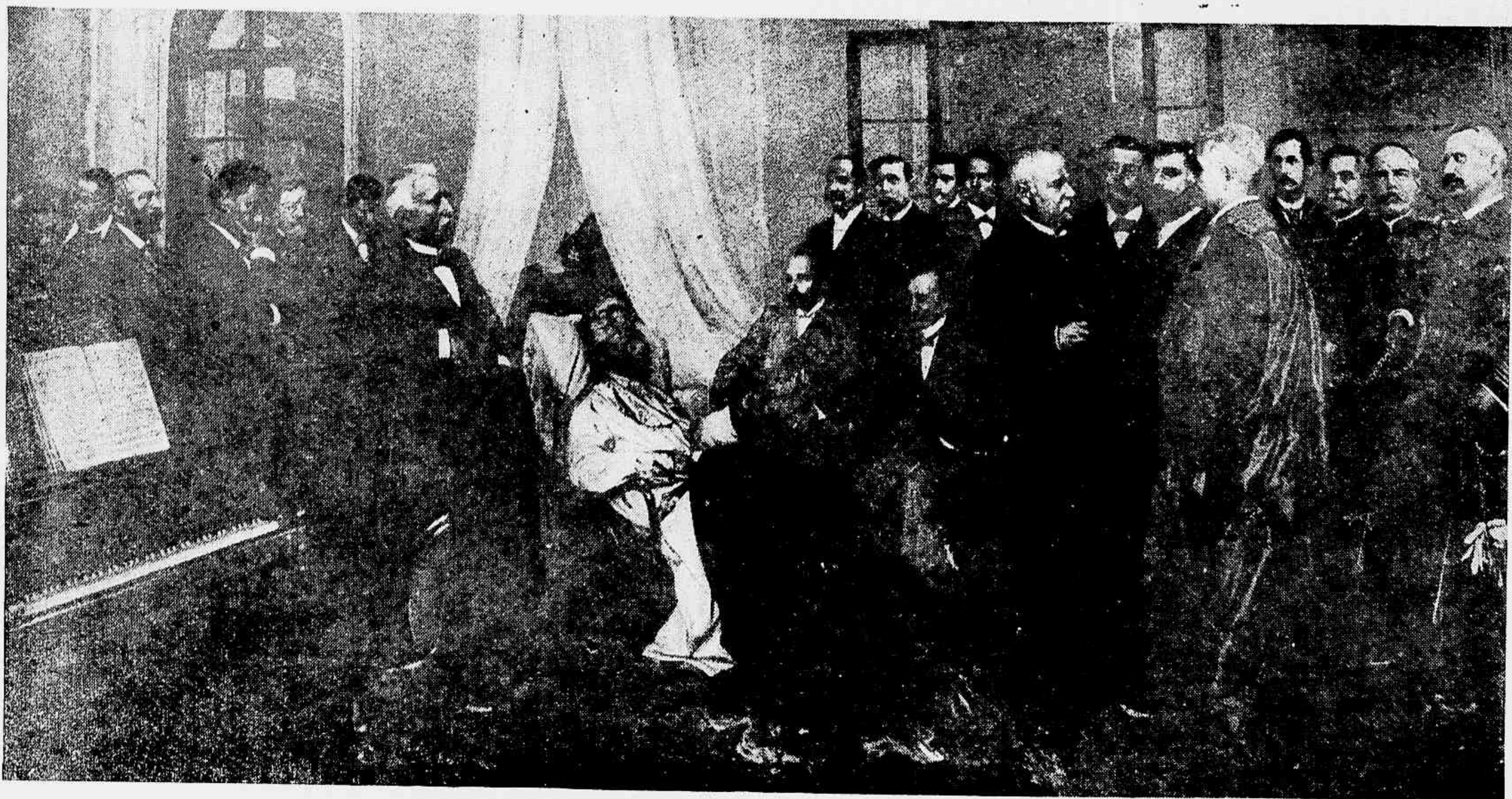
D. Nini Miranda. — Anna Rocha Miranda Schnoor, — presidente da Associação das Donas de Casa, deu dores de cabeça ao ditador Getúlio Vargas e ao general Anápio Gomes. É candidata do P. S. P.



Eloisa Prestes é irmã do senador Luis Carlos Prestes. Voltou há pouco da Rússia, onde passou 14 anos. Foi condecorada pelo marechal Stalin. É uma das candidatas do P. C. B.



Maria Luíza Dória Bittencourt. Era deputada estadual na Bahia pelo chamado "Partido Sem Deus", que repelia as maquinações integralistas. Foi presa depois do golpe de 1937 por suas tendências socialistas.



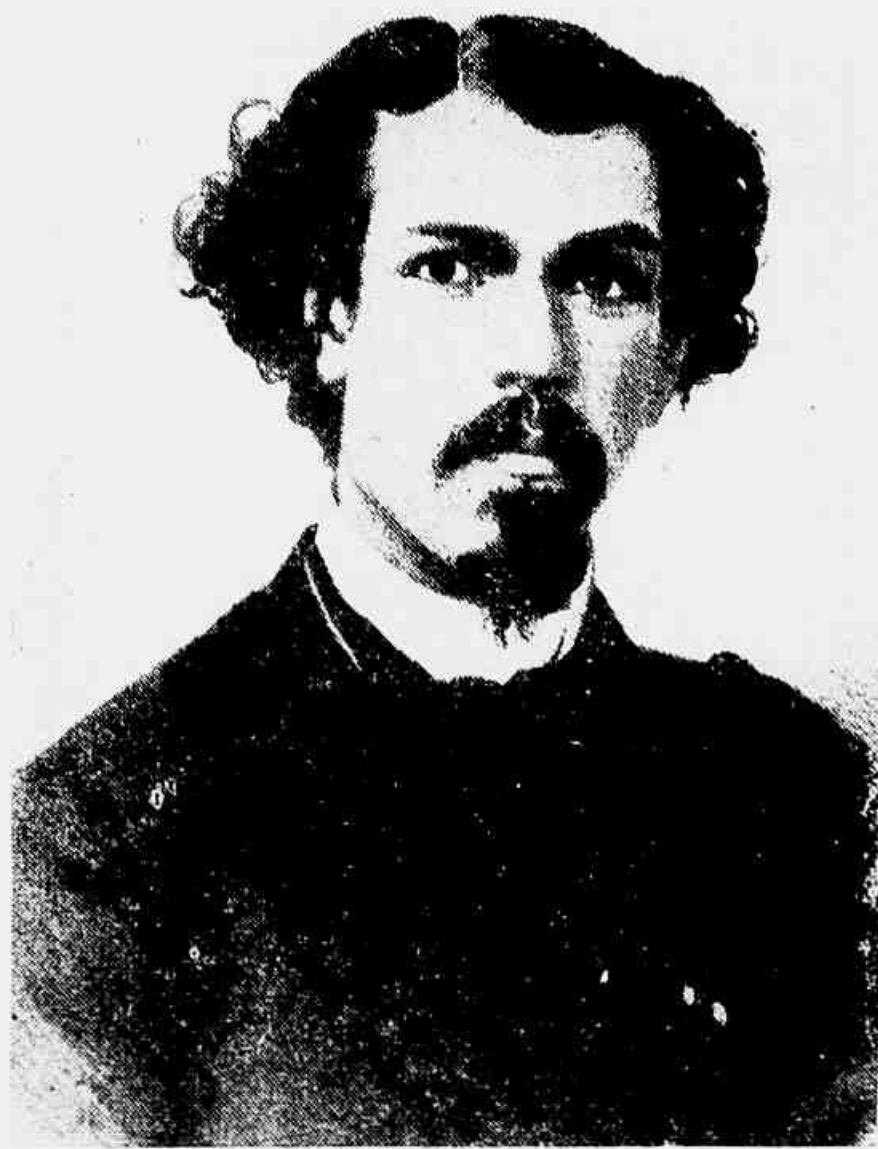
"A morte de Carlos Gomes", segundo um quadro do pintor italiano De Angelis, existente na Pinacoteca da Prefeitura de Belém do Pará. Essa pintura deve ser fantástica, pois custa a crer que os aposentos de um moribundo pudessem ser invadidos por uma aglomeração tão aparatosa...

A PROPÓSITO DE CARLOS GOMES

ASSIM anotou André Rebouças os últimos meses de vida e o passamento do seu dileto amigo Antonio Carlos Gomes, o "Tônico de Campinas" como ele próprio se apelidava. Naquelas reticências, há mais eloquência, mais sentimento, maior dór, do que em qualquer discurso fúnebre proferido em homenagem ao grande músico desaparecido aos 60 anos de idade, em Belém do Pará, cidade então muito próspera, devido principalmente à alta da borracha, e onde os "snobs" acendiam charutos com cédulas de quinhentos mil réis, segundo afirmam contemporâneos nossos que alcançaram aquela época.

Pobre, desalentado, vítima de terrível enfermidade que o levou ao túmulo, Carlos Gomes manifestara desejo de regressar à pátria, dizendo mesmo ao médico que o tratava na Itália: "Doutor, se é de morte o meu mal, quero ir morrer na minha terra!" Lauro Sodré, que era na ocasião governador daquele Estado nortista e sincero admirador do maestro, convidou-o para dirigir o Conservatório de Música da Capital paraense, convite que foi imediatamente aceite. Estava, porém, escrito que Carlos Gomes voltaria ao Brasil tão somente para receber em vida as derradeiras homenagens dos seus compatriotas, confortadora compensação dos inúmeros dissabores que tanto o afligi-

Carlos Gomes em 1860, por ocasião da estréia de suas operas "Noite no Castelo" e "Joana de Flandres".



Passou em branca nuvem o cinquentário da morte do grande operista brasileiro — Revivendo episódios de sua vida.

Por SYLVIO MOREAUX

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

"1896 — 8 de Abril: Operação na língua, em Lisboa.
14 de Maio: Recepção muito afetuosa no Pará.
16 de setembro..."

ram, na maioria causados — dolorosa verdade! — por muitos patricios seus, invejosos da sua glória. Carlos Gomes dirigiu o Conservatório de Belém apenas durante quatro meses incompletos. A morte colheu-o em plena atividade, exercida mau grado os inenarráveis sofrimentos oriundos da insidiosa moléstia. Seu corpo repousa na sua cidade natal, Campinas, na base do monumento que ali lhe foi erigido. Sua obra, passou à posteridade, apesar das agressões sofridas. Muitos dos seus detratores já se encontram "descançando" nos sete palmos de terra e ninguém se lembra deles. Razão de sobra teve aquele que afirmou que a crítica não pode destruir o que nasceu para viver, da mesma forma que não pode dar vida ao que nasceu para morrer. A obra de Carlos Gomes nasceu para viver.

FUGA DE CARLOS GOMES PARA O RIO — CARTA A SEU PAI, MANUEL JOSÉ GOMES

Desejando ampliar seus conhecimentos musicais, o que não lhe seria possível na sua cidade natal, Carlos Gomes, ante a recusa paterna para vir estudar aqui no Rio, resolveu fugir de casa. Eis na íntegra a carta que enviou a seu pai, maestro Manuel José Gomes, logo que chegou a esta Capital, no dia 20 de junho de 1859.

"Meu bom pai. — Nem sempre deve-se julgar as coisas pelas aparências. Não só em Campinas, Itú, São Paulo, como em outros lugares de nossa provincia, deixa de ser conhecido o meu caráter. Por conseguintes, cheio de esperança de que justiça me será feita mais tarde, dei o passo que dei. Uma idéia fixa me acompanha, como o meu destino. Tenho eu culpa, porventura, de tal coisa, si foi Vm., que me deu o gosto pela arte a que me dediquei, e si seus esforços e sacrificios fizeram-me ganhar ambição de glórias futuras? Não me culpe pelo passo dado hoje: Juca, foi testemunha do que se passou em São Paulo: da estima e das ovações que recebemos dos estudantes. A educação que Vm., me deu e meu procedimento até hoje, dão-me direito de esperar de meu pai uma certa confiança e um animador — espera —. Minha intenção é falar ao imperador, para obter dele proteção, afim de entrar no Conservatório desta cidade. Não perderei tempo. Tudo isto que lhe estou dizendo, o desgostará,

pelo motivo de eu ter saído de lá sem sua licença; mas tenho confiança na minha vontade e no pouco de inteligência que Deus me deu. Nada mais lhe posso dizer nesta ocasião; mas afirma a Vm., que minhas intenções são puras, e que espero desassocegado a sua benção e o seu perdão. — Seu filho, — Antonio".

Carlos Gomes, que se achava hospedado em casa do comerciante Azarias Botelho, residente à Rua Direita, (hoje 1º de Março) 143, esperou aflito a resposta à sua carta. No dia 2 do mês seguinte, julho, recebeu uma longa missiva de seu pai, muito severa nas primeiras linhas, mas que terminava com as seguintes palavras: "Deus te abençoe! Deus te conduza próspero, avante, pelo árduo caminho da glória! Trabalha, e sê feliz!"

Essa carta, decidiu o destino de Carlos Gomes. Confiante nos seus dons artísticos e animado pelas palavras paternais, matriculou-se no Conservatório de Música dirigido por Francisco Manuel da Silva, e dois anos depois, portanto em 1861, apresentava a sua primeira ópera, "A Noite do Castelo", com libreto em português, de autoria do poeta Fernandes dos Reis, baseando-se o mesmo, no

(Continua na pág. 55)

O monumento a Carlos Gomes em Campinas, terra natal do autor de "O Guarany"



CARTA ABERTA ÀS SOLTEIRAS

Por ONDINA FERREIRA

(Autora de "Inquietação")

Especial para REVISTA DA SEMANA

CAIU-ME nas mãos, hoje, uma estatística sobre casamentos, que me provocou reflexões. Pensei em vocês, meninas solteiras da minha terra, que se debruçam interrogativamente sobre as águas do futuro, tentando perceber, através da superfície líquida, o vulto impreciso dos maridos de seus sonhos. Envolvi na mesma simpatia, você, professorinha, atordoada com a sua classe de garotos inquietos; você, datilógrafa, que dedilha na máquina a correspondência do escritório; você, adolescente, cujo rosto da frescura de rosas entreabertas, reflete as emoções do primeiro namoro. Vocês precisam conhecer os algarismos dessa estatística, que responde à pergunta tantas vezes esboçada pela nossa curiosidade: qual a média das mulheres que se casam?

Segundo os apontamentos em meu poder, a porcentagem varia de 62% no Japão até 43% na Finlândia. O Brasil não é referido na lista mas acredito que a média das casadas, por aqui, não seja superior à dos Estados Unidos, onde os matrimônios se fazem e desfazem com tanta facilidade: 61%. Isso significa que, na melhor das hipóteses, 39% de vocês, voluntária ou forçosamente, permanecerão solteiras. Para muita gente, o casamento ainda representa a única finalidade compatível com a condição de mulher e existe muita moça exclusivamente educada para os mistérios de dona de casa. Mas, reflitam bem, uma finalidade que falha 39 vezes sobre 100, não merece inteira confiança; não constitui uma finalidade que anule outros objetivos. Quem, entre vocês, pode garantir que não estará incluída no número das solteiras da estatística? Não foi inventada, ainda, uma vacina contra o celibato, e as "casamenteiras" do tempo de nossas avós, parece que se aposentaram definitivamente. A única lei que regula os casamentos é, segundo as aparências, a lei do acaso. Com sabedoria afirmava um velho brocardo: "Casamento e mortalha no céu se talha". O dinheiro e beleza são atributos que pesam na balança do destino; menos, porém, do que os caprichos deste. Quanta moça rica e bonita não envelhece, por aí, sem ter encontrado companheiro?

Não se assustem: sempre houve solteironas e nem por isso a terra deixou de girar em torno do sol, nem as populações de aumentar, ano a ano. Antigamente, sim, as solteironas eram dignas de lástima. Compunham a triste melancolia das "titias", flores de sombra, que se fanavam em lares de empréstimo, onde nem sempre a sua presença era desejada. Mas a mulher solteira de hoje, libertada do complexo de inferioridade, que a tornava tão

passiva e tão dependente, é um ser igual aos outros, consciente de seus direitos à vida.

Não vejam em mim uma feminista do velho estilo. Estou de inteiro acordo com os que proclamam que a mulher se realiza magnificamente no casamento. Servindo-me de uma comparação musical, direi que a maternidade é o único arco que faz vibrar certas cordas do temperamento feminino — as mais sonoras e as mais ricas, sem dúvida. Mas há outros arcos e outros sons. Também a mulher que se absorve exclusivamente com a família não utiliza todas as suas possibilidades, deixando mudas muitas cordas no instrumento que simboliza. Conta-se que Paganini na prisão, arrancava melodias encantadoras da corda única, que restava ao seu violino. Façam como o grande virtuose. Não é a variedade das notas que importa na música, mas a arte com que é executada.

Vocês nasceram numa época feliz, moças do século vinte. Se não se casarem, poderão repudiar todos os tricôs e todos os bordados, com que as "titias" entretinham sua ociosidade, e enveredar pela carreira da sua escolha. Todas as profissões estarão de portas abertas diante de vocês. Vocês devem muito a mulheres ilustres do século passado, tais como Maria Wollstonecraft, Ruth Owen, Margaret Bondfield e outras, que utilizaram todas as suas energias, para conseguirem que a mulher participasse dos direitos civis e políticos do homem. Mas acho que o nosso melhor aliado foi o tempo, esse tempo que gera e destrói preconceitos, numa renovação incessante. E a máquina, filha do tempo, bem que colaborou na libertação da mulher.

Naturalmente, os homens protestaram contra as transformações que lhe afetavam a autoridade de mais fortes. Mas não liguem às coretas de desagrado, que porventura perceberem quando se candidatarem a algum posto antes exclusivamente reservado a marmanjos. Os homens são muito egoístas. Observem como se afizeram depressa ao novo hábito de não ceder lugar às senhoras nos bondes e nos ônibus. Dentro de um ônibus, o homem mais reacionário esquece os argumentos com que habitualmente assinala a incompatibilidade da mulher com determinadas tarefas: "sexo frágil, sem resistência física". Mesmo diante de uma senhora idosa ou de uma mãe sobrecarregada com o seu bebê, um cavalheiro comodamente instalado se torna subitamente cego, surdo e paralisado. Pois se os homens nos consideram em igualdade de condições dentro de um ônibus superlotado, acabarão, pela força do hábito, por nos considerar como iguais nos escritórios, nas fábricas, nos hospitais, nas escolas superiores. O hábito é uma



Gabriela Mistral, Prêmio Nobel de Literatura de 1945. Traduzida por muitos dos nossos poetas, Gabriela também divulgou vários deles em espanhol.

cousa perigosa... E não importa que eles não aplaudam o grande poeta americano Walt Whitman, que proclamou em versos belíssimos:

"I am the poet of the woman the same as the man.
And I say it is as great to be a woman as to be a man".

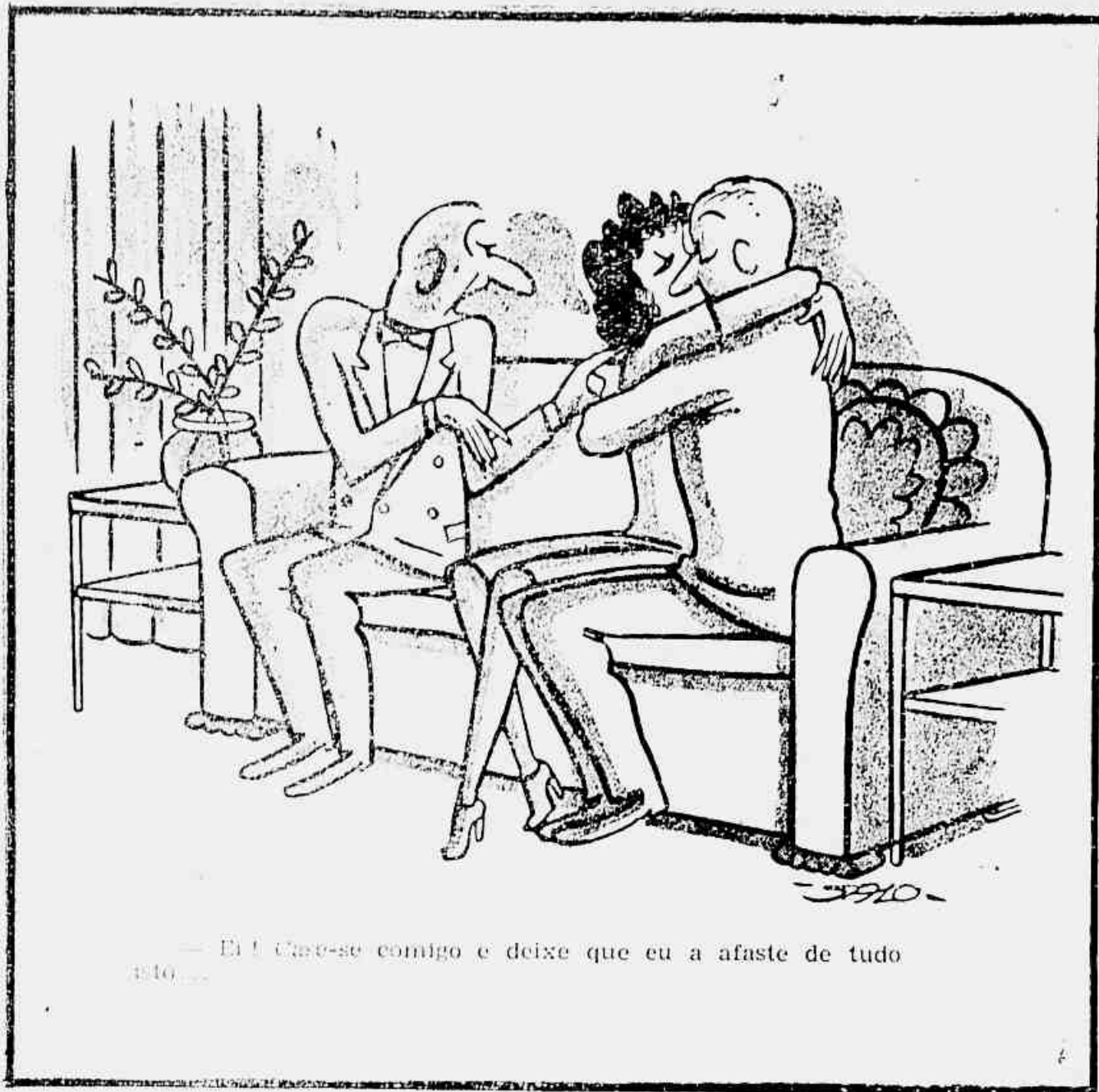
É bastante que não ponham pedras no caminho que leve ao aproveitamento de nossas capacidades e a nossa emancipação econômica.

Chegamos, pois, à conclusão de que vocês, minhas amiguinhas, não devem preparar-se só para o casamento, mas também para a vida. Pioneiras conquistaram para vocês o direito de usar o cérebro, de utilizar a habilidade de suas mãos. Mas é preciso que vocês não considerem o trabalho como um interlúdio que o casamento encerrará, mais cedo ou mais tarde. Encorem sua profissão como um fim e não como um meio de realizar outros fins. Todo o qualquer trabalho exige preparo e árdua responsabilidade. Vocês têm grandes exemplos diante dos olhos. Um número cada vez maior de nomes femininos vêm sendo citados por seus empreendimentos nos campos dos serviços públicos, da ciência, da educação, da música, do jornalismo, do rádio e dos negócios. Nas letras contemporâneas, aí estão nomes como os de Pearl Buck, Sigrid Undset, Virginia Woolf, Lillian Hellman, Betty Smith, Elsa Triolet, Edna Ferber, Eve Curie, Ellen Glasgow, Willa Cather, etc. Só no ano passado, quatro grandes troféus literários fo-

(Continua na pág. 48)

A esquerda: Betty Smith, autora do admirável romance "Laços Humanos" (A tree grows in Brooklyn) e uma das mais vigorosas expressões da literatura feminina contemporânea. A direita: Pearl Buck, famosa escritora e líder social norte-americana, laureada com o Prêmio Nobel de Literatura.





— Ei! Case-se comigo e deixe que eu a afaste de tudo isto...

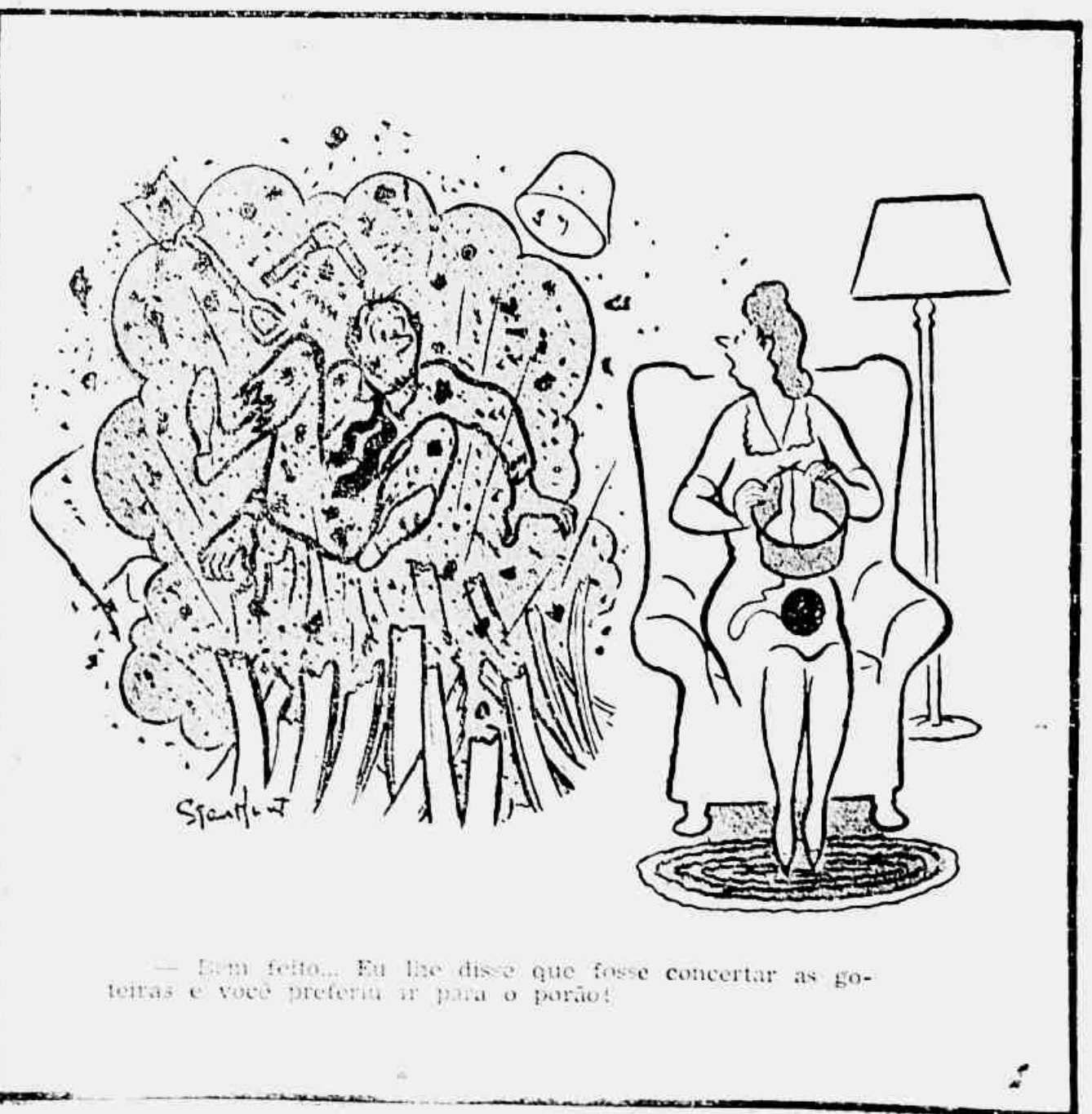


— E daqui a 700 anos, isto é, em 1947, haverá enormes filas contra as quais todos reclamarão...

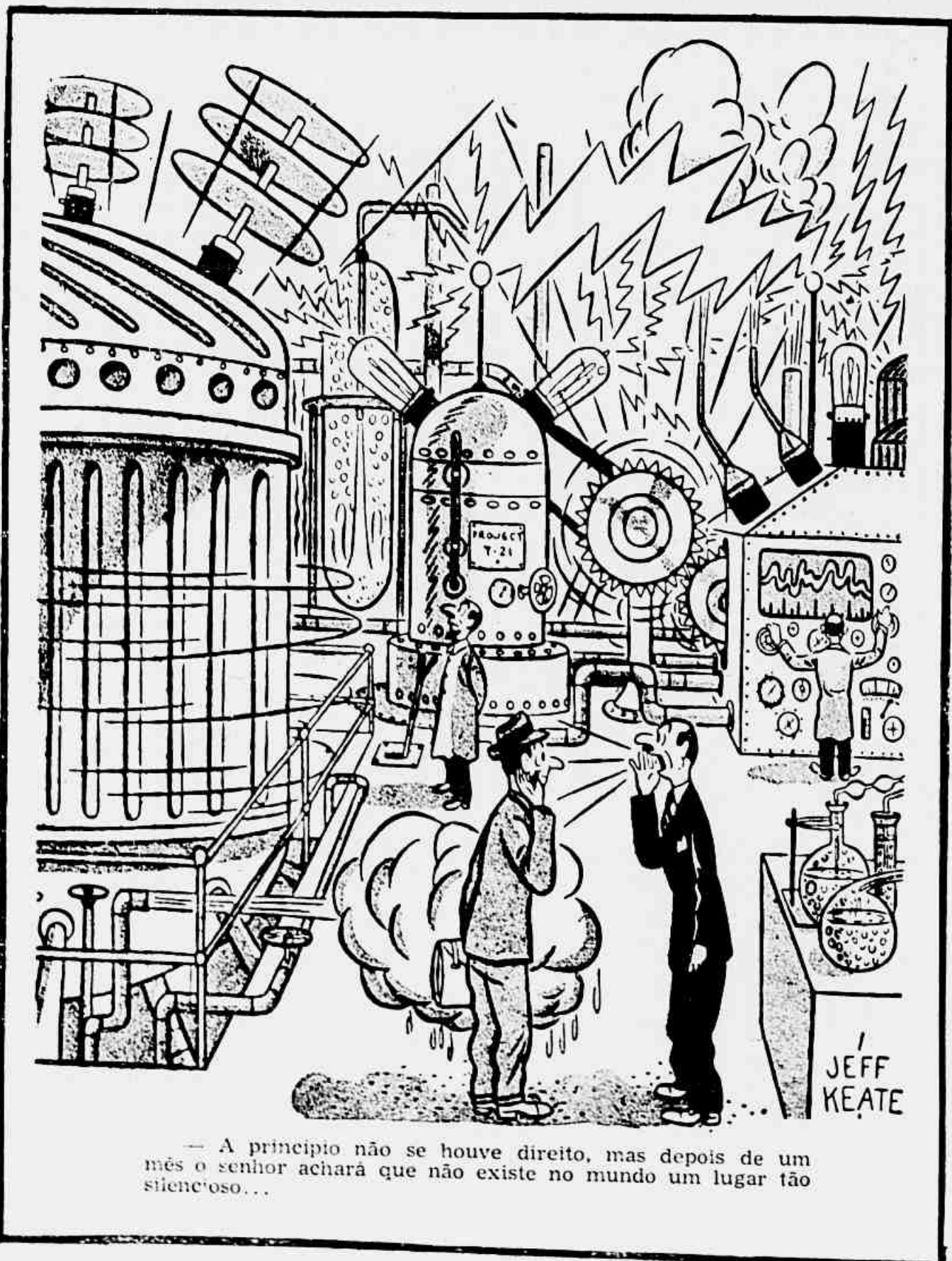


— Uma coisa que ninguém acredita é que o Benedito tenha feito, ele mesmo, toda a nessa mobília...

BOM HUMOR



— Bem feito... Eu lhe disse que fosse concertar as goteiras e você preferiu ir para o porão!



— A princípio não se houve direito, mas depois de um mês o senhor achará que não existe no mundo um lugar tão silencioso...



— É um cachorro muito inteligente... Ninguém o obriga a aprender coisíssima nenhuma...

Drucker



— Com os diabos! Bem têm razão os que dizem que nunca aparece um polícia quando se precisa de um!



— Veja se você termina esse assento cedinho, querido. Vou fazer bolos de bacalhau para o jantar...

Chava



1.

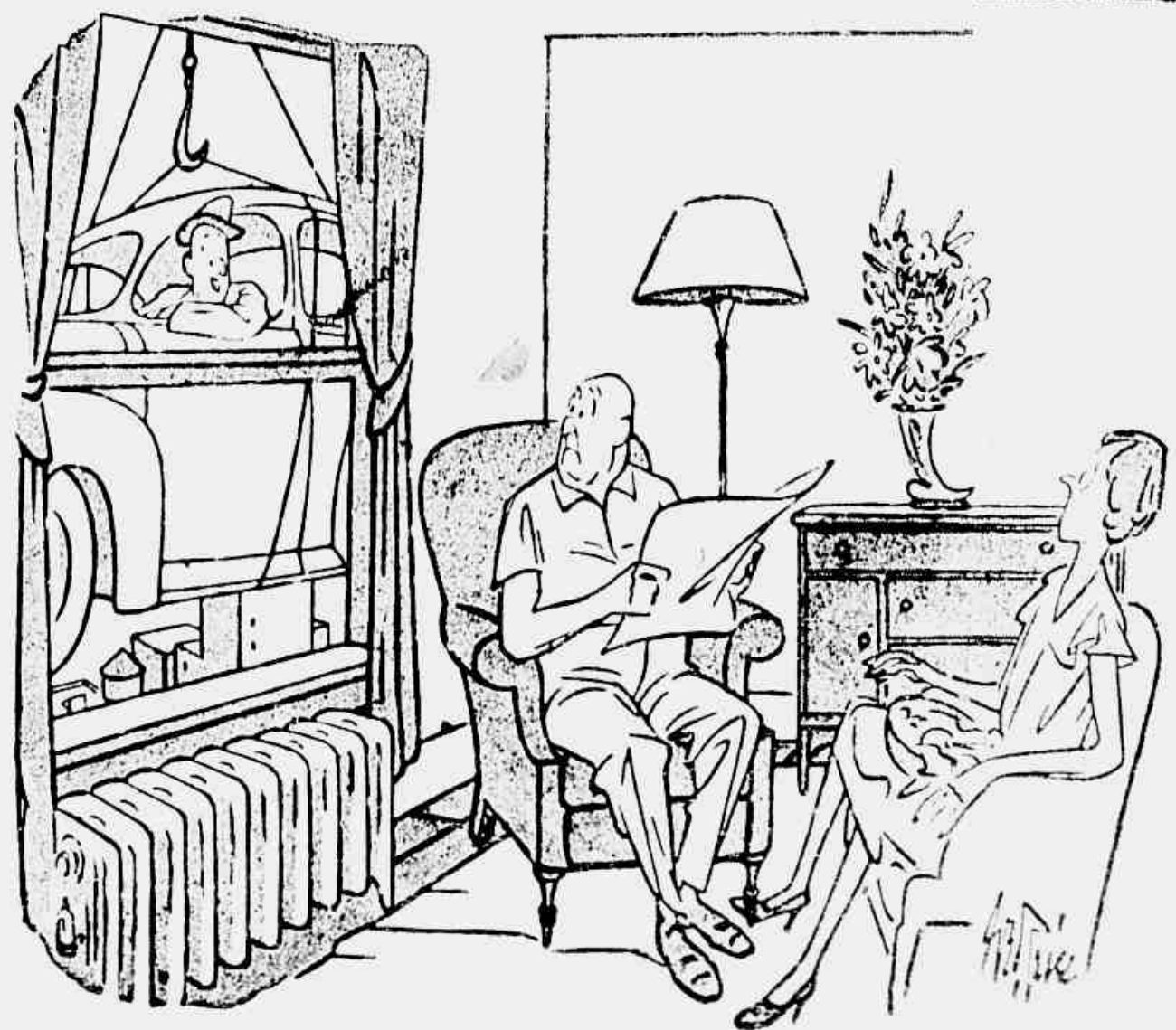


2.



3.

Ted Key



— Foi aqui que anunciaram que trocariam o contrato de um apartamento por um automóvel modelo 1947?

K. P.



Irene Vernon, Martha Montgomery, Mary Ellen Gleason, Lorraine De Rome, Betty Gargyle e Karen X. Gaylord, as seis Goldwyn-Girls que virão de avião ao Brasil cercam Luis Serrano, correspondente de REVISTA DA SEMANA em Hollywood, crivando-o de perguntas, inclusive sobre os galantes milionários do bife, da herba mate e do café...

VÊM AÍ AS FAMOSAS GOLDWYN-GIRLS!

O itinerário das bonitas garotas que deixarão Hollywood a 17 de janeiro em missão de boa vizinhança — Quando a política de aproximação começa a dar bons frutos... — São Paulo e Rio de Janeiro no roteiro da excursão das belezas de Sam Goldwyn.

HOLLYWOOD, — dezembro — (Por via aérea) — Afinal, a política de boa vizinhança está começando a produzir bons frutos. Graças a essa política, isto é, com intuito de "boa aproximação", de "maior acercamento" entre os povos do continente, é que vêm aí as famosas beldades da tela, conhecidas pelo nome de Goldwyn Girls. Antes da partida, esse plantel de maravilhosas pequenas conversou com jornalistas sul-americanos e eu tive o alto privilégio de ser um desses felizes mortais. Ainda estou sonhando com elas... quero dizer, pensando na bela viagem que elas vão fazer. Gostaria de estar aí, sinceramente, só para vê-las de novo, em conjunto. Samuel Goldwyn, o homem que descobriu e selecionou essas pequenas, para enfrentar com elas os seus filmes revistas, tem reputação de ignorante e a sua res-

peito circulam piadas só comparáveis àquela nossa, da "culca do Brasil", originada em Belo Horizonte. Mas não se pode negar que o velho tem olho para escolher pequenas bonitas e fotogênicas.

Agora, Sam Goldwyn resolveu incendiar a América Latina, com a visão radiosa de beleza e mocidade das Goldwyn-Girls. Elas partirão primeiro para a capital do México e, — sempre de avião, — irão em seguida a Cuba, San Juan de Porto Rico, Caracas, Bogotá, Colon, Lima, Santiago, Valparaíso, Buenos Aires, Mar del Plata, Montevideu, São Paulo, Rio de Janeiro, Belém e Port of Spain, de modo a estarem de nova nos Estados Unidos sessenta dias depois. A partida será o

Por **LUIS SERRANO**

(Correspondente especial da REVISTA em Hollywood).

17 de janeiro. E a 17 de março estarão outra vez em Hollywood, se Deus for servido e se os milionários da herba mate e do café deixarem, pois é muito provável que cada uma delas receba cem propostas de casamento por dia.

As Goldwyn-Girls, ao contrário do que se pode pensar, não são um grupo de coristas permanentes. Aquele conjunto é uma das melhores escolas dramáticas de Hollywood e pertencer a ele é o mesmo que adquirir um passaporte para a fama. Com certeza todos vocês gostarão de saber um pouco da história de famosas

conjunto que, por estes dias, estará aí no Brasil. E, por isso mesmo, vão aqui algumas notas, recolhidas entre elas e os diretores do estúdio de Samuel Goldwyn.

Há quinze anos passados Florenz Ziegfeld chegou a Hollywood com um grupo de cerca de 20 jovens encantadoras, o que causou um verdadeiro "stunt" de publicidade, o maior de todos os tempos. Samuel Goldwyn, que estava filmando uma película de Eddie Cantor naquela época, "desafiou" o famoso empresário para estabelecerem uma espécie de concurso de beleza entre as Ziegfeld Girls e as artistas do elenco do filme que ora filmava. Ziegfeld, que estava trabalhando com Goldwyn no mesmo filme, aceitou

Na página ao lado: uma das mais belas das Goldwyn-Girls que vêm ao Brasil — Irene Vernon





Num lindo "maillot" branco, bem proporcionada como uma estátua grega, aí está, à esquerda, a linda Martha Montgomery, uma das Goldwyn-Girls de 1947

o convite do outro não menos famoso empresário.

O torneio devia realizar-se publicamente e ser amplamente divulgado pela imprensa, com fotografias das concorrentes ao certame. Resultado: a opinião pública concedeu a vitória às jovens que pertenciam ao grupo de Samuel Goldwyn. Ziegfeld aceitou generosamente a derrota.

Quando o filme começou a ser exibido, os anúncios de publicidade lançaram uma inteligente propaganda em torno da vitória das Goldwyn-Girls. Logo depois morreu Ziegfeld, mas os elementos de seu grupo de garotas continuaram a aparecer juntas em filmes de Hollywood. Aos poucos, contudo, dispersaram-se essas jovens. Algumas delas que ainda vivem já estão na idade madura, já perderam toda a sua beleza plástica. Tanto assim que uma delas apareceu brevemente na Broadway num melodrama e fez o papel de mãe de um veterano da Segunda Guerra Mundial.

E durante os quinze anos que nos separam daquele rumoroso concurso de beleza surgiram muitas outras tentativas de realizar outro torneio congêner, mas nenhum deles alcançou a fama do que foi realizado em 1930. Mas através de todo esse tempo Goldwyn vem mantendo o seu grupo de "misses" capaz de se confrontar com outro qualquer que apareça. Atualmente as Goldwyn Girls alcançaram o máximo de pulcritude e encanto.

Ao filme em questão se seguiram cinco outros sucessos de Eddie Cantor, todos filmados por Samuel Goldwyn e apresentando as Goldwyn Girls. Em "Meu bot norreu" elas apareceram como belas e jovens "señoritas"; em "Escândalos romanos", como escravas; e em "Kid millions", como belas adormecidas...

A película "Strike me pink", em 1935, encerrou a série de comédias de Eddie Cantor e, com elas, os espetaculares filmes musicais de Samuel Goldwyn. Dois anos mais tarde as Goldwyn Girls reapareceram em "The Goldwyn Follies" e depois caíram no esquecimento por algum tempo, tendo Sam Goldwyn devotado seu tempo e seu talento em produção de filmes dramáticos ou comédias sem música. E seria mesmo provável que as Goldwyn Girls desaparecessem mesmo de todo se não fosse a "descoberta" do genial comediante Danny Kaye. Porque este artista cômico, com sua estréia no mundo do cinema em "Sonhando com os olhos abertos" (Up in arms) fez com que Samuel Goldwyn mandasse os seus agentes à procura de trinta beldades, algumas das quais haviam estado a serviço algum tempo antes. Com a produção, em 1944, de "O homem do outro mundo" (Wonder man) e "The kid from Brooklyn", em 1946, as Goldwyn Girls restabeleceram o seu prestígio e conseguiram reorganizar-se para novos torneios de beleza.

E no mais novo filme de Danny Kaye, "The secret life of Walter Mitty" impuse

A direita, aureolada por um sugestivo e romântico véu de noiva, aí vemos uma das encantadoras garotas que em breves dias estarão no Brasil: Mary Ellen Gleason.





Na página à esquerda, a linda Goldwyn-Girl Lorraine de Rome, cuja beleza dentro de alguns dias deslumbrará os olhos dos cariocas.

ram-se, realmente à admiração dos "fans". Existe uma razão ponderável que prova o seu sucesso. Segundo pesquisas da Audience Research Incorporation, quando as Goldwyn Girls aparecem num filme, as bilheterias acusam o aumento no rendimento de 500.000 dólares a mais sobre as comédias comuns. Isso quer dizer que essas garotas valem mais do que o seu peso em ouro...

Graças a isso foi que Samuel empreendeu agora uma das mais bem organizadas e dispendiosas campanhas de que se tem notícia na história de Hollywood. Após duas grandes excursões através de todo o território dos Estados Unidos, nas quais uma dúzia das Goldwyn Girls tiveram a oportunidade de visitar todos os centros metropolitanos do país, seis dessas jovens foram mais tarde enviadas à Grã Bretanha, a fim de excursionar durante dois meses pelo Reino Unido. E

para o ano de 1947, que era se inicia, está planejada uma grande "tourné" dessas lindas jovens por toda a América do Sul.

Contrário ao que se possa pensar, as Goldwyn Girls não têm contratos fixos a longo prazo com o famoso empresário cinematográfico. Para cada filme são escolhidas algumas delas esporadicamente. Outras, pertencentes ao mesmo grupo, estão atualmente sob contrato noutros estúdios, ou se encontram a serviço de Samuel Goldwyn apenas porque este as tomou emprestado ao estúdio empregador. Existem outras ainda que não pertencem a estúdio nenhum e trabalham independentemente como modelos ou atrizes do palco.

Contudo, Samuel Goldwyn pode orgulhar-se de ser o organizador desse grupo de jovens, que ele considera "as mais belas mulheres do mundo". Devemos



Karen X. Gaylord, — linda pequena que acompanha Danny Kaye em "O homem do outro mundo", "O tigre domesticado" e "The secret life of Walter Mitty"

acrescentar que hoje em dia essas mulheres variam no que diz respeito a estatura, peso, cor e personalidade. Mantêm, entretanto, entre uma média de 5 pés e 5 1/2 polegadas de altura, para o peso de 162 1/2 libras e a idade máxima de 21 anos. Se compararmos essas proporções com as estatísticas anteriores das Goldwyn Girls, notamos que as jovens atuais são mais baixas, mais esbeltas e mais jovens do que as anteriores.

Uma coisa que nos é absolutamente impossível é dizer qual o critério adotado por Samuel Goldwyn na escolha de jovens desse grupo para os seus filmes. Há quem diga que ele prefere essas cuja beleza pareça mais natural. Sabe-se, contudo, que o tipo da garota loura de corista é "persona non grata" para o produtor... É interessante notar também que todas, ou quase todas, fizeram o curso secundário e são oriundas de outras cidades que não Hollywood.

Os elementos que já pertenceram outrora ao grupo das Goldwyn Girls e

que hoje estão brilhando no firmamento da capital do cinema como "estrelas" de primeira grandeza são familiares aos apreciadores da cinematografia. Entre outras citaremos Paulette Goddard, Virginia Bruce, Lucille Ball, Jinx Falkenberg, Betty Grable, Virginia Mayo, Frances Gifford e Lorraine Day. E de todas estas a que se pôs em ascensão com mais rapidez foi Virginia Mayo, que pertencia ao grupo quando foi escolhida para trabalhar em "Sonhando com os olhos abertos", ao lado de Danny Kaye, e desde então se elevou à categoria de "leading lady" favorita do grande comediante.

Atualmente, as Goldwyn Girls são jovens que ainda não alcançaram o "estrelato", a não ser raras exceções. Poucas delas são profissionalmente falando, atrizes, sendo que algumas delas não pretendem sê-lo... Muitas ganham a vida como modelos e não têm nenhuma ambição de iniciar uma carreira artística no cenário de Hollywood. Verdade é que elas já têm deixado de resistir às instân-



Em cima — Lorraine Day, Lucille Ball e Frances Gifford, três nomes de relevo no mundo cinematográfico, foram há bem pouco tempo elementos de destaque do elenco disciplinado das Goldwyn-Girls.

das de Samuel Goldwyn, aparecendo em alguns filmes deste produtor, mas terminada a filmagem destes voltam aos seus empregos.

Não obstante quase todas as Goldwyn Girls serem cantoras, as vezes que aparecem nos filmes, em que trabalham, em certas cenas, não são das referidas jovens. Muito antes da filmagem dessas cenas musicadas um coro de vozes especialmente treinado grava as canções. O trabalho das Goldwyn Girls é apenas sincronizar o movimento de seus lábios de acordo com as palavras da letra da canção. Recebem bons salários quando estão trabalhando no cinema. Começam com 100 dólares semanais e recebem aumentos repetidas vezes. Geralmente são moças que vivem modestamente, quase sempre em companhia de suas mães, e economizam o máximo que lhes é possível de seus salários. A maior despesa que fazem é com vestimenta. Algumas delas são casadas. E os maridos de algumas ainda se encontram a serviço das forças armadas.

Como todas as jovens que desenvolvem suas atividades no palco ou no teatro, as Goldwyn Girls gostam de passar um período de férias longe de sua profissão, onde possam praticar o esporte e diver-

tir-se com o seu passatempo predileto. Uma dessas jovens está trabalhando nas horas vagas numa peça teatral e outra está escrevendo um livro sobre arte culinária. Outra ainda é uma jovem campeã do jogo de "bowling" em Los-Angeles. Duas outras preferem tratar de negócios e estão levantando um capital para abrir uma loja de modas em Beverly Hills.

"Where do they come from and where do they go?" (Donde vêm elas e para onde vão?) era o estribilho de uma velha canção sobre as Ziegfeld Girls. Como estas, as Goldwyn Girls têm por berço natal os mais diferentes Estados da terra do Tio Sam, mas que agora se encontram quase todas residindo na Califórnia. Muitas dessas jovens chamaram a atenção de Samuel Goldwyn no restaurante em que o produtor e sua esposa costumam fazer suas refeições. Samuel Goldwyn tem o hábito de observar os modos de uma jovens se servir à mesa. Quando uma o agrada ele trata de contratá-la para o grupo.

A segunda parte do estribilho da velha canção sobre as Ziegfeld Girls pergunta "para onde vão?". Aplicando-se essa pergunta às Goldwyn Girls, podemos responder: muitas a despeito de não terem essa ambição, seguirão fatalmente

o caminho do "estrelato" no firmamento de Hollywood. Outras permanecerão onde estão, trabalhando sempre como modelos ou como "starlets". Outras ainda evidentemente, acabarão casando e retirando-se do meio artístico para todo o sempre. Estas vão tratar de cuidar é de seu marido, de seus filhos futuros e de seu lar. Claro que depois de casadas, que tiverem filhos, deformarão a sua plástica impecável, mas terão ainda os seus dias de glória. E o nome de Goldwyn ficará associado ao de Charles Dana Gibson e Florenz Ziegfeld — os glorificadores, protetores e divulgadores da beleza escultural das jovens americanas.

A notícia da viagem de boa vizinhança das Goldwyn Girls à América Latina está destinada a alcançar, sem dúvida, a mais ampla repercussão. Estive com elas e devo dizer que todas estão na verdade entusiasmadas com a oportunidade que Samuel Goldwyn lhes vai oferecer. Aliás, segundo ouvi dizer, Carmen Miranda pretende fazer, também, por conta do seu empresário, uma "tournée" semelhante, com as doze belezas que aparecerão ao seu lado no filme "Copacabana", um novo tecnicolor ainda por terminar.

— Esperamos conhecer alguns dos en-

cantadores milionários brasileiros, — disse-me Evelyn. — Os brasileiros têm fama de ser muito galantes. Por enquanto só conheci aviadores. Eram muito distintos. Mas... que pena! Todos eram casados... Nenhum solteiro!

Não houve uma só que não me pedisse detalhes sobre o Rio de Janeiro e especialmente sobre a praia de Copacabana, onde pretendem mostrar os últimos "mail-lots" surgidos em Hollywood e que sabem jogar peteca com maestria. Estão também interessadas em melhorar seus conhecimentos de samba. Disse-lhes que os momentais cassinos estão fechados, mas existem várias "boites", e isso as consolou. Fiquem certos de que as seis pequenas que vão ao Brasil, — e ao resto da América do Sul, — por esses dias, são não somente seis pudins, seis bonbons, seis docinhos de côco, mas ainda meia dúzia de garotas de finíssima educação, encantadoras no trato pessoal como na aparência física e na linha das suas "toilettes". Demais de ter mandado ao Brasil tantos homens, Hollywood agora mudou de tática... Barbados, agora é a nossa vez! Façam fila, peguem autógrafos e... não percam o banho de mar das Goldwyn Girls em Copacabana!

Virginia Mayo, Betty Crable e Paulette Goddard, três atrizes vitoriosas que também foram coristas de Samuel Goldwyn no início de suas carreiras em Hollywood.



O SEGUNDO REINADO foi escola de governantes administradores e parlamentares, alguns de curso iniciado no Primeiro Reinado e na Regência, outros no próprio Segundo Reinado.

A República fechou a velha escola política e parlamentarista, abrindo outra de estatutos e alunos diferentes. Só um aluno principal da escola antiga, Saraiva, aceitou matrícula em a nova, matrícula que o aluno, de motes próprio, não tardou a trancar, trancando-se na sua Bahia e no seu engenho da Pojuca, onde tanto lêra a "Revista dos Dois Mundos".

Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque figurou na escola político-parlamentar de boa parte do Segundo Reinado. A política do tempo graduava postos e promovia ascensionalmente sem recurso a caixa de surpresas.

Eis a graduação e as promoções de Diogo Velho, o paraibano, nascido em 1829, num engenho, local de berço de tanto nortista ilustre.

Formado em direito pela Academia Jurídica de Olinda, aos vinte e três anos, apenas em vida pública inclinou-se à política nela se alistando para vida inteira no mesmo partido, o conservador, partilhando-lhe a boa e a má fortuna, os dignos só de um rosto.

No seu partido ficou Diogo Velho, para ser nele e por ele deputado geral pela Paraíba em quatro legislaturas, presidente do Piauí, Ceará e Pernambuco, ministro da Agricultura, da Justiça e dos Estrangeiros, chamado a poder por Itaboraí e Caxias, depois senador do Império e conselheiro de Estado, visconde de Cavalcanti e nosso representante do Brasil na Exposição de Paris em 1889.

Feita a República, o visconde de Cavalcanti encerrou vida pública de bom toque, de relevo sem especialidade.

Em retiro, o visconde Cavalcanti ficou a olhar o Brasil, a consagrar-lhe ainda coração e labor, o que provou publicando estudo sobre a legislação pátria de 1891 a 1895.

Sempre de complexão fransina, entretanto resistente a trabalhos de vida laboriosa e por natureza agitada, o visconde de Cavalcanti sentiu fraquearem-lhe últimas forças, em 1899, extinguindo-se neste ano em Juiz de Fora.

Transcorrido quase meio século, a implicar sombra mais ou menos densa de olvido, aviva-se agora a memória do visconde de Cavalcanti.

Avivada na terra natal dele, avive-se a fora da mesma, mormente no Rio de Janeiro, onde o visconde e a viscondessa de Cavalcanti brilharam na vida mundana, o casal dando recepções de nota, a elas concorrendo escócia social.

Senhora de inteligência e de celebrada formosura, D. Amélia Machado Coelho e Castro Cavalcanti tinha todos os predicados para presidir um salão e o teve de fama.

A bem de sucessos nossos, na recordação de passado, o "Instituto Histórico e Geográfico Paraibano", fundado em 1905, divulga neste momento o 10º volume de suas "Publicações", repletas de excelente colaboração.

No recente volume do "Instituto" encontra-se homenagem de conterrâneo a conterrâneo. E' prestada ao visconde de Cavalcanti por um sócio do "Instituto", o Sr. João Ribeiro da Veiga Pessoa Júnior.

O VISCONDE DE CAVALCANTI

ESCRAGNOLLE DORIA



de de Cavalcanti por um sócio do "Instituto", o Sr. João Ribeiro da Veiga Pessoa Júnior.

Soube este entremeiar no seu escrito a vida biográfica do visconde de Cavalcanti com indicações curiosas, dessas que tamanho encanto e realce imprimem às biografias, retirando-lhes secura cronológica.

Dizendo do visconde de Cavalcanti, ocupante de altas posições no Estado, atesta Veiga Junior ter sido aquele ocupante "inimigo ferrenho de solicitar favores para si ou para outrem, motivo pelo qual não pôde agradar a todos os parentes e amigos".

Impediu isto o visconde de Cavalcanti de ter popularidade e apreço na terra natal? De modo algum, pois o caráter se impõe fesso aos descontentes de momento.

Testemunho de Veiga Junior: "Rara a habitação da Paraíba onde não se encontrasse, num pano de parede, o retrato do visconde de Cavalcanti.

No salão do rico a estentarem-se em rica moldura, na sala do pobre encaixilhado modestamente em pinho ou cedro".

Por sua vez o visconde de Cavalcanti, em última viagem ao seu querido Norte, presenteou parentes próximos oferecendo-lhes o seu retrato e o de sua esposa.

Figuravam em duas telas pintadas por artista francês, Labatut. Durante muitos anos as telas foram conservadas pelos presenteados em seu solar.

Contingências da vida obrigariam os possuidores das telas a alienar quase tudo do seu. Sabe Deus com que aperto de coração decidiram passar adiante os retratos obra de Labatut, para resgate de dívida pequena, pouco acima de duzentos mil réis.

Um negociante adquiriu as telas. Anos depois, em sua residência, recebeu a visita de um comprador de objetos antigos, talvez da raça dos que tanto tem raspado de preciosidades o nosso interior para mercadejá-las no estrangeiro.

O compra-compra ofereceu quantia elevada pelos retratos do pincel de Labatut. Interado do justo valor das telas, o possuidor de ambas rejeita a oferta. E' ele o Sr. Alfredo Athayde, pessoa conceituada na sociedade paraibana e de recursos obtidos na labuta comercial.

Os retratos dos viscondes de Cavalcanti haviam sido estimados em quarenta contos. Deles abre mão generosa o Sr. Athayde, entregando as telas ao "Instituto Histórico e Geográfico Paraibano", que as considera as melhores jóias de sua galeria.

No retrato do visconde de Cavalcanti existe bem o homem do Brasil antigo, zelando compostura na atitude e na indumentária. No retrato da viscondessa de Cavalcanti está a imagem de senhora, com toda a força do termo, que a inteligência uniu graça e beleza celebrada, rainha de salões a principiar pelo próprio ao qual atraiu a sociedade carioca dos fins do Segundo Reinado.

Lembra Veiga Junior que a viscondessa de Cavalcanti, esposa do comissário geral do Brasil na Exposição Universal de Paris em 1889, mereceu cumprimento do presidente Sadi Carnot, de visita a pavilhão brasileiro.

Ante a venustade, a distinção e a elegância da nossa patricia, não se conteve Carnot e voltando-se para Spuller, ministro dos Estrangeiros, louvou a senhora brasileira, com galanteria francesa, dizendo:

"C'est un bel échantillon".

Numa exposição o elogio tinha preço.

A administração Carnot está justificada no retrato da viscondessa de Cavalcanti, obra de Bonnat, recolhido à pinacoteca do Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro.

Proclamada a República, entendeu o visconde de Cavalcanti contentar-se com o seu honroso passado, fiel às crenças nele professadas e servidas.

Seguiu-lhe exemplo a esposa ao enviuvar, extremosa mãe de dois filhos. Despediu-se da cena social, em voluntária sombra quem tanto conhecera luz e louvores.

A viscondessa de Cavalcanti, viúva, voltou a Paris, onde muito habitara. Ocupando lares, dedicou-se à composição de bem organizado e informativo catálogo numismático, de preferência a moedas e medalhas brasileiras.

Tornou definitivamente ao Rio de Janeiro a viscondessa de Cavalcanti, falecida na capital em 1946. Até findar vida interessou-se a viscondessa por manifestações da cultura. Viveu também de recordações, pedindo à memória lembrança de dias felizes, sem rejeitar a dos amargurados, os de lócos.

Sorriria ainda a viscondessa de Cavalcanti aos seus dias felizes, a resignação abrandando-lhe os desditosos. Misturando uns e outros, a que recordava devia ter diante de si espelho da vida inteira, espelho no qual lhe fora dado mirar sua formosura.

A esquerda: O visconde de Cavalcanti, e à direita, a viscondessa de Cavalcanti, pouco antes de sua morte.





Villa-Lobos e sua esposa ao desembarcarem em Nova York

momento, acrescentou, em seu recente livro "A Volta do Gato Preto" alguns comentários em torno da personalidade do eminente compositor:

"Nunca vi homem tão franco e tão rude. Cheguei à conclusão de que como um menino, um verdadeiro "child of nature" ele simplesmente diz o que sente e pensa. Não concordo — agora que o conheço melhor — que ele seja, como muitos querem, simplesmente um cabotino. Ele sabe o valor que tem e, fugindo à falsa modéstia, proclama-o aos quatro ventos. Não recala nenhum desejo, nenhum impulso natural. Seja como for, isso é um ato de coragem.

"Outro traço simpático da psicologia de Villa-Lobos é que ele adora os filmes de "cow-boys", os palhaços de circo e as comédias "de papelão" (Verissimo poderia ter acrescentado: E as novelas de rádio). A Motion Picture Society ofereceu ao casal Villa-Lobos um jantar no Earl Carroll's, o mais pomposo cabaret de Hollywood e o maestro assistiu impassível e levemente aborrecido o espetáculo até o momento em que apareceu o "clown" da noite — Pinky Lee, um sujeito fisicamente parecido com Procópio Ferreira. Durante todo o ato não olhei para o palco e sim para Villa-Lobos. E' que esse músico tão requintado e intelectual parecia uma criança sentada nas arquibancadas de um circo comendo amendoim e riindo das piruetas do palhaço. E se alguma dúvida eu tivesse sobre a personalidade de Villa-Lobos como criatura humana, ela teria desaparecido naquele momento".

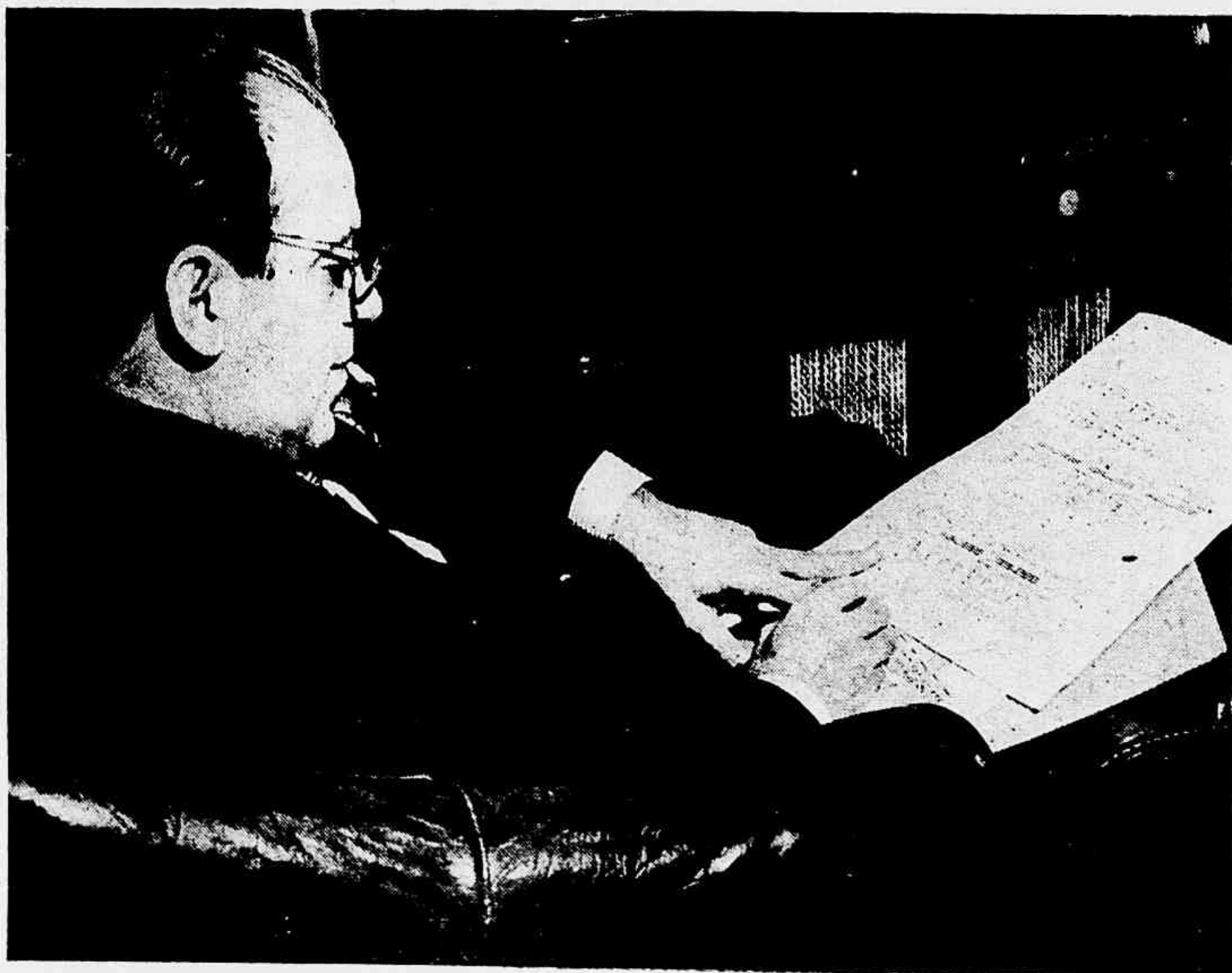
Nem poderia haver dúvida. Villa-Lobos com seus cabelos eternamente despenteados, charuto no canto da boca, inspirara, naturalmente, uma certa desconfiança no controlado e amável Erico Verissimo, que o encarara com uma estranha e inverossimil criatura. Ao vê-lo, porém, como um menino, a bater palmas de satisfação diante de um palhaço, venceu a íntima convicção de que ali estava, simplesmente — "uma criatura humana". O erro de Verissimo está em descobrir, em Villa-Lobos, um "músico intelectual e requintado", que na realidade, o próprio compositor renegaria. "Besteira!" diria, com aquela sua candura de "child of nature", porque sua música, na realidade, é justamente a expressão daquele homem infinitamente inteligente, mas extraordinariamente ingênuo, expansivo a ponto de parecer afetado, rude, soberanamente indiferente à opinião pública, inteiramente entregue ao seu próprio sentimento. O intelectual comedido se assustaria diante das idéias absurdas e deliciosas de Villa-Lobos. O requintado em geral, foge da sua música tão poderosa, ou, se não foge, exulta por encontrar, nela a profusão de selva descontrolada e desordenada que lhe falta e cataloga-a como "primitivista". "Child of Nature", isso sim.

FILHO DA NATUREZA

O caminho para a notoriedade tem muitos desvios. Villa-Lobos não lhes dá a menor atenção. Segue, firme, ruído à glória, esfregando seu trabalho no nariz dos musicólogos mais recalcitrantes como quem diz: "Prove o que é bom, imbecil". Aliás, é uma observação que ele é muito capaz de fazer. Haja visto a sua viagem aos Estados Unidos, cujos episódios na Califórnia, Erico Verissimo transcreve, com aquele seu bom humor pachorrenho, aquela sua mistura de lirismo e humorismo.

Primeiro episódio: Carl Dentzel convida Verissimo a servir de intérprete para Villa-Lobos, que, de passagem pela cidade, vai receber um diploma de "honoris causa". O recinto, cheio. Expectativa. Soam sirenes das motocicletas e uma limousine negra estaca à porta da Universidade. Surge o maestro, acompanhado da esposa. Verissimo aproxima-se.

Villa-Lobos compondo.



COM VILLA LOBOS NA AMERICA

Érico Verissimo, intérprete improvisado, traduz a franqueza do compositor em termos da mais solene cortezia — O filho da Natureza dirige uma "orquestra de animais" — "Diga a esta senhora que eu não sou palhaço!"

ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

DIANTE de um auditório de várias centenas de pessoas, numa universidade da Califórnia, Heitor Villa-Lobos declarou:

— Sou filho da natureza.

Érico Verissimo que lhe servia de intérprete naquele

O fabuloso compositor brasileiro Villa-Lobos, conversando com um pequeno músico norte-americano, durante uma festa oferecida em sua honra.

— "Este é Verissimo, maestro", apresenta Dentzel. Villa-Lobos olha para mim com as espantado, aperta-me a mão e diz, abstrato:

— Luis? E, com ar mais íntimo: Como vais, Luis? E' inútil explicar que não me chamo Luis. De resto que é que há num nome? como dizia Shakespeare".

Tocam peças de Villa-Lobos. Cantam canções de Villa-Lobos. O maestro mexe-se na cadeira, inquieto e turbulento. A certa altura, não se contém, e cochicha ao ouvido do intérprete:

— Luis, pergunta ao presidente se eu tenho de falar.

Aproximo os lábios do ouvido de Mr. Byrd e traduzo-lhe a pergunta, pedindo a providência que a resposta seja negativa. Mas o presidente sorri e diz:

— Se ele quiser, pode falar. E' uma boa idéia.

Trago a resposta ao maestro, que decide:

— Pois diga que vou falar".

Tem início então aquele discurso, no meio do qual, Villa-Lobos alude à sua qualidade de Filho da Natureza. Diz mais: "Foi na selva brasileira que aprendi a canção da liberdade!"

Traduzo — O sr. Villa-Lobos diz que aprendeu a canção da liberdade na selva brasileira... E eu acredito, porque liberdade, no Brasil, hoje em dia, somente na selva..."

E' bom esclarecer que tudo isso se passou há algum tempo...

ORQUESTRAS DE "ANIMAIS"

Segundo episódio: Verissimo ouve o ensaio de Villa-Lobos com a orquestra que ele vai reger. Entrega-se ao encanto da música. Imagina que vai subindo ao céu...

"Mas de repente, tombo com a velocidade de um raio e de novo me vejo no palco do auditorium.

Villa-Lobos bate freneticamente com a batuta na estante e grita para mim:

— Diga pra esses animais que eles têm de dar essa nota juntos!"

Depois do ensaio, Villa-Lobos comenta:

— "Isso não é orquestra nem aqui nem em Cascadura. São uns barbeiros. Estou arrependido de ter vindo.

Mas ao cabo de alguns instantes, torna a erguer-se e o ensaio recomeça".

Um novo drama se esboça.

"Para os Choros nº 6, Villa-Lobos mandou fazer nos estúdios da Universal uns tambores quadrados, que devem ficar na ponta de hastes de madeira à maneira de estandartes. Aproxima-se a hora do ensaio dos Choros e os instrumentos não chegam. O maestro olha o relógio impaciente e começa a resmungar coisas, e a andar lentamente de um lado para outro, com ar de alma perdida. Finalmente chegam os tambores. Villa-Lobos toma duma maceta e fere com ela um dos instrumentos.

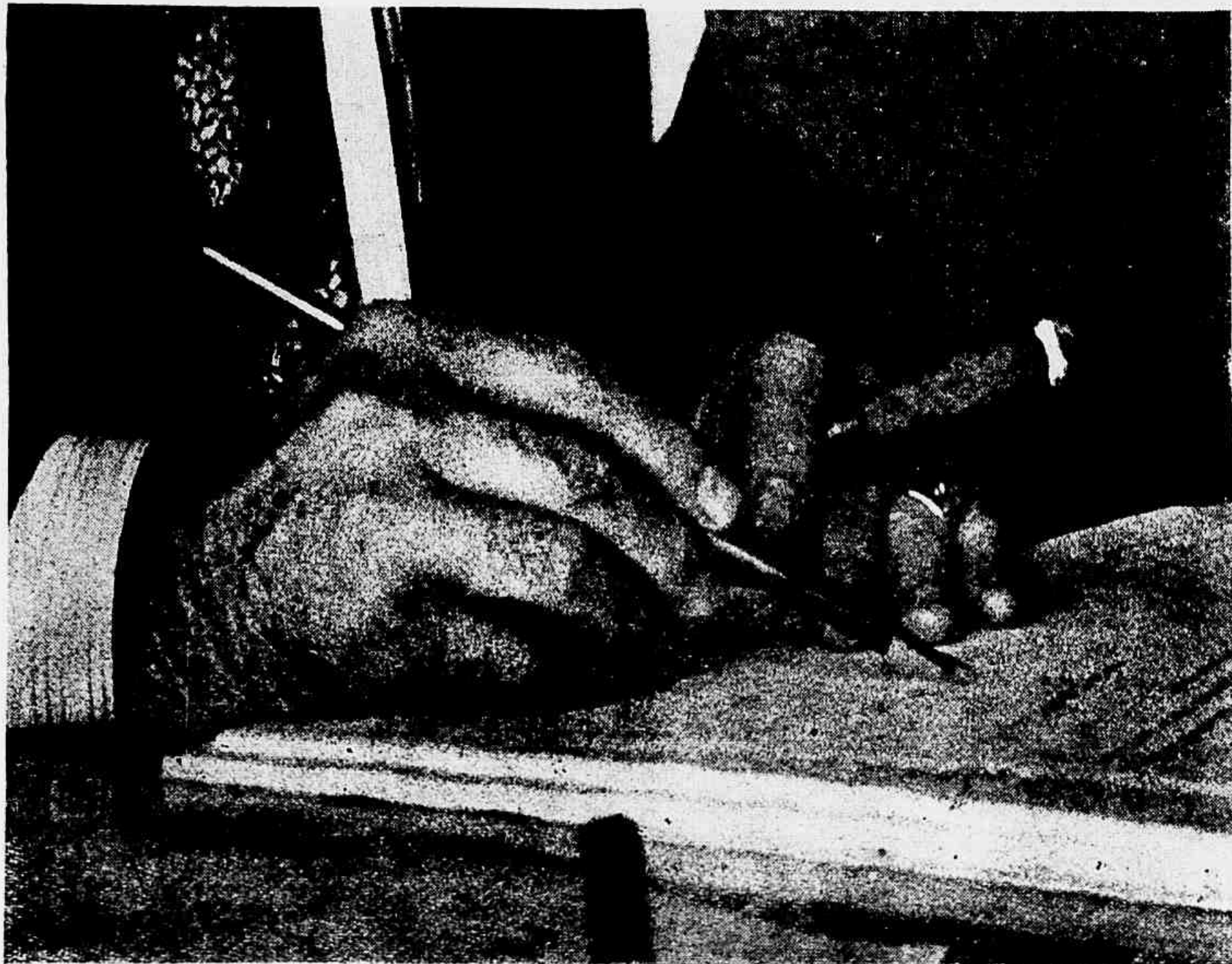
— Não foi isso que eu pedi! vocifera. Bate de novo uma duas, três vezes. Escutem só!... Não foi isso! Preciso dum som retumbante, vibrante. Isto está mal feito. Não fizeram o que eu pedi!"

"NÃO SOU PALHAÇO!"

Terceiro episódio:

— Finalmente o concerto. Sucesso absoluto. Os aplausos são prolongados e entusiásticos. E enquanto o

Dois símbolos villa-lobianos: a caneta que produz notas musicais e o charuto que puxa pela inspiração.



espetáculo termina, o camarim do maestro se enche de admiradores e admiradoras, jornalistas e críticos da música.

"A noite do Women's Club oferecem um jantar ao maestro". Estão presentes celebridades. Verissimo vai citando os nomes no ouvido de Villa-Lobos. A cada apresentação este murmura — "eu com isso?" "Não interessa". A certa altura apresenta-se Jack Cutting, representante do estúdio de Walt Disney "que recentemente produziu Saludos Amigos", esclarece Verissimo.

Com um risinho Villa-Lobos comenta:

— Que, por sinal, é uma boa droga.

Quarto episódio:

Esperam Villa-Lobos na casa de Mr. Stahl, diretor e "producer". Enquanto ele não chega, Verissimo faz uma conferência, responde a perguntas sobre o Brasil. Finalmente surge o maestro. Caminha para Verissimo e pergunta, já irritado:

— Que negócio é este?

— Fique firme. E faça o favor de sentar-se aqui".

O maestro senta-se. "Uma loura balzaqueana, com voz de clarineta, começa a falar, dirigindo-se a mim.

— Faça o favor de dizer ao maestro que este clube tem recebido em seus salões celebridades como Toscanini, Stravinski, Stokovski, Rachmaninoff e outros...

Faço a tradução para Villa-Lobos que resmunga, azedo:

— Não interessa... Não interessa...

— Que foi que ele disse? — indaga a loura.

— Ah, ele disse: esplêndido, esplêndido.

A balzaqueana sorri e continua:

— Diga também ao sr. Villa-Lobos que o fato dele não falar inglês não tem a menor importância. Nós o admiramos tanto, que só de ficar aqui a olhar para ele, sentimos nos felizes...

Transmito estas palavras ao maestro, que exclama:

(Continua na pág. 53)



IOLE FAVALI AMATO, é uma artista que conseguiu seu lugarzinho ao sol radiofônico em virtude de sua atuação perfeita e esmerada num movimentado e interessante programa feminino, que vem sendo irradiado, diariamente, pela Mayrink Veiga, sob o título de "Carnet Feminino". Esse "broadcast" não somente lhe valeu um vantajoso contrato, como ainda lhe proporcionou posição verdadeiramente invejável no rádio carioca, uma vez que o mesmo é ouvido por milhares de criaturas. Mas a sucessora da popularíssima Sagradora de Scuvero na PRA-9 muito teve que lutar antes para chegar até o posto em que hoje se encontra. Inicialmente, inscreveu-se como concorrente ao Programa Embaixatriz, transmitido pela PRE-8, conseguindo a primeira colocação. Isto, para ela, teve grande significação. Marcou o seu ingresso no "broadcasting" nacional, uma vez que logo a seguir a Tupi convidou-a para atuar no programa "O que as mães devem saber". Daí passou-se para a Transmissora, lançando esse mesmo "Carnet Feminino", hoje na programação da PRA-9. Mais tarde, contratada pela Nacional, passou a dirigir cartaz idêntico na Rádio Guanabara, de onde se transferiu para a Mayrink Veiga. Em cada estação, Iole Amato deixou bons amigos, dada a lhanza de seu trato e seu espírito alegre. Hoje, exclusiva de uma das principais estações cariocas, possuindo regular número de ouvintes e conhecida por quase todo o sexo frágil, ela é ainda membro da diretoria da Liga Internacional de Mulheres, com sede na Suíça, em reconhecimento aos seus inestimáveis serviços prestados à mulher. Contando trinta e dois anos de idade, pois nasceu a vinte de setembro de 1914, é apreciadora dos filmes de Gary Cooper e Ingrid Bergman, da voz de Carlos Galhardo e de Cristina Maristany, da interpretação de Zezé Fonseca e Rodolpho Mayer. Pratica a natação e torce pelo Fluminense. Seu prato número um: ravioli.

A 25 de dezembro de 1914 nasceu Alziro Zarur, hoje chefe de redação da Rádio Nacional, presidente da Associação de Cronistas Radiofônicos e cronista radiofônico de "A Noite". Seu ingresso no "broadcasting" carioca representou o coroamento de uma irresistível qualidade para vencer. Começou na primitiva Rádio Tupi, de onde passou para a Transmissora e daí para a Mayrink já como locutor oficial do "Programa Casé". Mais tarde transferiu-se para a Educadora, lançando uma série de programas educativos, como a "Enciclopédia B-7" com seus "Gatinhos e Sinucas". Depois, Zarur deixou essa emissora, ingressando no "cast" da Ipanema, por curto espaço de tempo, uma vez que recebeu vantajosa proposta para atuar na Rádio Club do Ceará, posto que, entretanto, não chegou a ocupar, devido ter surgido oferta de melhor contrato. Mayrink Veiga. Dessa estação voltou à Transmissora até que a Nacional o convidou para o seu quadro redatorial, onde vem escrevendo vários programas, como "Alma Encantadora das Ruas" e outros. Zarur grangeou grande popularidade encarnando a figura famosa de "Sherlock Holmes". Foi na pele desse detetive que o tivemos vivendo os mais intensos dramas policiais. Também quando da estréia de Anibal Costa, como rádio-autor, coube ao nosso biografado fazer o papel de Roberto Ricardo, o detetive brasileiro. No cinema, ele fez um "short" intitulado "Poema Cinematográfico" e foi narrador de alguns jornais. Seus astros cinematográficos preferidos são Ingrid Bergman e Spencer Tracy. No teatro, gosta de Dulcina e Rodolpho Mayer. Nas letras, prefere Machado de Assis. Seu prato favorito: Kibe.

GENTE DE RADIO DE QUATRO EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

OSVALDO GOUVEIA, o criador de "Jornadas Heróicas", programa que a Mayrink Veiga está irradiando com enorme aceitação, nasceu na rua Barbosa da Silva, estação de Riachuelo, Distrito Federal, a 10 de dezembro de 1904. Dedicando-se ao jornalismo, militou no vespertino "A Noite" e hoje ocupa as funções de cronista radiofônico de um vespertino, acumuladas com as de inspetor federal do ensino secundário e redator da PRA-9. Seu verdadeiro contacto com o rádio, deve-o ao terceiro ato da peça "Dona Felicidade", com o qual obteve o primeiro lugar no concurso instituído pelo "Teatro pelos Ares", hoje "Teatro Plácido Ferreira". Data desse concurso o circuito Mayrink Veiga, Tupi, Transmissora, Rádio Club Fluminense, Globo e atualmente Mayrink Veiga. Na sua bagagem de "radio-man", incluem-se inúmeros programas e um bom número de novelas, dentre as quais ele prefere a adaptação que fez de "Os Fidalgos da Casa Mourisca", romance de Julio Diniz, por ter rendido uma boa parcela de direitos autorais. Olavo de Barros, Rodolpho Mayer, Saint-Clair Lopes e Paulo Gracindo absorvem sua preferência no rádio-teatro, enquanto Silvio Caldas faz o mesmo na música e Joan Crawford e Ingrid Bergman no cinema. Acha que Dulcina vale por todos no teatro. Não suporta o futebol, em virtude de ter levado uma garrafa na cabeça, durante uma partida entre o Vasco e o São Paulo, no estádio do Pacaembu. Nada pessimamente, mas devora com satisfação qualquer comida baiana, principalmente um bom vatapá. Anda sempre de gravata azul e zomba de tudo quanto dizem dar peso. Tem 1,65 de altura e pesa setenta e quatro quilos.

ESTHER NAIBERGER pertence à geração dos novos valores. É uma exímia pianista, cujo nome vai se projetar agora nos Estados Unidos, para onde seguirá por todo este mês, devendo apresentar-se como solista de famosas orquestras norte-americanas. Teve atuação brilhante em diversas emissoras cariocas e na Orquestra Sinfônica Brasileira. Esther Naiberger nasceu no Distrito Federal, fez seus estudos musicais no Instituto Nacional de Música e apareceu pela primeira vez no rádio, através do "Programa Israelita", então apresentado pela Transmissora, sob a orientação e responsabilidade de Jacob Kurtner. Mais tarde veio a tomar parte em programas selecionados da Rádio Roquete Pinto, além de abrilhantar os concertos populares, promovidos pelo Departamento de Difusão Cultural. A seguir, deu diversos recitais na Mayrink Veiga e apresentou-se como solista da Orquestra Sinfônica Brasileira. Empréstou ainda seu concurso à PRA-2 e tomou parte em "Artistas Novos do Brasil", programa da Rádio Globo. No momento apresenta-se para visitar os Estados Unidos. Dona de esmerada educação, a par de uma inteligência muito viva, Esther é um testemunho da renovação de valores, ocupando destacadamente o posto nos meios musicais do país. Admiradora das composições de Chopin, Beethoven e Bach, sempre as executa em seus recitais. Gosta muito de viajar, já tendo realizado diversas "tournées" artísticas pelos Estados. Também é fan de cinema, preferindo os filmes de Bette Davis, Ingrid Bergman, Greer Garson, Clark Gable, Paul Muni. Aprecia a leitura, principalmente o gênero biográfico, apreciando muito as vidas dos grandes músicos.



A VIDA DE HENRIQUE VIII

(1491 - 1547)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

E AGORA, Wolsey, como nos livraremos dela?

O rei Henrique estava farto da sua esposa espanhola. Seu pai, o sétimo Henrique, dera-lhe a mão de Catarina depois que o príncipe de Gales, primeiro marido desta, morrera súbitamente de uma febre. Naquele tempo o jovem Henrique considerava Catarina a mulher mais linda do mundo. E muito se orgulhava de casar com ela, tão pouco tempo depois que ficara viúva. A morte do irmão marcara, com efeito, um dos momentos decisivos da sua carreira. Até então não fora mais que um membro da família Tudor, o insignificante filho segundo cuja presença ou ausência, vida ou morte, a ninguém despertava grande interesse. Porque nunca havia de ser rei da Inglaterra. Esta honra estava reservada ao alto, páldo e doentio príncipe Artur, a esperança da dinastia Tudor. O sol brilhava sobre Artur, enquanto as sombras envolviam a infância de Henrique. Em criança este era dócil e quieto, e o pai o destinava à Igreja. Ali estava um perfeito padre em germe. E então, por uma súbita viravolta do destino, morreu o príncipe Artur e Henrique herdou-lhe a mulher e o trono. Aceitou o duplo legado com uma oração de agradecimento à Providência, a quem, segundo parece, cumpria aniquilar um homem para elevar outro. Henrique considerava-se o mais feliz dos mortais.

★

Nesse dia, transcorridos vinte e dois anos, estava o rei a encarar o cardeal Wolsey; tornara-se astuto, cínico e depravado, após tão longo período de glória ininterrupta; estava decidido a desembaraçar-se da rainha. Sentia que agora aqueles olhos negros e aqueles lábios vermelhos, que antigamente lhe haviam despertado os mais ardentes desejos, só serviam para ler as Escrituras e resmungar orações. A crescente devoção de Catarina exasperava-o. Aquela mulher estava na missa sempre que ele a queria para parceira no jogo de dados. Fitava-o com um ar estranhamente místico, quando só devia ter pensamentos de amor e de lascívia. Seu corpo magro envelhecera. Vinte anos com a mesma mulher — concluía ele — é uma verdadeira provação, ainda que a heroína do caso seja espanhola e atraente.

— Eu me divorciarei dela — disse ao ministro de estado.

Wolsey não se achava em situação de discordar. Filho dum pobre e obscuro carneiro, devia a Henrique tudo o que era. O divórcio, contudo, seria um modo impróprio de remediar os inconvenientes do matrimônio. O Papa trataria de impedi-lo com todas as forças de que a Santa Sé pudesse dispor. Era um assunto delicado; requeria tato. Que diriam os católicos ingleses a esse repúdio da modesta rainha, depois de duas décadas de amor e fidelidade? Henrique era um rei de vida rude e divertimentos tumultuosos. Tinha uma barba cor de ouro, olhos de fogo e esplêndida compleição. Era garboso cavaleiro, destro no arco e nas outras armas de caça, um homem consumado. Rivalizava com os mais exímios na arte de beber cerveja. Era um rei dos pés à cabeça. Um rei para transmitir a sua grandeza à geração seguinte. Mas não tinha filho varão.

— Diabos levem aquela mulher! Não me deu um herdeiro.

— Mas, Majestade, que diria a Espanha?

A Espanha que fosse às favas. — Vai falar com o Papa, Wolsey. Dize-lhe que Catarina foi casada com meu irmão Artur antes de ser minha mulher, e portanto o nosso casamento é incestuoso e nulo — uma nódoa, uma maldição. Consegue-me o divórcio.

Os juristas de Henrique tinham for-

jado o conveniente pretexto. O rei estava na idade perigosa. Tinha posto os olhos numa linda rapariga, chegada havia pouco da corte francesa — Mistress Anne Boleyn.

Wolsey empreendeu a histórica viagem a Roma. O Papa acolheu-o com bastante amabilidade. Mas tinha recebido também uma carta, manchada de lágrimas, de Catarina, que de algum modo farejara os planos do marido. Ela era filha do rei católico da Espanha, Fernando, soberano do país mais devoto do mundo. O Papa Clemente sentia-se embaraçado. Não podia arriscar-se a ofender o poderoso Henrique da Inglaterra, seu principal sustentáculo na política européia.

Dessarte, Clemente manteve uma neutralidade discreta entre os augustos contendores. Mas Henrique, com todo o arrebatamento da fogosa estirpe dos Tudors, reuniu os seus juristas e deu-lhes ordem de acusar a rainha em pomposa e altissonante fraseologia latina — de acusá-la de incesto e remetê-la para um convento. Catarina foi chamada à sala do tribunal.

— Boa hora para indagar se sou ou não a legítima esposa do rei, depois de estar casada com ele durante vinte anos! — disse. A estas palavras os velhos juristas sacudiram as perucas tristemente. Não competia a ela discutir as decisões do marido. Este se achava presente, instalado com grande pompa, cercado de quatro eclesiásticos e uma dúzia de conselheiros. Continuou a ação judicial. A rainha reclamou o direito de apelar diretamente para o Papa. "Petição rejeitada" respondeu o cardeal Wolsey.

— Protesto contra a ilegalidade deste tribunal — gritou Catarina desesperada, pois os juizes eram seus inimigos jurados.

— Protesto rejeitado — tornou Wolsey, inclinando delicadamente o rosto para aspirar o perfume duma flor que tinha na mão.

A rainha ergueu-se do banco e retirou-se, pois não havia justiça naquele tribunal. Entretanto, os acólitos do rei estavam receosos de pronunciar o veredicto que este desejava. O próprio Wolsey percebia estar patinando sobre o gelo mais frágil e perigoso que tinha encontrado em toda a sua carreira, no decurso da qual traçara muitas e caprichosas figuras, e nunca levava um trambolhão. Naquele momento o cardeal tinha bons motivos para hesitar. O Papa rompera finalmente o seu silêncio: não permitiria que se tratasse assim a filha de Fernando e Isabel. Wolsey não podia aventurar-se a passar por alto a decisão do Papa Clemente. Mas, por outra parte, era preciso tomar em consideração o interesse do rei. Henrique tirara Wolsey da sargeta e elevara-o ao mais alto posto oficial do país. Construíra-lhe castelos e presenteara-o com um séquito de quinhentos homens. Mandara fazer para ele vestes de ouro e cetim, dera-lhe os bispados de Hereford e Winchester, e fizera-o arcebispo de York. E Henrique era um amo a quem não convinha contrariar. Wolsey achava-se em situação difícil, e portanto decidiu não tomar nenhuma decisão. Tratou de ir entreterendo Sua Majestade com doces lisonjas, falando-lhe de tudo menos do assunto que mais o interessava.

Entretanto, o tribunal pontifício estava em férias. Não devia reunir-se até o outono; consideraria mais uma vez, então, o caso de Henrique. O rei estava perdendo a paciência. O momento não era próprio para dilações legais, pois ele tinha pressa de fazer rainha aquela linda rapariga da corte, Ana Bolena. "Desperta esses velhotes da Igreja — dá-lhes uns sopapos por tantas formalidades e tanto latimório!" Com a breca, um homem da sua constituição não podia esperar pelas

lentas, tranquilas deliberações do Vaticano. Tinha o pulso rápido. Estava habituado a lançar-se ao prazer sem delongas e sem rebuços. Nas caçadas, estafava nada menos de cinco cavalos num só dia. Tinha a força dum atleta — não lançara ao chão o rei de França uma vez, em luta amistosa? Era um gigante plebérico que não podia perder tempo com cerimônias quando o impulso animal tomava conta dele. "Se esses paspalhões de Roma não se mexerem", ameaçava, "eu me encarregarei do caso!"

Esbravejava e rugia como um touro, e no fogo da paixão compunha versos para Ana Bolena. Pois ele tinha genuína queda para a poesia, bem como uma selvagem sede de vida, aquele extraordinário monarca da Alegre Inglaterra. E cantava canções para ela — canções mais adequadas à turbulenta taverna do que à corte real.

Co'as roupas todas vestidas,
Belezas mil possui ela;
Mas quando as roupas retira,
Não há beleza mais bela.

Assim cantava ele, enfurecendo-se quando esperava que a Igreja lhe abençoasse o amor ilegítimo. Chegou porém finalmente o negro dia em que Roma denunciou como escandaloso o processo de divórcio. Catarina suspirou, aliviada. Mas sua satisfação não durou muito.

— Já que Roma tem tantos escrúpulos comigo — rugiu Henrique — eu não terei escrúpulos com Roma.

Os olhos de Ana Bolena, brilhantes e vivos, estavam risonhos. Dissera ao rei que não aceitaria um amor ilícito.

— Vossa amante, Majestade? Nunca!

— Pois bem — replicara Henrique; — far-te-ei rainha.

Cheio de confiança em si mesmo e esportado pelo sangue dos Tudors, convocou os seus fiéis conselheiros e disse-lhes que pronunciassem a sentença de divórcio.

— Mas, Majestade, o chefe da Igreja se opõe a isso — arriscaram timidamente.

— Que chefe? — vociferou Henrique. — Sou eu o chefe da Igreja Anglicana, de hoje em diante.

— Mas, Majestade!

— Decidi assumir esse posto, de modo que já não precisamos pedir ordens a Roma. Vamos, não fiquem tão espantados. Como Supremo Sacerdote da Inglaterra, declaro que o meu casamento com Catarina de Aragão não é válido, de acordo com as leis da nossa Nova Igreja. Está concedido o divórcio. Ela já não é a rainha da Inglaterra.

★

Depois do divórcio, uma nova rainha, Mistress Anne, de boca larga, olhos escuros e apaixonados, tendo no pescoço um lunar em forma de morango, que ainda mais lhe realçava o encanto; com o porte flexível e a graça duma deusa; um leve defeito nos dentes de cima, que tornava os lábios ainda mais tentadores; uma pequena protuberância no dedo mínimo, espécie de sexto dedo — em suma, uma figurinha atraente e cheia de encanto feminino. Fora acaçada na corte francesa, amante do rei de França, dos mais proeminentes lordes ingleses, dos ajudantes da cozinha; entretanto, apostara que chegaria a rainha, e ganhara. Teve o seu momento de esplendor e soube aproveitá-lo. Era a primeira no divertimento, uma criaturinha travessa de coração sempre inclinado à alegria; um bom bocado para aquele rei já maduro e amigo do prazer. O povo, certamente, não se afelçou a ela. Não gostava de ser governado por uma rapariga adventícia. "Fora com essa Nan Bullen", resmungavam. Mas Mistress Anne tinha por si o rei. Trazia-o fascinado com a sua vivacidade e o seu encanto. Conduzia as danças na corte; importava da França

(Continua na pág. 56)

HENRIQUE VIII





LUZ de quinze velas dá nisso! Esta atrapalhão dos diabos... Como é que se vai conseguir enfiar linha em buraco de agulha, com esta luz insignificante, magrinha, besta?

Seu José chupa a linha. Depois põe para fora a linha roxa e deixa a linha deslizar, grudada. E o fio branco passa no crivo imperceptível, enquanto um grande sorriso de satisfação clareia o rosto mulato, ilumina o bigode ralo e grisalho.

Seu José chupa a linha. Depois põe para fora a linha, que senta ali no sofá de palhinha, ao lado do noivo.

Parece que hoje estão mais juntos. Mas ainda sentam bem longe. O rapaz é respeitoso, faz progresso lentamente. (Seu José dá um jeito irônico à boca biguda) Progredir em audácia como progredir em emprego... Está marcando passo... Não há meio de passar de alfaiate. Já está ficando crônico, esse noivado... Quase dois anos e adiante para mais dois... Promoção, melhor situação financeira... Boas!

Seu José renova o gesto irônico e fala para o futuro genro:

— Antonico?

Antonico não ouviu, embebido no jambo carregado do rosto da amada. Seu José quase grita:

— An-to-ni-co?

— Senhor?

— Carangueijo é um bicho vagaroso, não é?

— E'. Por que?

Seu José não responde e recomeça o alinhavo na calça de zarte, encomenda do padro, para ser entregue em compensação de dívida.

E' verdade que lâmpadas de quinze velas dão pouca luz. (Seu José para com o alinhavo). Não dão tanta luz como essas aí da casa do doutor. Sessenta, cem, duzentas velas. (Seu José olha, pela meia folha da janela de guilhotina, a luz da casa do dr. Skueira, ali defronte, no lado oposto da rua, jorrando abundante pela porta aberta da sacada, pelas janelas largas e altas). Um baile na casa do doutor gasta de luz mais ou menos, seis... não: dez meses de lâmpadazinhas de quinze velas na casa do alfaiate José. Mas, em compensação, para um alfaiate honestíssimo, que estraga os olhos pela noite dentro, afim de conseguir o pão de cada dia, lâmpadas de quinze velas têm um aspecto mais de trabalho, mais honroso, mais (porque não?) mais honrado. E, com elas, a despesa do mês não passa da taxa... Dezessete mil e trezentos... Graças a Deus! Na casa do seu José (Alfaiate, graças a Deus!) não se gasta além da taxa... Graças a Deus! Não, resta dúvida: acender diversas lâmpadas de cem velas é roubar a si próprio.

— Boa noite, José.

— Boa noite, Maneca.

★

Estão todos reunidos ao redor da mesa do alfaiate.

Todos. Seu Maneca, gordo, vermelho, saudável, dono da venda da esquina, que já fechou as portas do Armazém Barateiro e veio, de tamancos e em manga de camisa, para a palestra de todas as noites. Seu Laudelino, mulato alto e escuro, linotipista do "Jornal da Tarde", que também veio para a prosinha habitual. O próprio Antonico, que se aproximou da mesa, enquanto a noiva foi lá dentro aquecer o chimarrão.

Já faz mais de um minuto que estão em silêncio.

O alfaiate sacode a cabeça:

— Tem baile na casa do doutor...

O único que contesta é o seu Laudelino:

— E'.

ORLANDO
MATTOS

O ALFAIATE JOSE' E SUA TESOURA

Conto de TELMO VERGARA *

Ilustração de ORLANDO MATTOS

— Quanta luz...
Seu Maneca informa:
— A última hora mandaram buscar quatro duzias de Guaraná. Mas eu só tinha dúzia e meia.
— Ah!

Seu Laudelino repete o risinho e corrige, sem constrangimento, lá de cima da altura do dono:
— E' aniversário da filha. Fui eu que compuz a notícia. Notícia grande. Me rendeu...

Ninguém acompanhou a risadinha do seu Laudelino. Por isso, o silêncio voltou, para ser quebrado pelo Antonico:

— Diz que essa moça vai ganhar o concurso de beleza. Quase tudo que é "copon" diz que vai pro nome dela.

Seu Laudelino repete o resinho e corrige, sem constrangimento:

— "Coupon"...

Seu José abandona a calça do podeiro, levanta, se torce, aliviando os rins:

— Deixem de falar nessa gente... (Os olhos do alfaiate fuzilam e a mão magra ergue a tesoura grande, num gesto de quem vai apunhalar) Como se gasta luz! Barbaridade! Nunca vi uma cousa assim, nunca! Vocês não acham que é um roubo?

— Que que é roubo, meu sogro?

O sogro não responde. Brusco solta a tesoura, que treme no aço do ferro de engomar enferrujado e enorme. Grita, ríspido:

— Anda com esse chimarrão, Binga!

O dono do Armazém Barateiro, suando na noite fresca, desaperda a cinta, enquanto dá o conselho amigo:

— Você anda trabalhando de mais, José. E não devia gastar a vista de noite.

— Trabalhando de mais, nada! Este mês só peguei o fardamento daquele guarda e, agora, esta calça do podeiro, esta calça que não me rende nada! (Um aspecto de triunfo aclara o rosto escuro do alfaiate). E ainda por cima com a ameaça de despejo... Sim, de despejo! Esse velho sovina mandou me dizer na semana passada que, se eu não pagasse os atrasados, me despejava, me botava no olho da rua!

Seu Maneca consola:

— Qual despejo o quê! E' ameaça, só. Não despeja, não.

Seu José continua:

— Vamos ver!... Três meses atrasados. E com essa crise... E você acha que eu não devo gastar a vista de noite? Tá certo, tá muito certo! E' isso mesmo! E, ainda por cima, com lâmpadazinha de quinze velas, com lampinhas de bobagem... E' o mesmo que costurar com tóco de vela... E de vela de sebo, Maneca! De sebo!

— E', a gente precisa se cuidar, sinão a gente se vai antes do tempo — aparteia Laudelino.

Antonico se vinga da correção do linotipista:

— Você tem razão. Olhe o que acontece com você. Sempre engulindo chumbo e cada vez ficando mais magro... Você tá ficando pequenino...

Seu Laudelino embrabece:

— Quê?

Mas a pacatez do vendedor despista, conciliatória:

— Qual! Não é sempre assim. Vocês se lembram daquele cabo que levou uma facada lá na venda, o ano passado? Depois que se curou, deu pra ficar com uma tossezinha teimosa, que só vendo. Pois, vocês querem saber quem foi que me apareceu ontem, lá no balcão, gordo, forte, pedindo quatrocentão de cachaca? O cabo. As vezes é assim. Olhem, outra vez, lá em Cacequi, quando eu ainda era solteiro...

Seu José interrompe, ao ver que, não obstante parecer-lhe respeitoso (o seguro morreu de velho), o futuro genro se dirigia à cozinha:

— Páre aí, seu Antonico. Calma, seu Antonico. Nada de ir pra cozinha e ficar sózinho com a sua noiva. Calma. Fique por aqui que a conversa está muito boa. — E, gritando — Anda com esse chimarrão, Binga!

A resposta chega:

— Já vou indo, papel.

Parece que a Binga disse mais alguma coisa. Mas se disse, não se ouviu, porque a marchinha da orquestra barulhenta, saindo da casa iluminada do doutor, atravessando a rua, passando por cima dos trilhos do bonde e dos canteiros do centro, entrando na casinha de porta e janela — a marchinha irrompeu, gritante, frenética. E se ouviu bem claro, a voz do solista:

**E o balão vai subindo
vem caindo a garça...**

Todos, calam, escutando, embevecidos. A brabeza do seu Laudelino passou. Antonico esqueceu a noiva e sentou no sofá sózinho. Seu Maneca sorri, ladeando a cabeça. Mas seu José faz esta observação:

— Besteira! Falando em balão e o São João já passou há tanto tempo...

A bomba do chimarrão escapou da volta do bico da chaleira. Por isso, da haste prateada, está saindo um filete de água verde, que se alastra, fininho, pelo soalho guenzo. Mas o alfaiate não percebe. Porque deixou a sala no escuro, puxou o barquinho para junto da janela e, de queixo fincado no peitoril, está olhando o baile do doutor.

A porta de vidro da sacada está fechada. De vez em vez, a silhueta de um par passa rodando. De vez em vez, um homem chega a uma das janelas e joga fora um

cigarro. De vez em vez moças chegam à outra janela e olham para a rua, conversam, riem.

Ricos... Ricos perdulários e descuidados... Lâmpadas de cem velas, contas de trezentos mil réis pagas no fim do mês, lá no escritório da companhia... (Seu José ri baixinho, um riso parecido com o de Laudelino) Ricos gastadores, luz de mais pode dar choque, pode fazer circuito... (Seu José pensa "circuite").

Uma onda avassaladora de amargura diminui a respiração do alfaiate, que só acha este alívio:

— Binga?

Mas voz nenhuma vem do quartinho.

— Binga, estás dormindo? Se não estás, dorme duma vez que está ficando tarde... Estes ricos bobos, Binga, parecem...

Ah! Ela já pegou no sono. Só o que faltava, falar sózinho.

Agora, tornaram a abrir, de par em par, a porta grande da sacada. A luz, de súbito, fez diminuir um pouco mais a penumbra em que o alfaiate está envolto. Brilha na treva o bigode grisalho. Dois casais de namorados conversam, costas para a rua. Aquele homem baixo, que apareceu na sacada e está palestrando com os namorados, é o dr. Siqueira, o pai da aniversariante.

Esse empata... Dá o fora, velho colô, velho gastador, velho besta...

Porém, de repente, a amargura que envolvia o peito do alfaiate passou. Uma alegriazinha veio vindo, de vagar a princípio, mas depois com rapidez, tomando conta, fazendo seu José sorrir com inteira satisfação pela primeira vez nesta noite.

A casa do doutor escurecera. Todas as janelas estavam semi-cerradas, saindo luz apenas pela fresta da junção dos tampos. A porta da sacada também estava fechada. Os autor eram os mesmos. Tudo era igual ali na rua.

Apenas esta diferença, lá dentro: uma porção de homens acotovelados na escada do "hall" e no corredor, todos de casa compungida e séria; um homem dobrado sobre uma mesinha escrevia qualquer coisa no caderno aberto; ouvia-se um choro lancinante, que vinha lá de cima do segundo andar; e, na sala grande com todas as lâmpadas de cem velas apagadas, sobre a égua negra imponente, de incrustações douradas, cercado pelas quatro velas longas e grossas, dentro do caixão riquíssimo, rosto encoberto pelo lenço de seda — o corpo do dr. Siqueira.

Seu José sacode a cabeça sempre sorrindo. Depois fecha os tampos da janela, levanta, endireita a cula do chimarrão, passa a tranca na porta. E acompanha com o assovio o samba que a orquestra começou lá na casa do doutor.

★

Seu José sente que o mate está ficando fraco, que o gostinho bom vai se tornando cada vez mais imperceptível, até se transformar em água pura e insossa.

O topete verde desmoronou e o bojo da cula, de morro e planície verde, virou várzea, uma várzea alagada de tempo de enchente, com árvores boiando.

Ao último chupão, que cantou no eco do porongo, seu José fez seguir o "ah!" de satisfação, enquanto as mãos rápidas e hábeis começaram a feitura do caporal. Em pouca, seu José soprou a primeira tragada do dia, soltando pela janela aberta a fumaça azulada, que se desfaz logo na luz da manhã.

Todas as janelas da casa do dr. Siqueira estão fechadas, com as venezianas cerradas. Apenas a porta do porão acaba de se abrir, dando saída à criada, que começou a varrer a calçada ainda húmida de sereno.

Todos estão dormindo na casa do dr. Siqueira, às oito horas da manhã (Seu José tem um sorriso irônico) Vagabundos...

A luz do sol, agora, resolveu bater nos vidros da porta da sacada, parecendo que a sala de repente tivesse sido escandalosamente iluminada por várias lâmpadas de duzentas velas.

Ao notar isso, seu José estanca o sorriso irônico, levantando de súbito e batendo com o punho fechado no peitoril carunchado da janela. Ameaça, alto:

— Que venham me despejar!

Grita para a filha:

— Binga! Já passou das oito horas...

A resposta de Binga chega, abafada, lá do quarto:

— Já tou me levantando, papai.

Seu José se dirige à mesa. Estende a mão para a tesoura, que está ali, bem perto do ferro de engomar, entre reidinhos de fazenda, ao lado da calça do podeiro. A mão desiste da tesoura e segura a calça com violência.

A tesoura não adianta mais. Agora é só terminar o alinhavo da calça zarte do podeiro, da calça que não rende nada e apenas serve para pagar dívida... Quando será que a tesoura terá serventia novamente? Quando?

Seu José inicia o alinhavo da perna esquerda da calça, mergulhando a agulha na fazenda, de vagar, com raiva, como se furasse, aos pouquinhos, o ventre do dr. Siqueira.

Mas seu José é interrompido logo pela voz trêmula de Binga, perto, nas suas costas:

— Papai...

Seu José se vira. Ué?! Voz do choro?... Lágrimas?

— Que é?

De novo a voz trêmida:

— Papai...

— Que é?! Já não te perguntei?! E que choro besta é esse?...

As lágrimas de Binga caem em abundância, o rosto moreno e bonito pende para o peito:

— Papai... Eu... eu...

A violência de seu José aumenta:

— Ó, Senhor! Fala, rapariga!

— Papai... Eu... O Antonico...

A violência de seu José se transforma em ternura, em persuasão:

— Que é, minha filha? Que tem o Antonico?

Binga amordaça o pranto e desabaia:

— O Antonico me fez mal... Foi o mês passado, quando fui na casa da...

Os gritos de seu José encham a peça:

— Como?! Será possível?! O Antonico, o carangueijo?...

Binga continua:

— Foi quando fui na casa da comadre Zefa... Ele me levou pra um campinho que tem nos fundos da...

O sóco violento, batendo de cheio no peito de Binga, interrompe-lhe a narrativa. Os gritos de seu José aumentam de intensidade:

— Tãmanha vaca... O noivado demorado deu nisso... Que pouca vergonha... Uma vaca de vinte e cinco anos cair no embrulho que nem uma cadelinha boba... (os passos de seu José, para um lado e outro da peça, fazem ranger as táboas largas do soalho) Pouca vergonha... Safadeza... (Binga evita o novo sóco, fugindo para a cozinha) Safadeza, safadeza, safadeza!!

A mão suspende a tesoura, brandindo-a como um punhal. Os gritos voltam (parece que a criada do dr. Siqueira, ainda na calçada, notou qualquer coisa, parando de varrer e olhando para cá):

— Mato esse negro safado! Que o emprego não dava, que tava esperando aumento... Semvergonha! Mato (a tesoura, chispando no ar, apunhala o corpo imaginário) Mato!

Inopinadamente calmo, seu José vai ao quarto, voltando de casaco e de chapéu enfiado. Toma a tesoura e oculta-a no bolso interior do paletó. Binga põe o rosto na porta da cozinha, perguntando tímida:

— Onde vai, papai?

Seu José se cospe:

— Vou matar aquele negro safado, cadela!

Não foi preciso que Binga corresse e se agarrasse ao pai, para sustê-lo. Porque a batida na porta interrompeu-o. Seu José tira o chapéu. Abre a porta. Vê o velho baixinho, de chapéu sem feltro e de barbas brancas longas e amareladas de sujeira.

O velho toca na aba do chapéu. Sorri, cordial:

— Bom dia. O senhor é José Joaquim Marques?

Seu José responde, brusco:

— Sou. Quê que quer?

O sorriso cordial reaparece no algodão amarelado da barba imensa:

— Sou Antonio Terceiro, oficial de Justiça. Terceiro. (outro sorriso) E' o meu nome, sim. Terceiro.

Antonio Terceiro, oficial de Justiça (a mão tira o papel dobrado em quatro do bolso do paletó surrado). Tenho uma intimação pro senhor aqui, pra largar a casa em dez dias. Falta de pagamento de aluguel. Se o senhor fosse pontual seria trinta dias. Mas como é por falta de pagamento não só dez dias (novo sorriso). Quer assinar? Não quer? Não faz mal. O prazo começa a correr quinta-feira, do dia da acusação da citação na audiência. De modos que são treze dias e não dez que o senhor tem pra desocupar a casa... (a mão de novo toca na aba do chapéu) Antonio Terceiro, (último sorriso) seu criado.

Mas Antonio Terceiro não dá três passos, quando ouve:

— Seu Terceiro, seu Terceiro!

Ao querer responder, já metade das barbas brancas, longas e amareladas tinha desaparecido, decepada pela tesoura enorme do seu José.

Antologia Brasileira do Conto

TELMO VERGARA, que conquistou o Prêmio Humberto de Campos, da Livraria José Olympio, com o livro "Cadelas na calçada", é um contista com muito de poeta. Seus contos são mais manchas líricas e sentimentais, do que intrigas e pedaços de drama ou tragédia. Essa mesma nota é característica em outras de suas obras, como "Seu Paulo convalesce", "Histórias do Irmão do Sol" e "Nove Histórias Tranquilas". Um dos seus contos está na antologia escolar "Contos do Brasil", publicada nos Estados Unidos com vocabulário em inglês e notas de D. Lee Hamilton e Ned Carey du Fahs. Do último dos livros que citamos é o conto que figura nesta página.



não houve quem não desse mais do que lhe era exigido. Entretanto, uma das quotas mais severas de sacrifícios foi a que cabia aos homens do mar, quer os marujos, quer aos estivadores. A gente que tripulava os navios, como os que faziam as operações de carga e descarga, foram verdadeiros heróis, — e a Inglaterra muito lhes deve da vitória final.

Sendo a Inglaterra, na farsa do poeta "um navio que Deus na Mancha ancorou" não poderia prescindir, na paz como na guerra, do esforço da gente do mar. Durante a luta, estes sacrificaram tudo. Na paz, agora, é natural que a Inglaterra se volte carinhosamente para eles, procurando dar aos estropiados toda a assistência de que eles são merecedores.

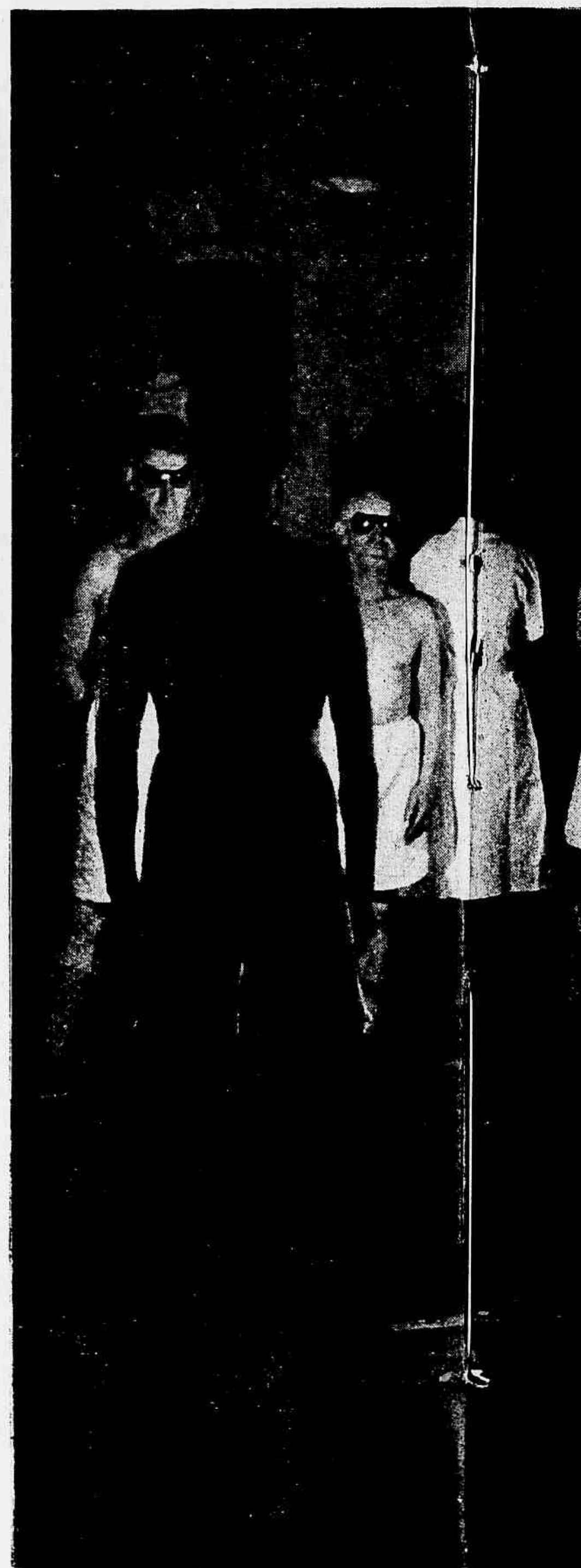
★

Como parte desse programa, é que existe, em pleno funcionamento, realizando uma obra verdadeiramente ad-

mirável, mens qu manos d eles estã à vida n vê-los, na versas.

Nenh ou uma ceu essa Bevin, quando Churchill, Bevin qu ção, em é o nome caracteris salões de e suficien

Da esquerda para a direita: Portuário exercitando-se com uma dos membros inferiores.



SALVADOS HUMANOS DO INCÊNDIO DA GUERRA

A grande obra social que vem sendo realizada pelo Centro de Reabilitação dos Portuários da Inglaterra.

Reportagem de ROSE P. HINDLEY

Especial para REVISTA DA SEMANA

DURANTE a guerra brutal, desencadeada pelas potências fascistas, que conspiravam contra as liberdades humanas, a Inglaterra sofreu golpes tremendos. Mas soube sofrê-los com dignidade, sem se queixar. Soube sofrê-los sem se humilhar, antes com o desejo de vingar um a um os golpes e as afrontas sofridas. Sem perder a sua serenidade, reuniu forças e preparou-se. Em vez do desespero, o que caracterizou a Inglaterra, naquela hora dramática, foi a serenidade e o esforço conciente, votado a um fim único: a vitória. Era preciso ganhar a guerra e libertar

o mundo, a própria Inglaterra, inclusive, dos males de uma dominação tirânica e desumana, como seria a dos fascistas.

Para fazê-lo, a Inglaterra sabia que contava com o esforço de cada um dos seus filhos, — dos operários dos estaleiros e das fábricas de munições; da juventude que treinava nos aviões de combate e de bombardeio, para logo em seguida se lançar às mais ousadas missões; com as mulheres, que se privavam de tudo e que, ao mesmo tempo, multiplicavam os seus esforços nos lares, nos campos e nas fábricas. Em suma: ninguém faltou ao seu dever e

he era exigido.
s de sacrifícios
uer os marujos,
ava os navios,
ga e descarga
erra muito lhes

"um navio que
escindir, na paz
o mar. Durante
gora, é natural
para eles, pro
stância de que

xiste, em plena
adeiramente ad

mirável, o Centro de Reabilitação dos Portuários. Os homens que ali se encontram são verdadeiros salvados humanos do pavoroso incêndio da guerra. Naquele centro, eles estão se preparando para voltar de novo à vida civil, à vida normal, à existência de todos os dias. E' comovente vê-los, nos seus jogos, nas suas reuniões, nas suas conversas.

Nenhum deles tem um movimento de impaciência ou uma expressão de desânimo. Quem saber como nasceu essa excelente iniciativa? De uma idéia do sr. Ernest Bevin, atual ministro das Relações Exteriores da Inglaterra, quando exercia ainda, no gabinete presidido por Winston Churchill, a pasta do Trabalho. Foi o próprio Sr. Ernest Bevin quem, em 1943, inaugurou esse Centro de Reabilitação, em Claremont, nas cercanias de Salford. Claremont é o nome de uma velha e acolhedora mansão, no estilo característico do Lancashire. Possui vastos terrenos, grandes salões de recepção, modernizadas acomodações domésticas e suficientes quartos para receber vinte internados. Esses

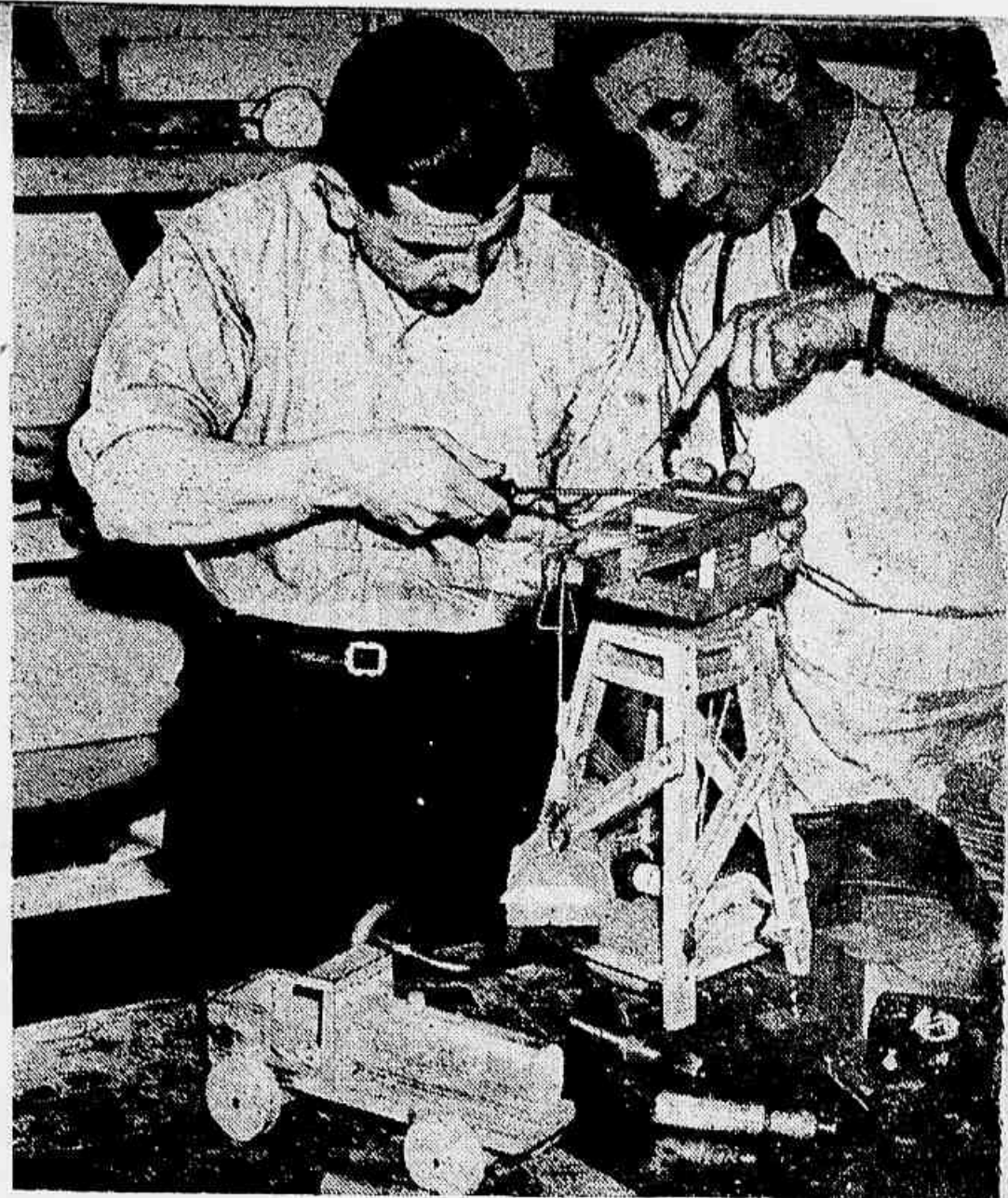
internos vêm de Liverpool, Birkenhead, etc. Ademais, das 9 da manhã às 5 da tarde, cinquenta pacientes são tratados prontamente no ambulatório todos os dias.

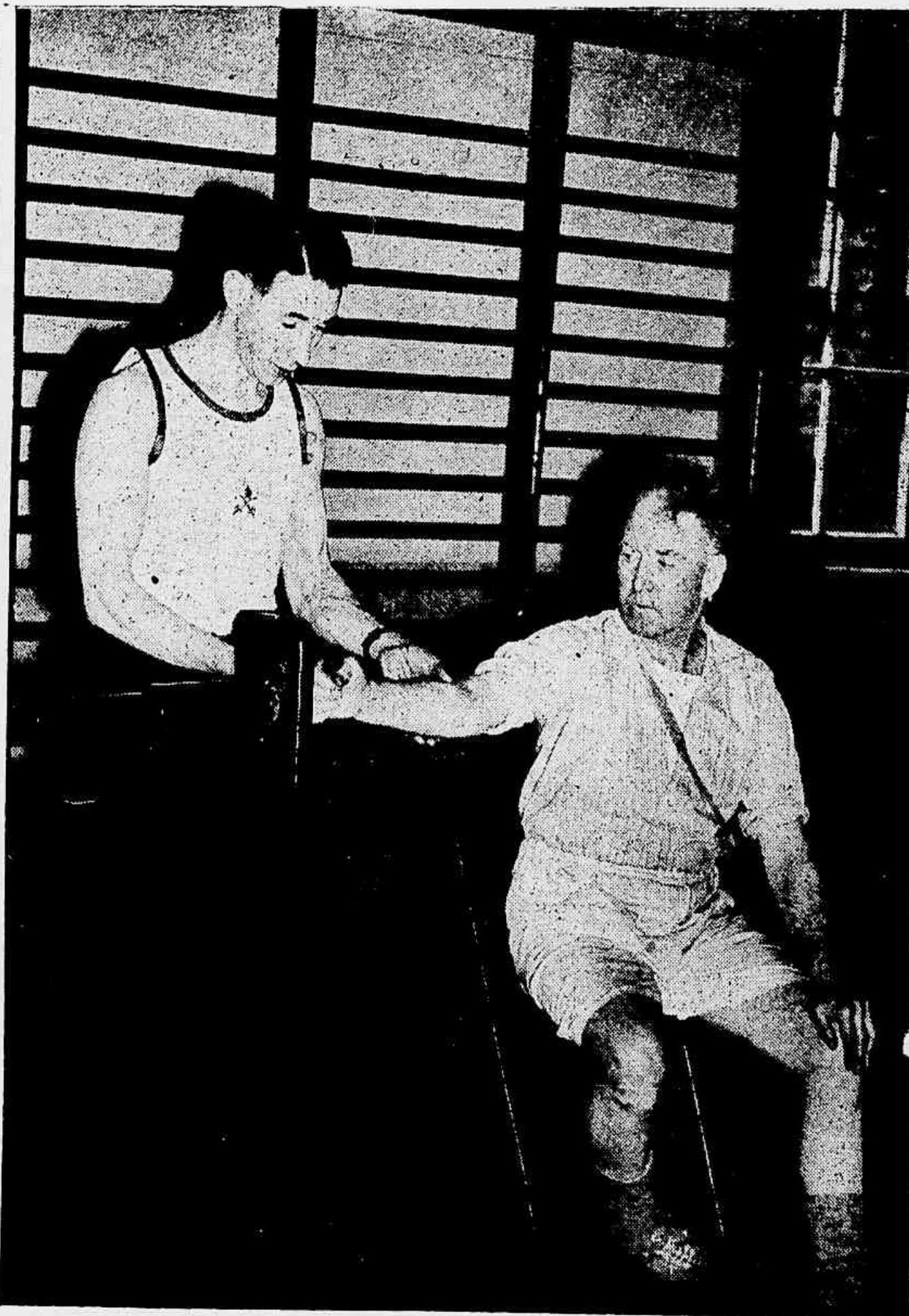
Cômodos apropriados foram convertidos em quartos de vestir. Um grande ginásio foi também preparado, de sorte que possam ser realizados os exercícios físicos prescritos pelos médicos. Estabeleceu-se igualmente completa unidade de fisioterapia para proporcionar as seguintes tratamentos: — massagens, todas as formas de eletroterapia, inclusive calor radiante, raios infra-vermelhos, diatermia por ondas curtas, banhos em cera e farádicos, tratamentos galvânicos, sinusoidal e irradiações ultra-violeta.

No exterior do prédio, existe uma cabana onde os pacientes se dedicam a várias espécies de trabalhos manuais em madeira, metais, etc., tanto para distração como para atender às prescrições médicas. O pátio oferece oportunidades para várias formas de trabalhos ao ar livre — derrubada de árvores, jardinagem e jogos.

No "Claremont" tratam-se todos os casos de incapacidade

exercitando-se com uma "medicine-ball". Tratamento pelo raio ultra-violeta num grupo de pacientes. Exercícios para desenvolvimento dos membros inferiores. Um paciente exercitando na sua nova profissão, a construção de brinquedos.





A esquerda : Exercícios para fortalecer os músculos do abdôme dirigidos por fisioterapistas. A direita : Um portuário se submete a um exercício especial para recuperar a destreza de seu braço fraturado.

dade física, tanto os resultantes de doenças como de acidentes. Fraqueza nervosa, acidentes e casos de reumatismo constituem o maior número de casos apresentados pelos pacientes. O período normal passado no centro é de seis a sete semanas, durante o qual além do auxílio médico que

o paciente possa ter, o mesmo ainda recebe uma pensão pecuniária de 66 shillings por semana. O Ministério dos Transportes fornece a verba para esse auxílio e para a manutenção do Centro.

O corpo de administração do Centro consiste de dois

instrutores de treinamento físico, dois fisioterapistas, um administrador dos bens, enfermeiras e empregados domésticos. "Last but not least", há o Médico residente. O Centro de Reabilitação situado em Claremont serve apenas a área de Manchester e Merseyside.

A esquerda : Paciente recebendo um banho de calor radiante. A direita : Um paciente tomando banho de diatermia por ondas curtas.



"FELICIDADES, Da. ALICE"

Conto de EUCLIDES MARQUES DE ANDRADE



Ilustração de ARMANDO MOURA

Premiado no Concurso Permanente
da REVISTA DA SEMANA

O TREM corria rápido, cortando aquela vegetação descuidada e deixando para trás uma nuvem escura de fumaça. A paisagem era monótona e triste. Pequenas árvores, um verde desmaltado e sem vigor em tudo. Dentro, encolhida em seu canto, perto da janela, Alice olhava para fora mas não via quase nada. O pensamento estava longe, muito longe dali. A seu lado, um senhor gordo, suando muito, lia sem parar, interrompendo-se, apenas, de vez em quando, para acender um cigarro. Em certos momentos, seu braço esbarrava no de Alice, mas ele nem dava por isto, de tão absorto que estava na leitura. Agora passa um pequeno sítio. Passa de pressa, os raros bois já ficaram para trás. Alice consagrou os olhos, mas logo depois mergulhou de novo em seus pensamentos. Faltavam, ainda, três horas para chegar ao seu destino. Já estava viajando há mais de oito horas. Estava cansada, abatida. Quando chegar... bem, deve haver alguém me esperando. Acho que o lugar deve ser bom. Pelas informações que tive é bem divertido. Bô vida social. Mas tenho medo. Todo o mundo estranho, ainda não me dou com ninguém. Mas tudo...

— A senhorita é servida?

O homem gordo, gentil, lhe oferecia algumas empadas que estavam num embrulho, que abria.

— Não, agradecida.

— Não faça cerimônia, senhorita. Pode servir-se vontade. Faz favor, tire ao menos uma.

— Bem, muito agradecida.

— A senhorita vai para longe?

— Vou para Bem-Te-Vi. Acho que faltam ainda duas ou três horas, não estou certa.

— Ah! Bem-Te-Vi. Conheço bem o lugar. E' terra?

— Não. Esta é a primeira vez que vou lá.

— Ah! A senhorita vai gostar. Povo amável, gente boa. Vai passear com certeza?

Indiscreto aquele senhor. Mas, coitado, deve ser genuíno. Ele quer ser apenas amável. Está me vendo assim tão sózinha.

— Não. Vou trabalhar. Fui há pouco nomeada professora do Grupo Escolar da localidade. E vou iniciar meu trabalho.

— Muito bem. Então a senhorita é professora? E teve uma filha...



"Route sur les Alpes", quadro de Tristram Hillier, recentemente exibido na Inglaterra.

GALERIAS DE ARTE BRITANICAS

A GORA que o enterpecimento do verão já passou e as galerias de arte estão começando a exibir exposições individuais, a crítica tem que ser seletiva. Há muitas exibições em Londres, na atualidade, para que as mesmas possam ser descritas num curto artigo.

"Flores no jarro", quadro de Vanessa Bell, apresentado numa exposição sobre a pintura inglesa nos últimos 30 anos.

Em torno das últimas exposições de pintura da Inglaterra

Por **ERIC NEWTON**

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

quadros em torno de um único ponto focal. Em consequência, suas aquarelas são irrepousantes. Contêm excessivo movimento, excessivos relampejos de luz, excessivos deta-

(Continua na pág. 58)

Desenho de Gwen John, exibido na sua exposição póstuma, promovida pela Contemporary Art Society of Britain.



Em vez de tentar referir-me a todas elas, preferi escolher quatro das mais interessantes e representativas.

Na Galeria Adams Vera Cunningham está exibindo pinturas de três espécies — paisagens, nus e retratos. Miss Cunningham participando destacadamente durante muitos anos das exposições anuais do Grupo Londrino, mas eis uma oportunidade para julgar seu trabalho em massa, e isso é particularmente oportuno, pois a mesma evidentemente mudou e intensificou sua visão durante os dois últimos anos. Suas paisagens montanhosas são pequenas, mas ela as povoou com grande dose de observação e de compreensão da natureza. Em nenhum sentido suas paisagens são topográficas. Lagos de águas revoltas e agitadas, aprisionadas pelas poderosas e feias formações rochosas, constituem seu tema principal, tendo ela se esforçado para exprimir a eterna luta entre os dois elementos. O resultado é uma série de quadros que são cósmicos como Turner foi cósmico, antes que específicos, como Constable foi específico.

Seus nus são vigorosamente tratados com o mesmo espírito. Não são estudos da anatomia humana, mas ensaios de construção de forma massiva em que a figura humana é usada apenas como um ponto de partida. Possuem peso e grandiosidade expressivos, podendo-se dizer o mesmo dos retratos. Estes tomam o que está sentado como ponto de partida, não como um modelo e sim, ao contrário dos nus, como meio de ressaltar o caráter antes que a forma. Estes são quadros "difíceis", sendo furiosamente individuais, não pertencendo a qualquer escola. Não possuem encanto na superfície e são sérios e importantes.

Na Galeria Leger, Mr. Rowland Suddaby apresenta aquarelas daquela parte da Inglaterra conhecida como East Anglia e são mais fáceis de olhar e e mais fáceis de compreender. Mr. Suddaby pertenceu à escola de Constable. É um brilhante expoente da espécie de pintura que pode apanhar o "olhar" das coisas, mas, embora se interesse pela superfície, ele não é de modo algum superficial. Onde ele fracassa, comparativamente com Constable, é em sua inabilidade de organizar seus





Dorothy Malone, estrela da Warner Brothers.

A BELEZA DAS MÃOS... Se bem que se trate de um assunto muito discutido, nunca é demais repisá-lo, pois, infelizmente, existem ainda muitas pessoas que não lhes dão a necessária atenção... Uma prova disso, é vermos ainda moças e senhoras com unhas descascadas, com verniz apenas pela metade, contrastando visivelmente com o restante da figura. Vocês, minhas amigas, estão longe de imaginar a péssima impressão que causam unhas nesse estado. Os homens, principalmente, cuja admiração vocês não dispensam, não perdoam essa falta. É muito preferível que, quando as unhas comecem a descascar e vocês não tenham tempo de ir à manicure, seja retirado todo o verniz. As mãos não ficam bonitas, é verdade, mas ficam muito mais decentes do que pintadas só pela metade e pelos cantos.

Não pensem, no entanto, que a beleza das mãos está apenas nas unhas bem pintadas. A influência do bom tratamento das unhas é grande, naturalmente. Mas, há ainda a considerar o estado geral das mãos; o seu colori-

do, o estado da pele, e, a sua expressão. O colorido depende muitas vezes do estado de saúde; mãos amarelas, sem vida, secas, são sintoma de um mal interno que você deve procurar conhecer e curar. O estado da pele, pode ser melhorado com o uso de bons cremes e loções especiais, com o uso de luvas toda a vez que for necessário fazer algum serviço mais grosseiro, com massagens, etc.

NOS BASTIDORES FEMININOS

Já a expressão, é uma coisa que vem mais do íntimo. No entanto, muito você pode fazer para que as mãos sejam expressivas. Comece fazendo exercícios adequados, afim de que mãos e dedos adquiram flexibilidade, em seguida, procure assumir uma atitude calma e serena; pouce com graça as suas mãos sobre o colo, quando estiver sentada, deixe-as pender naturalmente quando estiver de pé ou andando. Mãos nervosas, cujos dedos, sempre inquietos estejam sempre em movimento, batendo sobre a bolsa ou sobre o encosto da cadeira; mãos que se agitam pesadamente, tudo isto é resultado da sua pouca atenção a um detalhe que, embora não pareça, é de grande importância.

Estude gestos graciosos, estude posições favoráveis ao formato de suas mãos, e procure mantê-las sempre impecavelmente cuidadas, que assim você conseguirá ter mãos dignas de serem admiradas e invejadas.

KITTY

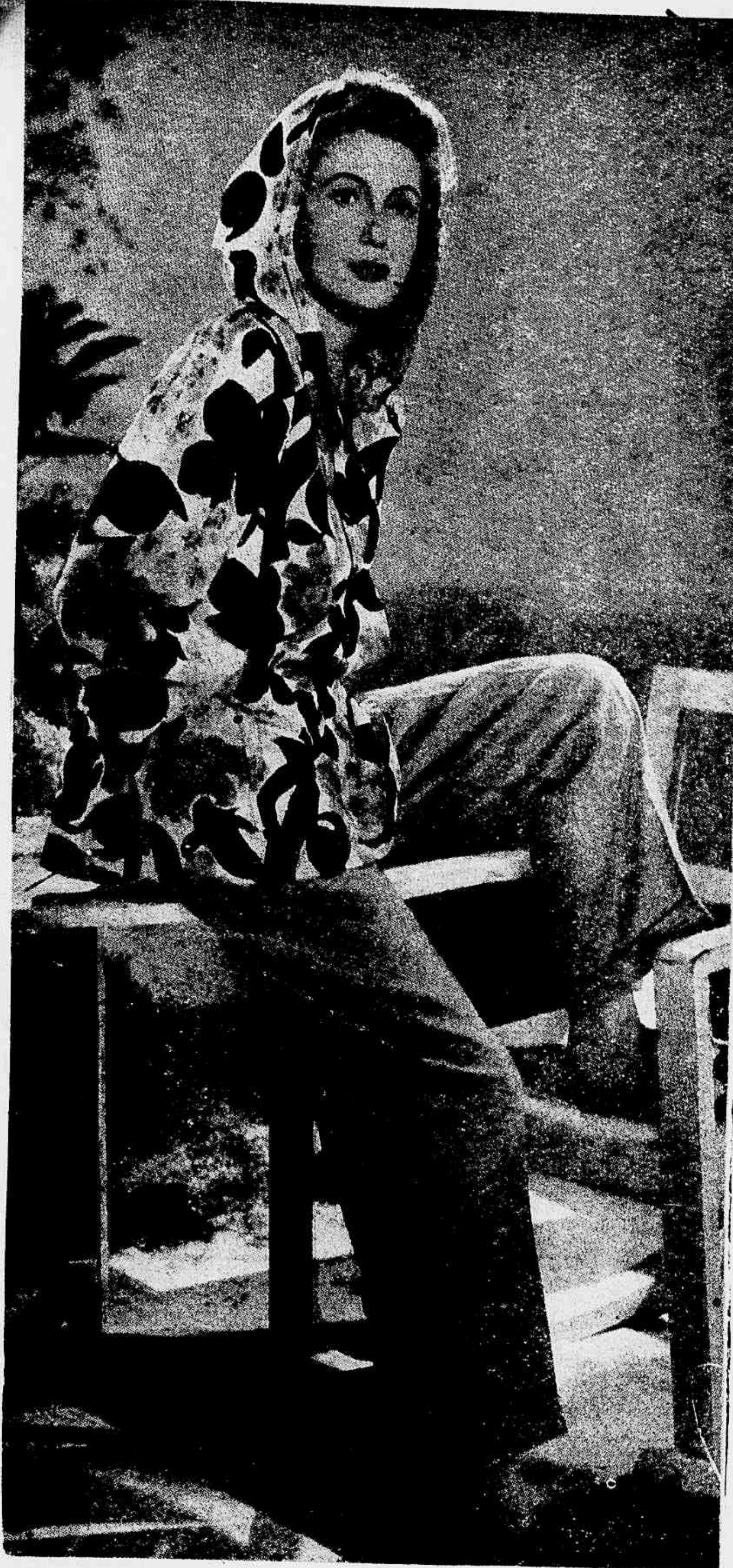


MODELOS PARA VIAGEM

Nesta época do ano, começa a debandada para as estações de verão, as fazendas, o campo... Os trajes para essas viagens devem ser sempre alegres, esportivos e práticos. Os que aqui apresentamos, preenchem, inteiramente, esses requisitos. Da esquerda para a direita: Casaco branco, de panamá, com bolsos formados por grands losanges. Vestido ligeiro, de "shantung" amarelo canário. "Tailleur" de panamá branco com "listras" azuis. casaco de lã, de grandes mangas e original efeito. Grande casaco de "shantung" branco, com banda dupla caindo dos ombros. "Tailleur" de linho branco com incrustações de linho azul. Grande casaco branco, com bolsos originais. "Echarpe" quadriculada.



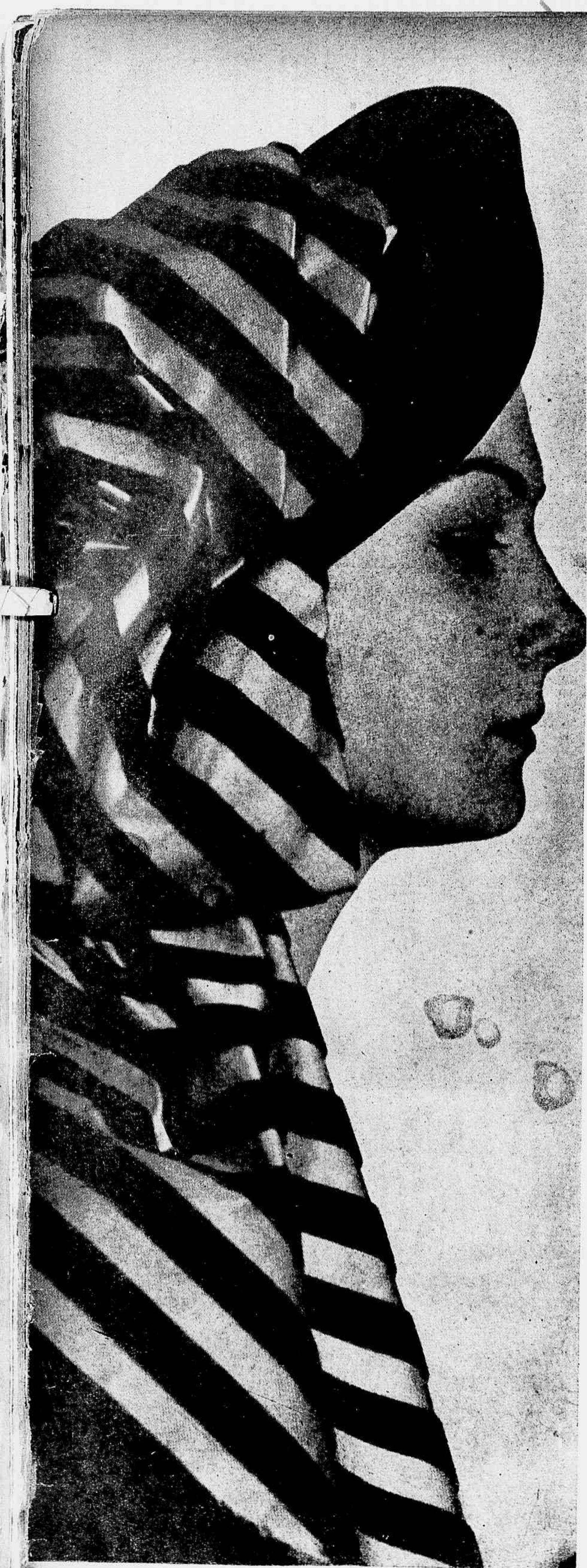




SOL!!!

MODELOS esportivos, para a praia e para o campo são aqui apresentados às nossas leitoras, numa variedade encantadora. Na página ao lado: Para ser usado sobre o "short", vestido de "piquet" branco, todo abotoado na frente. O cinturão largo, é do mesmo tecido. Gracioso "slacks" em panamá branco. Cinto pespontado, do mesmo tecido. Na blusa, dois grandes bolsos. "Maillot" branco, com salóte "godet" e franzidos no busto. No alto desta página: Conjunto elegante, composto de "slacks azul claro e blusão com capuz em tecido estampado de cores vivas. Gracioso "short" azul marinho, com blusa de lingerie branca com babadinhos franzidos na gola e nos punhos. Finalmente, em baixo, dois elegantes "shorts" bastante originais. O primeiro em linho branco com pespontos na gola e nas mangas. O segundo é um modelo duas-peças em vermelho com "pois" branco.





CHAPÉUS

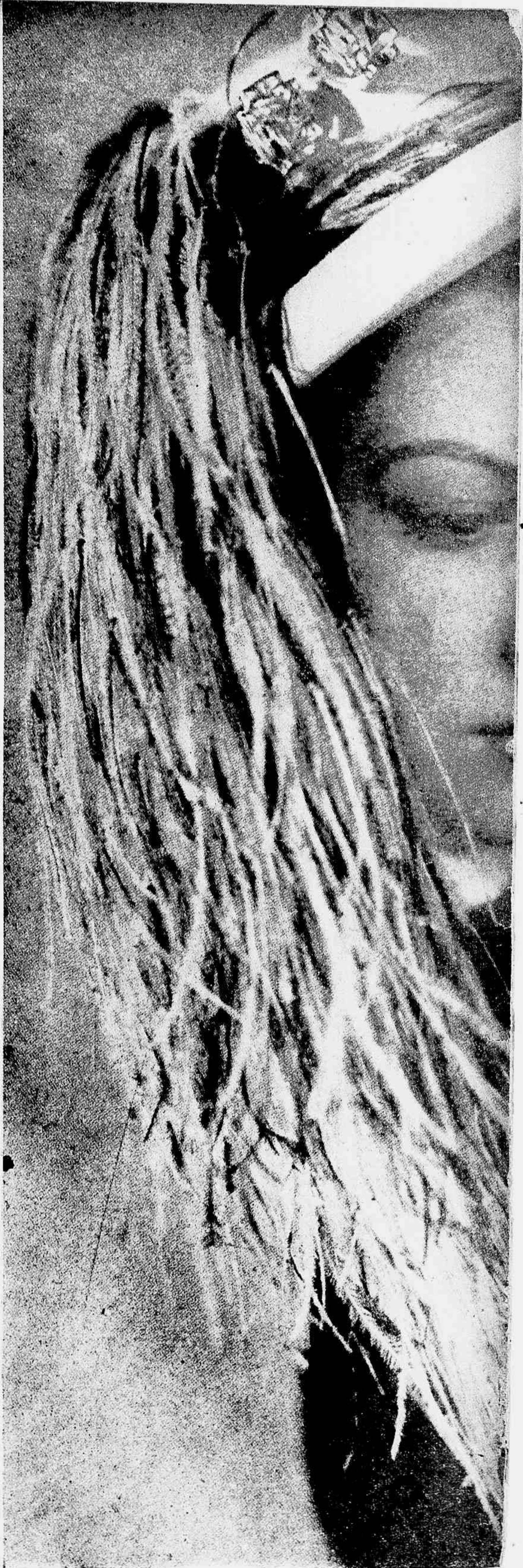
GRANDES ou pequenos, com flores ou véus com penas ou plumas, os chapéus franceses estão na ordem do dia. Nota-se uma grande preocupação de insistir junto às elegantes para que voltem a usá-los em qualquer ocasião e à qualquer hora do dia. Parece que, de fato, já se inicia um movimento nesse sentido, pois, é realmente bastante difícil resistir às maravilhas que os chapeleiros franceses vêm criando. Para que as nossas leitoras "adiram" também ao movimento, apresentamos as últimas criações dos mais famosos chapeleiros franceses: Le Monnier apresenta este adorável chapéu de palha branco, com aba mais levantada de um lado e com grandes flores aplicadas sob e sobre a aba. Para a tarde, Legroux oferece este modelo em palha preta, enfeitado





FRANCESES

com "tulle" e laços de gorgurão, também pretos. Graciosíssimo este modelo de Denise Chabaud, de inspiração oriental. E' em palha branco, com interessante "movimento" na aba. Grandes flores rosa claro e fita de veludo preto completam o modelo. Lendre D'Orvar apresenta, para trajés esportivos, este modelo de aba dupla, com "tulle" entre as duas abas. Também para uma "toilette" mais apurada, é este modelo de Rose Valois, em cetim preto com copa e banda caída sobre os ombros em cetim listrado verde e preto. De grande elegância é este modelo de Janette Colombier, em cetim com plumas caídas. Na copa, também duas grandes pedras.





France Obré



Rosevienne

VESTIDOS

Modelo de muita elegância, em seda branca. Blusa com drapeados apanhados dos lados que aumentam o decote. Ainda na blusa, pequenos botões cobertos com o mesmo tecido. Criação de France Obré. Vestido de linho branco com bolero também de linho em largas tiras de cores vivas. Modelo de Rosevienne. Criação de Vera Boréa em linho branco com tira e iniciais incrustadas, de linho azul.



Jean Farrell

Jane Regny



Rosine Paris

BRANCOS

Vestido de seda branca, decote em "V" com "echarpe" torcida. Modelo de Jean Farrell. Rosine Paris, apresenta este modelo de seda branca, mais "habillé". Mangas avaido dos cotovelos, presas com laços de "gros-grain" marinho. Aba "godet" sobre os ombros. Modelo em crepe de seda branca, gola de organza com grandes pastilhas bordadas em azul. Punhos também com pastilhas. Criação de Jeane Regny.



AZUL E BRANCO



A esquerda : Modelo de Worth em jersey azul-marinho. Blusão com drapeados laterais e botões dourados na frente. Gola alta. Manga também com franzidos. Sala com "machos". A direita : "Duas-peças" de muita elegância, criação de Marcel Rochas. E' executado em linho branco com barra e gola azul-marinho e pode, também, ser executado em seda ou flanela branca com enfeites de veludo "cordonet".

O MODELO que aqui estampamos, é a última realização da grande criadora de modas que foi Jeanne Lanvin. A grande maioria dos jornalistas que visitava Mme. Lanvin, para solicitar algumas recordações da sua carreira tão ativa e dinâmica, lendo, mais tarde, as notas tomadas em seus salões, se apercebia que a conversa havia girado mais sobre o presente e o futuro, do que o passado. A razão disso era que Jeanne Lanvin não gostava de falar sobre o passado, não porque renegasse sua origem modesta e os anos de trabalho obscuro, mas porque toda a sua energia se concentrava no presente e no futuro.

O que a interessava sempre, era a próxima coleção, e as idéias para a próxima nasciam sempre durante a última apresentação. Ela dizia sempre "uma coleção de modelos semeia as sementes que brotarão na coleção seguinte".

Adorava o teatro e todas as manifestações sociais. Adorava ainda viajar, visitava museus e assistia conferências. Já de idade avançada, seu prazer era viajar e contemplar as maravilhas da paisagem.

Incansavelmente, procurava tudo quanto pudesse servir ao prestígio e embelezamento da mulher; as diferen-

DE JEANNE LANVIN

tes expressões da moda ocupavam seu pensamento. Entre as suas recordações mais caras, estavam os sucessos que havia obtido, com os seus modelos em representações teatrais.

A arte de Jeanne Lanvin, se assemelha à de um pintor; se descobre em seus "croquis" nos seus aspectos mais pessoais e característicos.





DOIS MODELOS ORIGINAIS

A esquerda: "Duas-peças" de Henri Rimelin em "faille" preto com listras brancas formando quadrados. O casaco tem grande "basque" que termina atrás em ponta. A direita: Original este modelo em dois tons de seda pesada. A blusa é feita no tom mais escuro, com incrustações dos lados do tom mais claro. A saia é clara com avental e listras no tom escuro.

A MORTE DO MORUBIXABA

Conto de NOELINI SOUZA

HÁ dois meses haviam deixado a taba, sob as bênçãos de Boipoan, o velho pagé, com Uirá à frente, afim de pedir ao Papai-Grande da cidade ferramentas para a lavoura. Iam contentes. Cheios de esperanças.

Mas, durou pouco essa alegria. O contacto com a civilização só lhes trouxe desilusões — pois índio na cidade é tratado como bicho. Só encontraram incumpreensão, indiferença e só ficaram para servir de mofa à curiosidade da gente civilizada. Até presos foram porque andaram brabos, com tanta provocação e doram de gritar, de gritar sem pena dos cuídos de ninguém. Dona Rosinha, amiga deles que já morara na aldeia não pôde com a sua raiva que índio quando se zanga não é brincadeira.

De noite, não havia cristão que pudesse dormir na rua do Norte, pois da casa de dona Rosinha vinham os ruídos mais exqu岸itos do mundo. Força foi preciso para mantê-los em casa, mas, eles desabafavam as máguas asseprando as inúbias, chocalhando os membís, soltando gritos de guerra e até querendo fazer dos enfeites da parede alvas para flexações...

Queriam porque queriam ir embora. Papai-Grande que fosse pras profundezas do reino de Jurupari. Se dona Rosinha os tivesse deixado ir talvez não acontecesse nada do que aconteceu. Mas, teve medo da brabeza deles.

No entanto, uma noite, eles conseguiram escapulir.

Foram dar na Praia da Madre-Deus e se aprestaram para fugir na primeira canôa que toparam, quando um canoeiro deu alarme e toco o mundo correu prá cima deles. Uirá foi derrubado, traçoairamente, pelo canoeiro com uma remada de força que lhe vergou a cabeça e lhe abriu uma brecha no cachaco.

Passou foi mal. Uirá-ruí quando viu o tempo fechar fugiu e com Tatá se embrenhou no mato. Uirá, sua miricó e a counhatã, foram para a casa que protege os índios o Serviço de Proteção. Diz que abriram inquérito contra o canoeiro. O resultado, porém, nunca apareceu e ele andava solto contando basófia pela Praia da Madre-Deus, porque derrubara um morubixaba valente...

Só por causa de uma canoinha sem importância, que Uirá não ia roubar, pois indio-cacique não se suja por coisinha atôa, assim.

Uirá, daí por diante, sorria triste e baixava os olhos. Até parecia olhar de cachorro vira-lata. Numiniai sorria triste, também. A gente ia levar bugigangas para eles lá no Serviço mas nem porisso eles ficavam alegres.

Um dia — ele já estava quase bom mas com a cabeça amarrada — um dia, tiveram licença do partir. Procuraram o grande rio e seguiram pelas margens dele...

Uirá à frente. Numiniai, a counhatã, Uirá-ruí e Tatá que vieram se reunir a eles, todos fazendo cobrinha pelo caminho. Tatá latia, contente por voltar para casa... Uirá sustinha as lágrimas, porque indio valente não chora...

Adiante, o Mearim se estendia, como uma serpente de praia. Convidando... Convidando Uirá para um abraço sem fim...

Numa quebraça do rio apareceu um barranco. Dois e mais três. Acamparam. Uirá e Uirá-ruí subiram ao topo mais alto de um deles. Foi então que uirá, num salto, se despenhou de um dos barrancos mais altos do Mearim e as águas do grande rio se fecharam gulosamente, sobre o seu corpo moreno. Uma nuvem prateada lampejou ao sol, envolvendo-o: eram as piranhas, essas feras indomáveis dos rios e igarapés do Norte.

Uirá suicidou-se. Não podia continuar vivendo depois do que acontecera. Havia desmerecido do seu nome de cacique. Da admiração e respeito dos valentes guerreiros da sua tribo — a grande e destemida tribo dos Urubús.

No topo do barranco, avermelhado de sol, com os olhos muito tristes, cheias de água, o vulto de Uirá-ruí permaneceu imóvel, durante muito tempo ainda, parecendo escutar o eco argustiado das cerradeiras palavras do pai e chefe:

— Uirá-ruí... Uirá já não é mais morubixaba. Foi vencido por um homem branco da cidade. Toma conta de tua mãe e de tua irmã. Volta com elas e Tatá para as nascentes do rio...

Uirá-ruí ainda Numiniai e Catar-de-Numinai aproximaram-se, silenciosos e tudo compreenderam num relance, pois já esperavam por isso. Os três se sentaram calados. Depois foram apanhar gravetos para acender o fogo sagrado, cantaram o Canto da Morte e choraram por Uirá. Choraram e pediram a Tupã guardasse sua alma na paz eterna das Montanhas Azuis.

Quando o sol desfalceu no outro lado do rio e o gemido da inhambú substituiu o canto dos sabiás, Uirá-ruí à frente, seguido por sua mãe e sua irmã, rumou para as nascentes, enquanto que Tata, a cachorrinha fiel, farejava aqui e ali, como se estivesse pressentindo algum inimigo invisível...

Premiado no Concurso Permanente da REVISTA DA SEMANA
Ilustração de ABELARDO ZALUAR



Brasileiros na Universidade de Ann Arbor, entre professores americanos



Dr. G. Cantuária Guimarães, professores Dr. W. F. Koch, M. Gales e J. Koch, Major Nery Costa e senhora, Capitão Almir Mourão e senhora, Cap. Arthur Soares e senhora, Drs. Azevedo Pondé e senhora, H. Marques e senhora, Drs. Alvaro Eichenberg, W. Pantoja, W. Coimbra, Antonio Cavalcanti e Lino Tatto. O professor Koch é o notável sábio americano criador da Kochterapia. *

Carta aberta às solteiras

(Continuação da pág. 13)

com conquistas por criaturas do nosso sexo: Gabriela Mistral recebeu o prêmio Nobel; Marta Aguirre, o prêmio Justo de Lara; Wanda Wasilewska, o prêmio Stalin e o prêmio Pulitzer (biografia) foi concedido em homenagem póstuma a Linne Wolf. Receio bem que, diante desses êxitos, Henri Heine retratasse a sua afirmação maliciosa de que as mulheres literatas escrevem com um olho no papel e outro num homem... Em outros setores da cultura, podemos lembrar, ao acaso, os louros obtidos pela dra. Lise Meitner, cientista que trabalhou na desintegração do átomo; por Miss Evans, presidente da Sociedade Americana de Bacteriologia, que isolou os bacilos da "febre ondulante", ou por Florence Rna Sabin, do Instituto Rockefeller, que, há poucos anos, foi premiada pelos seus trabalhos sobre a tuberculose.

E a atuação da mulher durante a guerra? Ela desempenhou os mais diversos mistérios antes atribuídos aos homens. Cultivou a terra, ajudou a construir navios, trabalhou nos campos de prática de artilharia, manejava repêtores, controlou aparelhos secretes de rádio-localização; dirigiu caminhões, locomotivas, barcos e aviões; trabalhou nas fundições nos mais pesados serviços; patrulhou terras e mares. Na Rússia, ela não se contentou em participar dos trabalhos de retaguarda. Empunhou fuzis e granadas, assaltou trincheiras, transformou-se em guerrilheira, tomou parte em combates aéreos. A Coronela Durtiavi esteve no comando de uma divisão siberiana, que defendeu Stalingrado. Valéria Homickova foi a primeira mulher que abateu um bombardeiro nazista. Os exemplos são numerosos demais para a extensão desta missiva.

Final, o que eu desejava dizer a vocês era apenas isto: não descreiam de suas capacidades, nem limitem suas aspirações. No mundo de hoje, realista e tumultuário, vocês devem estar aptas a construir sua vida com recursos próprios sem contar com a proteção eventual de um homem. As habilitações que adquirirem somente as valorizarão aos olhos de seus futuros companheiros. E se ficarem solteiras absorvidas no seu trabalho, vocês não se sentirão como peças soltas e inúteis do maquinismo social, mas iguais a eles, ligados a uma infinidade de outros êlos, numa corrente de interesses e obrigações comuns.

Felicidades d. Alice

(Continuação da pág. 33)

E o gordo passando um lenço pela testa molhada, queixando-se do calor, contou a Alice, que ouvia, mais ou menos interessada, toda a história de sua filha. Dera

aula durante dez anos seguidos para ser, afinal, demitida por simples questões de política. Depois, a conversação foi esfriando, até gelar-se no silêncio. Alice entrou de novo em seu mundo interior. Ela estava quase só. Tinha, apenas, algumas tias que, aliás, não se interessavam muita pela sobrinha. Mas foram estas tias, afinal, que lhe arranjaram a nomeação. Provavelmente para não terem que a sustentar. Em todo o caso... Diplomara-se há pouco. Tinha idéias modernas sobre educação. Estava certa que, adotando os métodos que pretendia adotar, os seus alunos aprenderiam depressa. Muitos planos para o futuro. Amava a carreira que escolhera. Queria se dedicar exclusivamente a ela. Para isto contava com sua mocidade e com os ensinamentos de seus livros prediletos, que trazia na mala. Queria ter o prazer de ver, depois de velha, bem velha, um nome importante no jornal e recordando-se de sua mocidade distante falar baixinho, modestamente, mas com muita alegria: "Este foi meu aluno. Foi eu quem guiei os primeiros passos de sua inteligência. Quem acendeu as primeiras luzes na noite de sua compreensão infantil. E agora ele é um homem forte, cheio de saber, ultrapassou em muito os meus conhecimentos. É útil, presta serviços à sua pátria e fico muito, muito satisfeita mesma". Enquanto ela pensava o trem ia chegando. Quando parou na estação de Bem-Te-Vi foi o homem das empacatas que a acordou, pois ela havia adormecido. Despediu-se dele e desceu, carregando a sua mala e a sua valise. Esperava-a uma senhora idosa, simpática e que era, também, professora no Grupo. Alice gostou de sua companhia. Seguiu com ela para a Pensão onde iria se hospedar.

★

Dois dias depois ela dava a sua primeira aula. Que atrapalhado, meu Deus! Acho que aqueles meninos todos vão rir de mim. Vão estranhar tudo o que eu disser. Não sei se eles gostarão de minha voz. O meu vestido, será que está muito "alegre"? Quando falei alto minha voz soa tão mal. Tenho medo. Aquele menino grande, ali no canto, me olha com um jeito tão esquisito. Tomara que tudo corra bem. Deus vai me ajudar. Enquanto os pensamentos tumultuavam assim, ela mergulhou o rosto no livro de chamada, dando apenas ligeiros olhares à classe. No fim, tudo deu certo. Com a voz trêmula, um pouco sem jeito conseguiu dar a sua primeira aula. Quando acabou, sentiu-se satisfeita. Desde o seu primeiro ano no curso sentia aquele momento. Na verdade ainda no Colégio era nula, como exercício. Mas era diferente. Ali, sózinha, em frente a dezenas de olhares desconhecidos, que pareciam entrar pela sua alma a dentro, era bem diferente. Por isto a sua sensação de vitória, de contentamento, foi intensa e duradoura. No fim de três meses já tinha completo domínio sobre a classe. Começara a desenvolver os seus modernos planos e vira, com alegria, que os mesmos davam bons resultados. Somente com o Zezinho tudo falhava. Parecia ter o diabo no corpo. Desde o começo ele demonstrara, também, que não simpatizava muito com ela. Tinha seus 13 ou 14 anos. Filho de um fazendeiro rico da região era o mais velho da turma. Gostava de entrar nos brinquedos das meninas, puchando os cabelos destas. Um dia, como o Zezinho se excedesse, chamou a atenção dele muito enérgicamente. Ele virou-se para a professora e disse bem alto para todos ouvir:

— D. Alice, eu acho bom a senhora não continuar a implicar comigo não. Eu acabo falando com papai e...

Por que precisam as mulheres de dois reguladores?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, eles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fadiga, etc.

O Regulador Xavier N.º 2: para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flôres brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.

— E o que? seu... malcriado. Onde já se viu se dirigir assim a uma professora!

As suas orelhas ficaram em brasa ao dizer isto. Além de ser desrespeitada ante todos os seus alunos, sentia-se um pouco humilhada, rebaixada. O incidente terminou com a expulsão de Zezinho da aula, naquele dia. Ela não quis insistir em sua pergunta. Iam, assim, correndo os meses, sem acontecer nada de muito importante. Todos já gostavam dela. Aproximavam-se os exames. No dia, o risto dos meninos apresentavam aquela expressão de medo e inquietude peculiares aos exames. Ela, um pouco emocionada também, pois ferozmente teria, embora não quisesse, de reprovar alguém ia examinando com calma e atenção um por um. Quando chegou a vez do Zezinho ficou horrorizada. O rapazinho, agora mais alto do que ela, não sabia coisa nenhuma. Evidentemente, teria que repetir o ano. No fim do dia estava cansada. Todos saíram e ela ficou. Bem, felizmente o número dos reprovados não foi muito grande, quatro somente. Fiz tudo que era possível, mas eles não sabiam mesmo. Agora um jantarzinho não é nada mau. Bem que preciso dele, pois hoje eu me cansei deveras. E dirigiu-se para sua pensão.

★

Alguns dias depois recebia a visita do Cel. Silva. Pesado, olhos amortecidos pela indolência roupas grosseiras, o Coronel mal lhe deu boa tarde. Foi logo entrando no assunto. Estava muito mal satisfeito. Nunca lhe acontecera uma coisa daquelas. Nascera ali, ali criara família, todos lhe queriam bem. Sempre merecera o respeito, a consideração de todos. Quando falava o Coronel dava a entender, claramente, que sua mentalidade dormia sossegada em épocas remotas. O seu espírito não evoluía. Pensava como se vivesse no século passado. Ao mesmo tempo parecia dizer que Bem-Te-Vi era dele. Cada frase que dizia era acompanhada de gestos largos, sem coerência. E continuava: ficara surpreso, pensara ser até bridadeira de seu filho.

— Mas, Coronel, afinal de que se trata?

Foi então que ela, excessivamente surpresa, ficou sabendo que aquele "Coronel" era pai do Zezinho e viera ali, apenas, para "intimá-la" a voltar atrás, fazendo que o seu "filhinho" fosse considerado aprovado. Alice quase não sabia o que responder. A estranheza que aquilo tudo lhe causou foi tão grande que ficou chocada mesmo. Mas, depois de curtos segundos, respondeu com voz firme: — Coronel, lamento muito não poder atendê-lo. Informo-lhe, portanto, que mantenho a reprovação de seu filho.

O Coronel ficou feito um pimentão. O sangue parecia querer sair de suas faces gordas e inexpressivas. Disse coisas e mais coisas. Alice, vendo que o indivíduo estava ficando inconveniente, pediu licença e retirou-se, enquanto ele a ameaçava com sua demissão.

(Continua na pág. 55)

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.ª Loja

HOMENAGEM AO DR. CUNHA E MELLO, DIRETOR DA ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO RIO GRANDE DO NORTE

O desenvolvimento de uma ferrovia nordestina — Colaborando com o "Tranpolim da Vitória" — As homenagens.

O PROBLEMA das estradas de ferro no Brasil assume excepcional importância se considerarmos a carência dos nossos meios de transporte e a alta significação desse fator para a distribuição dos nossos produtos, quer de um ponto para outro do território nacional, estimulando o mercado interno, quer das zonas produtoras para os mercados exportadores.

Assunto complexo, sem dúvida, envolvendo outros tais como o de combustível e o de manutenção das estradas sem comprometer com fretes excessivamente pesados os preços das mercadorias transportadas, o funcionamento de uma via férrea exige, em consequência, capacidade técnica aliada a um esclarecido espírito de organização, qualidades que se devem subordinar às virtudes de um verdadeiro patriota, para que possa compreender em toda extensão o valor de sua contribuição, o alcance de sua obra no panorama econômico do país.

Dá dependência em grande parte a vida de uma estrada de ferro da operosidade e do elevado nível técnico de sua direção.

O DESENVOLVIMENTO DE UMA VIA FÉRREA DO NORDESTE

Isto posto, explica-se o extraordinário desenvolvimento que vem experimentando a Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte, em boa hora entregue à competente direção do engenheiro dr. Alvaro da Cunha e Mello.

Assumindo a direção daquela estrada em agosto de 1944, numa época em que o Brasil se achava empenhado no esforço de guerra, encontrou o engenheiro Cunha e Mello graves problemas a resolver para que pudesse a Estrada corresponder ao que dela se esperava, para que continuasse a prestar os relevantes serviços que o momento exigia.

COLABORANDO COM O "TRAMPOLIM DA VITÓRIA"

Pois a verdade é que a Central do Rio Grande do Norte foi, na última guerra, não há negar, uma das mais eficientes ferrovias brasileiras. Paralisados todos os transportes marítimos pela contingência da situação, aquela estrada teve, como consequência, o seu movimento elevado a um tão alto grau como jamais se supoz. Servindo a uma vasta zona, bem como às forças armadas nacionais e americanas sediadas no nordeste, colaborando assim para a melhor eficiência do "Tranpolim da Vitória", tal como foi chamada a base de Natal, a Central do Rio Grande do Norte, pelo vulto e eficiência dos seus serviços, atestou verdadeira e ampla expressão de dinamismo e inteligência de sua administração.

ASSISTÊNCIA SOCIAL AOS FERROVIÁRIOS

A ação do dr. Cunha e Mello procurando sanar as deficiências de material, infelizmente ainda reinantes, seu empenho em ampliar a assistência aos ferroviários e suas famílias, com serviços médico-dentários e de farmácia e com a criação de uma escola para os filhos dos operários (com uma matrícula superior a 300 alunos do ano letivo de 1946), tudo isso o fez credor da admiração do povo potiguar, principalmente se levarmos em conta as dificuldades com que teve de lutar



PRESENTEANDO O HOMENAGEADO — No seu gabinete particular, o dr. Cunha e Mello recebe custosa lembrança que lhe ofereceram os seus amigos e admiradores. Nesta foto aparecem o homenageado cercado de amigos, entre eles o professor Severino Bezerra, diretor do Departamento de Educação; Cap. Ulisses Cavalcanti, assistente do Q.G. e representante do exmo. gal. Orestes da Rocha Lima; dr. Paulo de Viveiros, assistente jurídico da Central e intérprete dos manifestantes; dr. Lauro Freire, chefe de Divisão da Estrada; engenheiro Floro Dória, chefe da Repartição de Saneamento de Natal, além de funcionários.

com a carência de material, acentuada pela guerra, e os limitados recursos humanos, — pessoal já exausto pela extensão das tarefas que lhe era imposto pelas necessidades do momento.

AS HOMENAGENS

Por isso mesmo, o dr. Alvaro da Cunha e Mello se tornou merecedor das homenagens de que foi alvo na sua data natalícia transcorrida a 8 de novembro p. findo, as quais tomaram o vulto de uma verdadeira consagração pública, tal o número de pessoas presentes, inclusive figuras das mais destacadas do mundo oficial e da sociedade natalense.

MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS

Iniciando-se as comemorações, promovidas pelo vontade espontânea dos seus amigos e admiradores que são todos os que trabalham sob sua direção e que o

conhecem, foi celebrada u'a missa em ação de graças na Capela do Colégio Salesiano, assistindo a esse ato, além do homenageado a exma. esposa grande número de ferroviários e outras pessoas gradas.

APOSIÇÃO DO RETRATO

Após a missa, teve lugar no ambulatório da Estrada a aposição do retrato do dr. Cunha e Mello, discursando nessa ocasião os drs. Cleodon Tavares e Aloisio de Góis, médico e dentista da Central, que disseram do muito que tem feito a atual administração da Estrada no campo da assistência social.

AGRADECE O HOMENAGEADO

Em agradecimento, falou o homenageado que, em tocantes palavras, após referir-se ao seu intento de prestar sempre maior assistência aos ferroviários e às suas famílias, pôs em destaque a cola-

boração franca e eficiente que tem recebido dos seus auxiliares os quais, possuídos dos mesmos sentimentos do seu chefe, jamais pouparam esforços para servir ao Estado e à Nação.

Às 10 horas, foi feita a clerta de custosa lembrança ao aniversariante, sendo intérprete dos ofertantes o dr. Paulo de Viveiros, assistente jurídico da Estrada que em magnífica oração disse da alegria de seus colegas pela passagem de tão grata efeméride.

CHURRASCO

Ao meio dia foi servido um churrasco que decorreu em meio ao melhor espírito de camaradagem e simpatia, como se vê pelas fotografias que ilustram esta reportagem e no qual tomaram parte o Cel. Aloisio Moura, ilustre comandante da Força Policial e Chefe de Polícia, oficiais do Exército e da Marinha e outras autoridades civis, ferroviários e suas famílias.

Encerrando as comemorações, foi oferecido à sociedade natalense um sorvete dançante na residência do dr. Cunha e Mello, que juntamente com a sua digna consorte, acumulou de gentilezas a todos quantos tiveram o privilégio de privar naquele ambiente.

AUTORIDADES PRESENTES

Achavam-se presentes o Sr. Interventor Federal Ubaldo Bezerra, o Comandante Roberto Castilhos, diretor geral da Base Naval de Natal, deputado José Augusto Varela, Coronel João Camara, grande industrial no Estado, altos funcionários federais, o pessoal da Estrada e inúmeras famílias.

Tornou-se assim aquela data um dia festivo para a família ferroviária nordestinense que, sem nenhuma distinção de classe, demonstrou ao dr. Cunha e Mello a maior prova de amizade que só os chefes possuidores de méritos reais podem receber.



CHURRASCO — Flagrante do churrasco, no pátio da residência do dr. Cunha e Mello, por ocasião da passagem do seu natalício. Ladeando o diretor da Central, vêem-se o coronel Aloisio Moura, Chefe de Polícia; Hamilton Arcoverde, chefe da Secção do Material da Estrada; tenente José Moraes, do destacamento de Natal, além de outras pessoas gradas.

Nem se pergunta*



Só uso Kolynos! diz Merle Oberon

famosa estrela da UNIVERSAL PICTURES que aparece em "NIGHT IN PARADISE"

Nada mais natural! Kolynos deixa os dentes limpos e brilhantes; a boca fresca e perfumada. Um só centímetro de Kolynos dá à boca uma incomparável sensação de saúde e bem estar. As mais belas mulheres do mundo estão de acordo em que Kolynos...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos...
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia

K-413-PH

McCann



DE REPENTE...

A MUSICA POPULAR BRASILEIRA passou novamente à ofensiva contra o fox, a rumba, o bolero, a conga e o tango argentino. Pouco a pouco, as nossas estatísticas vão comprovando aos espíritos mais céticos que o seu predomínio quase absoluto é uma grande realidade. Adeus, Pampa Mia, Amado Mio, Pa-ran-pan-pan, Bim Bam Bum e It's been a long, long time! Vocês desafiaram durante um "long long time" a nossa paciência, quase a pique de exotar-se diante da indiferença dos nossos compositores populares em esboçarem uma reação por mais ligeira que fosse. Agora, porém, estamos vendo que a nossa música popular é capaz de todos os milagres e que não tínhamos razão quando duvidávamos do talento criador dos nossos "songsmiths". A prova provada aí está: a cidade foi tomada de assalto por uma verdadeira orgia de ritmos nativos: o samba, a marcha, o frevo, o maracatú... Em casa, no emprego e na rua, não se escuta outra coisa a não ser o "Pirata da perna de pau", "Eu quero é rosetar", "Odalisca", "Louco", "Onde estão os tamborins", "Palhaço", "Gilda", etc., etc. E' o rádio que, durante dez, dezoito, vinte horas por dia, mais contribui para o sucesso dessa propaganda de aspecto duplamente valioso, primeiro porque não custa nada aos compositores e segundo pelo seu lado altamente patriótico.

Que milagre, pois, foi esse assim tão de repente? Porque? Não sabem? Porque no Brasil, tudo acontece sempre... de repente. Quem vê? Pedro Alvares Cabral viajava para as Índias e de repente descobriu o Brasil. Napoleão invadiu Portugal e de repente o Brasil se tornou a sede do império português. Em 1822, D. Pedro I, às margens do Ipiranga, gritou de repente o "independência ou morte". A 15 de Novembro de 89, a República foi proclamada de repente, acabou de repente em Outubro de 30 e voutou "de repente em Outubro de 45..."

Mas... o atual e repentino predomínio da nossa música popular não é fruto dessa fatalidade histórica. A verdade verdadeira é bem diversa e o milagre deve-se exclusivamente ao Carnaval. Estamos em plena orgia musical carnavalesca e tudo parará de repente na próxima quarta-feira de cinzas.

Mas, seja lá de que forma for, poderíamos muito bem tirar partido da situação, tanto assim que, de repente, acudiu-nos uma idéia: Porque os nossos compositores não permanecem permanentemente em estado carnavalesco?

F. CORREA DA SILVA

NADIE

Bolero de Agustín Lara

Abriste los ojos con el suave ritmo
que hay en tus pestañas
y aunque de tus labios escuché un
te quiero
se que tú me enganas...
No temas que rompa la leyenda
frágil
de tus amores
que al fin tus pesares y tus sinsabores
también fueron míos...

Nadie puede inspirar lo que tú
inspiras...
Nadie puede expresar lo que tú
expresas...
Nadie puede mirar como tú miras.
Ni nadie besará como tú besas...
Nadie puede inspirar lo que tú
inspiras...
Nadie puede expresar que tu ex-
pressa...
Nadie puede como tú miras
Ni nadie besará como tú besas...

"TRABALHA, MULHER"

*Samba de Benedito Lacerda e Herivelto
Martins*

Muita gente acha feio
A mulher trabalhar
Mas o trabalho
Só honra nos traz
E' permitido
A qualquer um trabalhar
(Trabalha
Bis (Trabalha, mulher
(E' o progresso
(Deixa falar quem quizer.

Antigamente
A mulher não podia votar
Pra escolher
O chefe da sua Nação
(Agora não
Bis (Agora não
(Ha mulheres no lar
(e na repartição

"SAMBA DE REALENGO"

*Samba de Dias da Cruz e Cyro Mon-
teiro*

Ai... ai... ai
O samba de Realengo tem
Tem morena
Que samba como ninguém meu bem

O 10,45 hs.

Leva sempre no arrastão
Uma flauta, um cavaquinho
Um pandeiro, um violão
Se eu morasse na Tijuca
No Leblon ou no Flamengo
Abandonava a família
Prá Sambar em Realengo, ai, ai,

II

Se vêjo na Rua Larga
Não respeitando o sinal
Uma morena faceira
Na direção da Central
Digo sem medo de errar
Se ela for cheia de dengo
E' torcida do Flamengo
E mora no Realengo, ai, ai,

*

THE WAY THAT THE WIND BLOWS

Fox de Joan Whitney e Alex Kramer

Will there be rain
Will there be storm,
Will I be cold
Will I be warm,
Will it be dark
Or will it be light?
It's gonna depend on
The way that the wind blows tonight
What will he (she) say
What will he (she) do,
Will he (she) be gay
Will he (she) be blue,
Or will his (her) arms
Be holding me tight?
It's gonna depend on
The way that the wind blows tonight.
My mood is always changing from
fear,
to hope, to fear.
What is fate arranging
What are the words I will hear?
Will there be love deep in his (her)
heart,
What if he (she) swears we'll never
part.
Will he (she) be wrong,
Or will he (she) be right?
It's gonna depend on
The way that the wind blows
tonight.



MODELOS ESPORTIVOS

Em cima: Traje esportivo em algodão estampado, branco e vermelho. Saia bastante franzida, presa ao bolero por um enfeite de "soutache" branco. Bolero com mangas japonesas e decote em "V" profundo. Modelo de Jacques Heim. Em baixo outras duas originais criações francesas, a primeira em linho verde esmeralda com corpete e barra branca no corpo, a segunda em azul vivo com gola, punhos e botões em riscado vermelho e branco.



NOVIDADE

que
Entusiasma!

Diz a bela esposa de
RANDOLPH SCOTT
o genial ator de Hollywood,

"O novo baton Tangee
GAY-RED é a sensação
de Hollywood!"

**GAY-RED... o novo tom de
êxito sensacional!**

Quando experimentar o novo tom Gay-Red dos batons Tangee compreenderá porque é o favorito das mulheres mais belas do mundo. Gay-Red possui o famoso "efeito de pétala", exclusivo de Tangee. Use baton Tangee GAY-RED e recorde... as mulheres mais lindas do mundo usam Tangee, o baton mais fino do mundo!

Em tons
primorosos
Red-Red
Medium-Red
Theatrical
Natural
Gay-Red

O BATON
Tangee

USE TANGEE PARA SE VER...
A MAIS LINDA QUE PODE SER!



Ad No. 47-201 | Brazil | MM7837 12-2-46 P2



PARA DEFENDER
SUA SAUDE
exija um
refrigerador:



Exposição Permanente
Indústrias NEVE Ltda.
Rua Rosa e Silva, 74
(op. Praça Marechal Deodoro)
Fones: 5-1311 e 5-1322

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

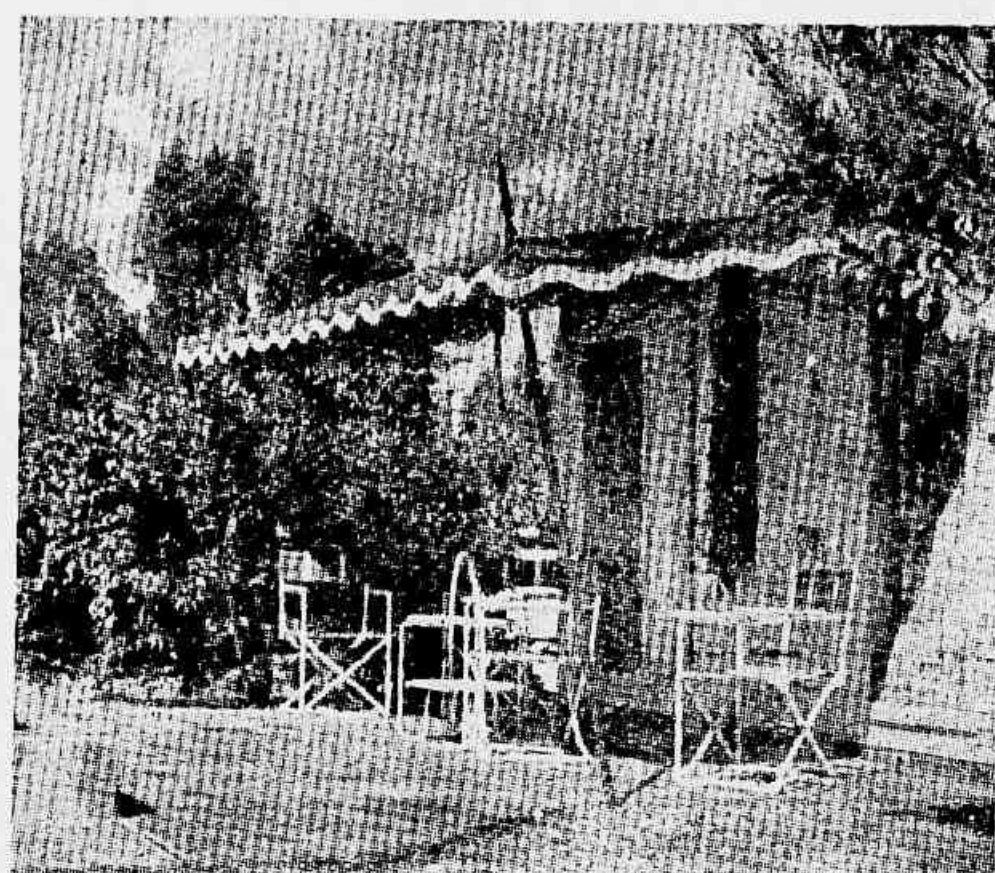
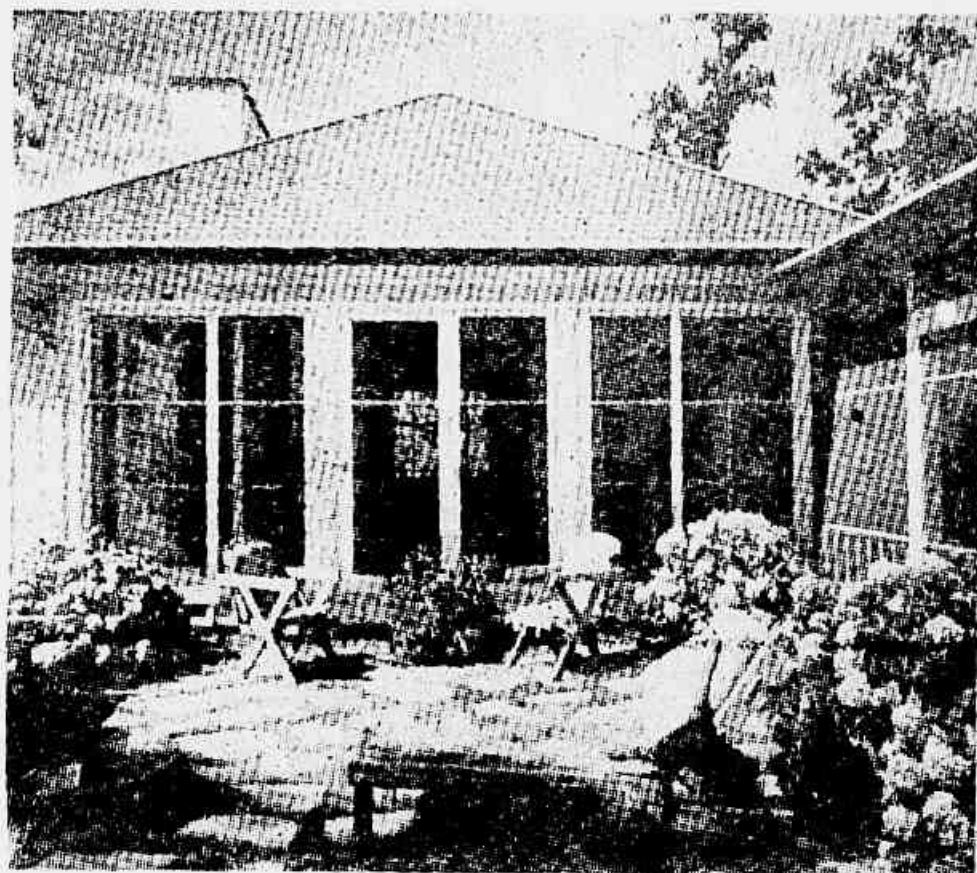
Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.



TERRAÇOS E VARANDAS

Para o nosso clima tropical, tudo o que se possa sugerir em matéria de varandas, terraços e jardins de inverno, é sempre bem recebido. Hoje, apresentamos diversos tipos, todos alegres, elegantes e práticos. Ao alto à esquerda: Área com calçamento de lagedo com gramado entremeado. Grupo de madeira tosca, estofado "brique" de lona. As hostências, muito decorativas, au-

mentam ainda mais a alegria do ambiente. A direita: Um toldo colocado no jardim dos fundos, um grupo de ferro pintado de branco, formam este agradabilíssimo recanto. As portas ao fundo são pintadas com motivos tropicais, formando um "background" vivo e colorido. Em baixo: Uma pequena varanda, cadeiras de ferro, plantas com fartura e, eis um simpático local para as horas de lazer.





ESCOLA TÉCNICA DE COMÉRCIO "MODELO"

COLAÇÃO DE GRAU DOS ALUNOS QUE CONCLUÍRAM O CURSO EM 1946

Realizou-se no dia 26 de dezembro último, às 20 horas, no auditorium do Ministério de Educação, a solenidade da colação de grau dos alunos que concluíram o curso, em 1946, pela Escola Técnica de Comércio "Modelo". Durante a cerimônia usaram da palavra, o aluno José Roberto Rocha e o Professor Deusdedit de Assis, que foi escolhido como paraninfo da turma.

A Escola Técnica, sob inspeção federal, está situada

à rua Joaquim Meyer, 42, tendo sido fundada em Maio de 1933 pela senhora Teresa Caldogni, e dirigida atualmente pelo Professor Deusdedit de Assis.

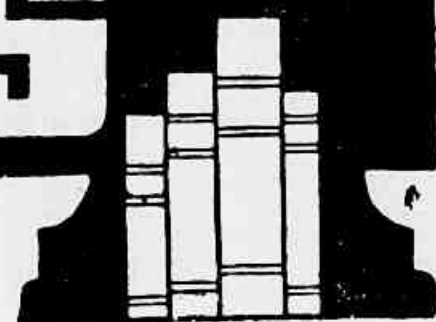
As fotografias que ilustram esta página, foram colhidas pela objetiva da REVISTA DA SEMANA, durante a cerimônia no Ministério de Educação, destacando-se a em que se vê o diretor da Escola, Sr. Deusdedit de Assis, quando pronunciava o seu discurso.



Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO



INTERMEZZO, versos de Carlos Magalhães de Azeredo, da Academia Brasileira — Rio de Janeiro, 1946.

Antigo diplomata que não quis ou não pôde abandonar o cenário romano no qual durante muitos anos, escreveu, com talento e dignidade verdadeiramente superiores, o seu cargo de Embaixador do Brasil, o Sr. Carlos Magalhães de Azeredo enviou agora à Academia de Letras uma nobre mensagem, de alta linha literária, conceitos puros, delicadíssimo sentimento. A futura desse documento constituiu uma das notas de mais elevada eloquência em que a Ilustre Companhia celebrou o cinquentenário da sua fundação. Assim, o único sobrevivente dos quarenta primeiros académicos. Afastada, há alguns lustros, do Brasil, nunca, a bem dizer, o Sr. Magalhães de Azeredo perdeu o contacto com os seus irmãos de pensamento, arte, ideal. E com os outros que a esses vieram substituindo, igualmente se ligou por uma correspondência o mais possível pontual e íntima. Comunicou-se e na Academia, já intervindo com a sua opinião em questões de ordem geral e momentânea, já oferecendo-lhe os seus trabalhos que até hoje não perderam, nem a beleza preponderante do idioma nem a essência emotiva da estirpe. E nunca, nas eleições académicas, o seu voto deixou de figurar, por sinal expresso em termos de rigoroso código protocolar, sempre os mesmos e que, não obstante o sigilo dos sufrágios, logo a primeira palavra denunciava a origem pessoal.

Voltando à recente mensagem do diplomata-poeta, corrigiremos a nossa primeira informação, dizendo que não foi apenas uma e sim duas as por ele enviadas, ambas de inspiração e forma peregrinas. A segunda, remetida, não directamente à Academia, mas às letras brasileiras e a quantos, neste país, deveras as prezam e amam, aqui a temos, num livro de versos: *Intermezzo*. Sente-se nestas páginas o resultado de uma selecção na obra longa e variada, a que os aspectos e os episódios da vida ambiente vieram dando razão criadora. E outra impressão imediata é que tal escolha se efectuou sobretudo no sentido do recolhimento e da serenidade: Certas quadras avulsas claramente resumem dilatadas horas de meditação. Nelas o pensamento do poeta e o gosto do artista, impetuosamente irmanados, encontraram a sua expressão sintética, definitiva. Assim, por entre composições mais extensas, se encontraram estas joias do ourives — rimador:

AUTODIDATAS

*O desprezo que certos homens têm
por toda a humanidade
é maior, na verdade,
de conhecerem-se eles muito bem.*

A LIÇÃO DO BOLIDE:

*Fulgia no céu todo a chama,
gloriosa chama... fugaz.
Caíu, extinta. Entre a lama,
pedra bruta e negra, jaz.*

BLASFEMIA:

*Pensa em tudo o que tiveres
para ser bom e feliz.
Foste tu que não quizesse
e bradas que Deus não quis.*

AS PALAVRAS DA FONTE:

*Quem quer que sejas, bebe, e das estivas frêguas
lava o corpo, a alma. Eu te ouço, e falaria contigo.
Mas, se ingrato não és, reflete em minhas águas
um semblante leal, como eu sereno, amado.*

MADRIGAL PARA UMA Linda Piedra

*Vendo-te o rosto formoso
e esse alma bela sem par,
Peço de ti por exposto
seu próprio Filho te dar.*

FIGURAS E LEGENDAS, páginas em prosa de Sebastião Fernandes — Irmãos Pongetti, editores — Rio de Janeiro, 1946.

O Sr. Sebastião Fernandes é um cronista com a tendência generosa do panegirico. De certos êstes trabalhos se destinaram primeiramente à Imprensa. Depois do preparo dos seus elementos básicos, dados de biografia ou bibliografia, documentos de qualquer natureza informativa, obedeceram às exigências do improviso. Tiveram que satisfazer as condições da oportunidade, da hora, do espaço, que se impõem a todo trabalho de jornal. Por esses motivos mesmos a formação do livro deixou de observar qualquer regra na escolha dos personagens. O escritor tomava a individualidade dominadora do momento ou que nele especialmente se fizesse recordar. Assim, no correr das presentes páginas, se podem suceder o descobridor, o guia, o herói de uma religião e de uma política, o filósofo, o guerreiro estadista, o santo. Aqui temos, com efeito, sem que de modo algum *hucul de se trouver en sen ble*, Cristóvão Colombo, Bernard Shaw, Augusto Sandino, Euclides da Cunha, Gandhi, João Rileiro, Solano Lopez, Abd-El-Krim, Pirandello, Machado de Assis, São Francisco de Assis. Ninguém esperaria encontrar, acerca de qualquer desses vultos além de célebres, alguma revelação de facto ou de substância, alguma coisa em si mesma rigorosamente inédita. Sempre, porém, se pode afirmar a maneira pessoal tratando o personagem, o objecto, o assunto. E o estilo do autor das *Figuras e legendas* ostenta uma espontaneidade e uma desenvoltura que o tornam deveras apreciável.

O Sr. Sebastião Fernandes sabe admirar os homens e dizer como os admira. No caso, é quanto basta.



FIGURAS E LEGENDAS
PONGETTI

A LINGUA DO BRASIL, estudos filológicos de Gladstone Chaves de Melo — Livraria Agir, Editora — Rio de Janeiro, 1946.

O Sr. Gladstone Chaves de Melo entregou-se aos problemas concernentes à língua portuguesa e à linguagem usada no Brasil, com veemente empenho de os esclarecer e deixar de uma vez estabelecidos. Problemas, dizemos, no plural, porque as autoridades em linguística se tem encarregado de tornar a questão cada vez mais complexa e intrincada. O autor do presente livro vem justamente pôr as suas pesquisas, as deduções que lhe ocorreram, as conclusões a que chegou — em confronto com a doutrina pregada pelos mestres ou seguida pelos estudiosos de valor considerável, anteriormente assinalados na matéria.

Comparando-os entre si, nem sempre, bem entendido, o Sr. Chaves de Melo trata de os conciliar. Quando discordam, acentua os pontos de divergência; explica os motivos ou circunstâncias que os levaram a externar sobre o mesmo ponto diferentes maneiras de entender. E assim como a uns, em dados momentos, acompanha e louva, a outros ou aos mesmos em outros lugares contradiz e combate lealmente, com perfeita sinceridade. Como alguém observou, acerca dos filósofos — que, se deixassem de andar em dissensão e à bulha uns com os outros, deixaria de haver filosofia — dos filólogos se poderá dizer, mais ou menos humoristicamente, que, se puzessem termo às suas polémicas, aceitando um sistema de verdades gerais, sagradas, tirariam toda a graça, todo o interesse à filologia. As suas disputas não deixam nunca admitir que tenham fim. Quando a gente pensa que um dos combatentes, por efeito das razões maiores do adversário, ficou de boca fechada ou de caneta inerte, ei-lo que reage, mais ardoroso e pertinaz que nunca. E, como algumas vezes temos observado, com exemplos ilustres, nestas colunas, frequentemente no filólogo se manifesta o duelista assanhado, destabocado, que adota como elemento lícito ou indispensável a verina e é capaz de trocar o floreio da discussão pelo *argumentum baculum*, o recurso da pancadaria. Não se inclui nessa categoria, felizmente, para ele e para nós, o autor da *Lingua do Brasil*.

A sua maneira de contestar pode assumir a forma sucinta, seca, dos que só cuidam de apontar o erro e condená-lo; nunca, porém, abandona a linha de respeito e estima que todos os paradinos das letras entre si e, a rigor, todos os homens, uns com os outros, deveriam respeitar.

O volume, que vai a cerca de duzentas páginas de amplo formato, compreende, além do prefácio e de uma "explicação final", oito capítulos, a saber: A língua portuguesa no Brasil — A influência tupi — A influência africana — A língua popular — A nossa pronúncia — Língua e estilo — O nosso vocabulário — A língua literária.

ESCALA DE JACO', sonetos de José de Mesquita — Cuibá, 1946.

Cada uma destas páginas contém a sua lição de generosidade, doçura, compaixão ou renúncia; e, no seu conjunto, ensinam a amar a Deus e a todas as coisas criadas. O Sr. José de Mesquita converteu em sonetos de apurada técnica as Virtudes Teológicas, os Mandamentos, as obras de Misericórdia; distribuiu pelos quartetos e os tercetos do modelo clássico o catecismo do coração humano. Quando mesmo o seu pensamento se entregue à concepção de alguma teoria filosófica, sempre a essência religiosa anima e embeleza a obra. E' um livro destinado a instruir aqueles mesmos que que sabem e fazer bem aos que já por si próprios se guiam, confortam e salvam.

Tomemos, sem escolher, o soneto SOLIDARIEDADE:



*Faze da dor estranha a tua. Gosa
da ventura dos outros, irmanamente.
Que a tua alma se incline, piedosa,
sobre todo o que sofre injustamente.*

*Tua vida far-se-á mais deleitosa,
si souberes fazer dela, somente,
uma sequência doce e harmoniosa
de amor constante e de perdão clemente.*

*Si sofrerest, procura o teu conforto
como Jesus que, na agonia do Horto,
recebe a taça de amargura cheia.*

*E amavel te será a vida dura,
si jamais aspirares á ventura
comprada a custo da desgraça alheia...*

RECEBEMOS:

Rumos políticos, Carta a um comunista, Carta a um católico, Carta a um integralista, Carta a um democrata, por Domingos Vellasco. Livraria Agir Editora. — Rio de Janeiro, 1946.

A Radiodifusão educativa no Brasil, notas por Alvaro Salgado. Publicação do Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1946.

Saúde, almanaque para 1947. Publicação do Serviço Nacional de Educação Sanitária.

Felicidade de d. Alice

(Continuação da pag. 48)

De fato, um mês e pouco depois, vinha no "Diário Oficial" o despacho de sua exoneração, "a pedidos". Ela já esperava aquilo. Estava satisfeita, pois cumprira o seu dever. Sózinha, sem proteção, enfrentara, por assim dizer, aquele mesquinho "Coronel", que tinha tanto prestígio no lugar. Arrumou as suas coisas, fez as malas e se prontificou a partir na segunda-feira seguinte. Neste dia, cedo, foi informada de que havia uma visita para ela. Provavelmente algum aluno que veio despedir-se de mim. Mas não era. Ao entrar, viu um rapaz de boa aparência, que a cumprimentou amavelmente. Meia hora depois ele saía deixando Alice satisfeita, confiante. Ainda bem. Nunca se luta em vão. Há sempre pessoas que nos ajudam, que compreendem as nossas atitudes. Essa história de dizer que todo o mundo é mau, é perverso, é isto, é aquilo é conversa sem pé nem cabeça. Há de tudo, naturalmente. Enfrentei o Coronel Silva, mas a dizer verdade estava deprimida, ia voltar sem muita convicção na minha carreira. Agora não. Sei que o meu trabalho não será em vão. Imaginem, o próprio filho do coronel, que estuda fora, quando voltou e soube do que houve, veio desculpar o pai e me felicitar, pois aqui como devia. Isto consola a gente.

★

As duas horas fui para a Estação. Lá estavam quase todos os seus pequenos discípulos. Abraços, lágrimas alguns conselhos. Acomodou-se em seu lugar. Um apito agudo, muitas mãos acenando, uma saudade tímida daqueles rosos infantis que gritavam: "Adeus, adeus, D. Alice" — "Felicidades, D. Alice". E os sons metálicos, ritmados do comboio martelando os seus ouvidos, enquanto o seu coração ouvia apenas — e iria ouvir para sempre — as palavras de seus pequenos e inesquecíveis alunos: "Felicidades, D. Alice".

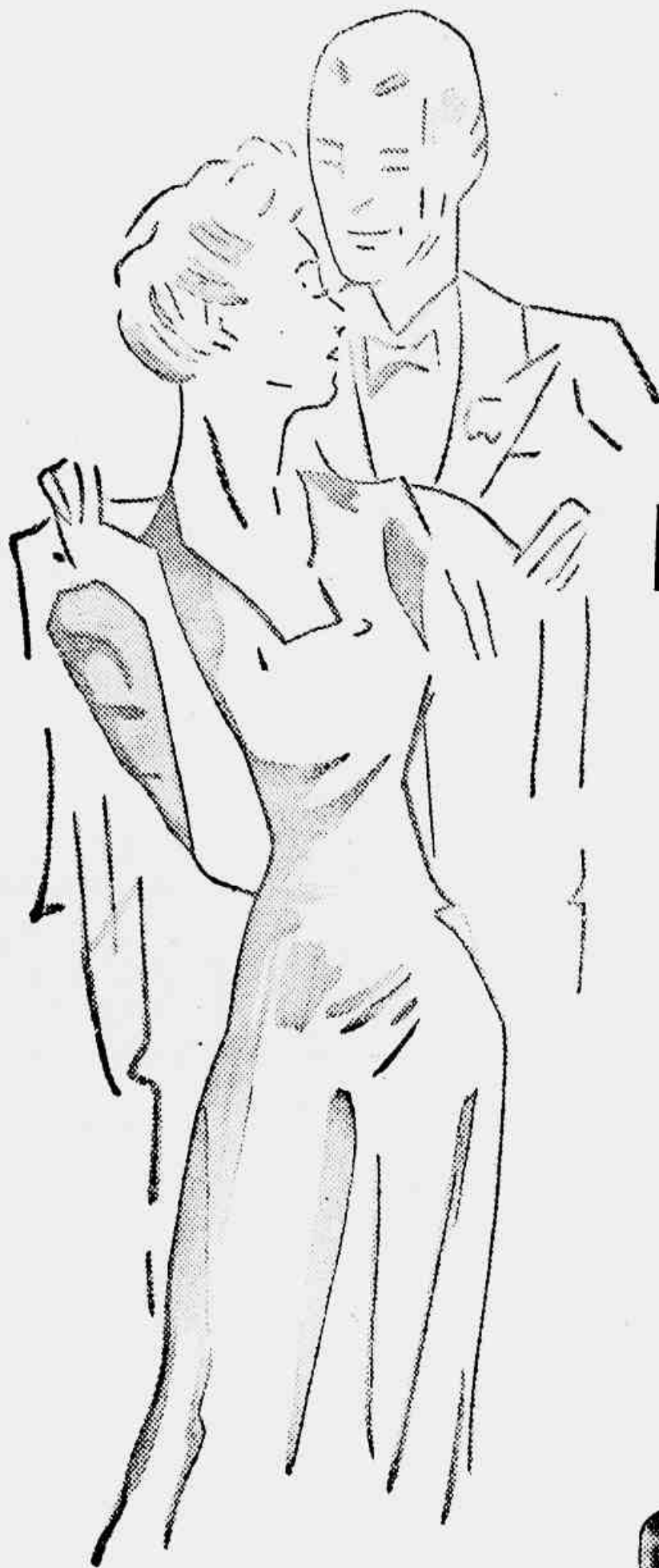
Carlos Gomes

(Continuação da pag. 12)

poema de igual título, do beletista português Antonio Feliciano de Castilho. A referida ópera, representada pela primeira vez a 4 de setembro daquele ano, nesta capital, foi delirantemente aplaudida pelo público e muito bem recebida pela crítica. A 10 de novembro de 1863, Carlos Gomes apresentou sua segunda ópera, "Joana de Flandres", com libreto de Salvador de Mendonça, recebendo do Imperador D. Pedro II, que se achava presente ao espetáculo, a condecoração da Ordem da Rosa, e a promessa (imediatamente cumprida) de auxílio para que pudesse se aperfeiçoar na Itália. Carlos Gomes chegou a Milão no dia 9 de fevereiro de 1864. Estudou particularmente com o maestro Lauro Rossi, e, em 1866, obteve o diploma de "Maestro Compositor", pelo Conservatório daquela cidade.

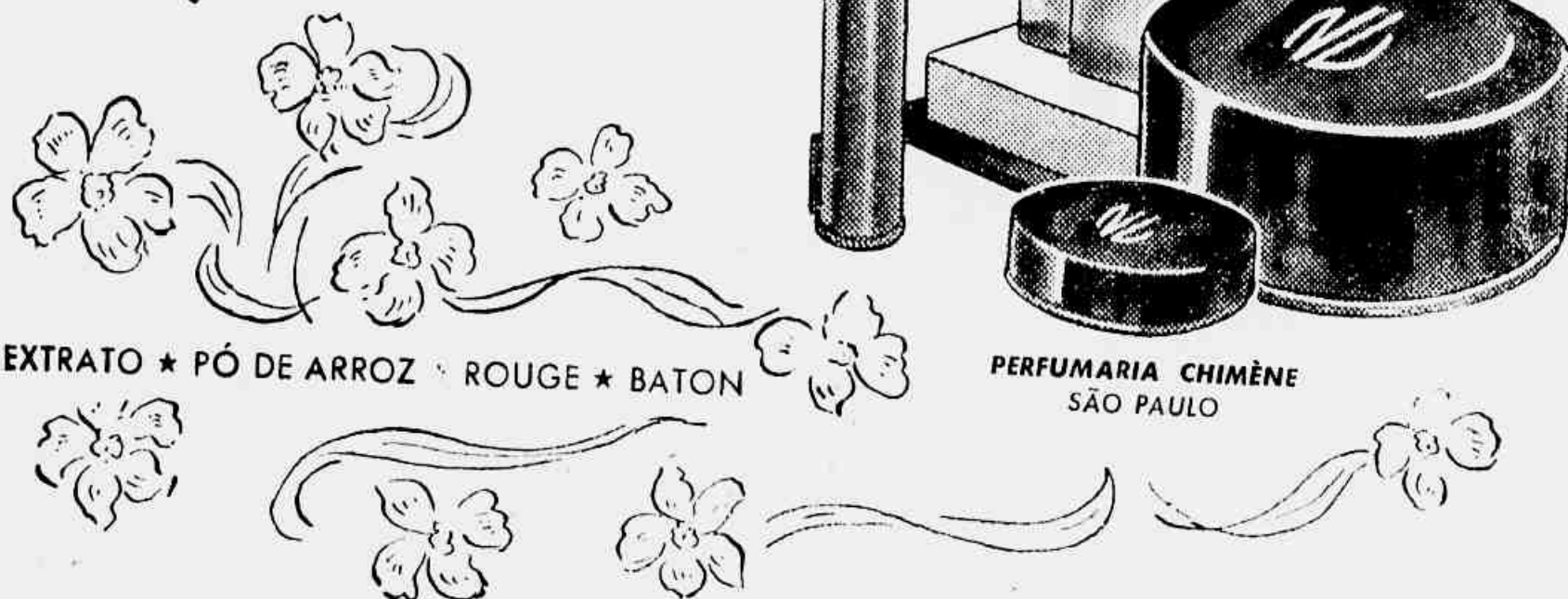
ÓPERAS COMPOSTAS NA ITALIA E AS DATAS DAS SUAS ESTRÉIAS

Carlos Gomes compôs seis óperas, duas operetas e um Poema Sinfônico-Vocal, na Itália, além de numerosos canções, hinos e páginas avulsas para instrumentos solistas. As operetas, denominam-se "Nella Luna" e "Se na minha" (Nada se sabe). Eis a relação das óperas e datas das estréias: "Il Guarany" — Scala de Milão, 19 de março de 1870. "Fosca" — Scala de Milão, 16 de fevereiro de 1873. "Salvador Rosa" — Carlo Felice, de Genova, 21 de março de 1874. "Maria Tudor" — Scala de Milão, 27 de março de 1879. "Condor" — (posteriormente "Odaléa") Scala de Milão, fevereiro de 1891. A ópera "Lo Schiavo", e o Poema Sinfônico-Vocal "Colombo", compostos no país supra citado, foram cantados pela primeira vez aqui no Rio, respectivamente a 27 de setembro de 1889 e 12 de outubro de 1892, ambos no Imperial Teatro D. Pedro II (já denominado Teatro Lirico na última data citada, e demolido há alguns anos).



narciso verde

*dá-lhe personalidade...
-presença...
-sedução...*



EXTRATO ★ PÓ DE ARROZ ★ ROUGE ★ BATON

PERFUMARIA CHIMÈNE
SÃO PAULO

O PATRIOTISMO DE CARLOS GOMES

Acusado de se haver naturalizado italiano, fato que muito desgostou Carlos Gomes, não por depreciação à pátria de Dante, mas pelo acendrado amor que o maestro mantinha pelo seu país natal, fez o nosso glorioso compatriota questão de desmentir tal asserção, através de um documento que não pudesse deixar dúvidas quanto à sua autenticidade. Aí vão os dizeres desse documento:

"Legação dos E.U. do Brasil junto à Santa Sé, Roma, 31 de agosto de 1904. — Cópia autêntica de uma carta de Carlos Gomes:

"Milão, 3-1-90. — Exmo. Sr. Dr. Regis de Oliveira, — Ministro do Brasil. — Prezado amigo. — Tendo de seguir quanto antes para o Brasil, venho lembrar a V.E. o pedido que fiz de alcançar do Ministério dos Estrangeiros uma declaração de que sou sempre brasileiro, apesar de residir na Itália. Desculpe mais este incômodo que lhe dou e creia sempre na gratidão — Do amigo. — Carlos Gomes".

Conforme o original. — Carlos Magalhães de Azevedo,

Primeiro Secretário da Legação do Brasil junto à Santa Sé".

AS COMEMORAÇÕES DO CINQUENTENÁRIO DA MORTE DE CARLOS GOMES

Infelizmente, nada fizeram os nossos meios oficiais no sentido de homenagear a memória do maior operista das Américas, por ocasião do cinquentenário da sua morte. As raras comemorações levadas a efeito com aquela finalidade, foram todas elas de iniciativa particular, destacando-se um concerto sinfônico-vocal organizado pelo nosso confrade João Batista de Campos Melo, diretor da revista "Brasil Musical", concerto esse realizado no Teatro Municipal há alguns meses. No Rio de Janeiro, não existe uma estátua do grande musicista. Cogita-se da fundação da "Sociedade dos amigos de Carlos Gomes". Oxala consiga essa agremiação interessar alguns elementos dos meios governamentais, afim de que a obra de Carlos Gomes seja bastante difundida, emprestando-se igualmente o seu nome a um logradouro público desta mui leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.



Metrolina

antisséptico.
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

POMADA MINANCORA

*Um verdadeiro
tesouro!*



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL

A vida de Henrique VIII

(Continuação da pág. 27)

passos estonteantes, que perturbavam os galãs. Ia a bailes de máscaras ao ar livre, fantasiada de frecheiro, arremessando as setas com a precisão de Cupido; tagarelava com as aias; viajava com pompa, de narizinho erguido, e, finalmente entrava bulhosa e irrequieta no palácio do rei.

Quando chegaram a Roma as notícias desse novo desmando, o Papa excomulgou Henrique e a sua corte. Os piedosos católicos de toda a Europa ficaram horrorizados. Chamaram-lhe o "Tudor adúltero"; e a nova rainha deram o nome de Jezabel. "Se ela chegar a dar-lhe um filho, tanto pior para o futuro da Inglaterra. Que Deus proteja a nação governada por um rei concebido em pecado!" E os próprios cortesãos ingleses começaram a murmurar. "Pobre Henrique, que Deus o guarde! Não bastavam as suas concubinas; ainda foi casar com uma camareira!"

Quanto ao Papa, voltou prudentemente as costas à impiedade que agora reinava na Inglaterra — prudentemente, mas com pesar, pois perdera em Henrique um de seus mais soberbos filhos. Era pena um homem assim se deixasse desencaminhar pelos seus apetites. Quanta energia Henrique poderia ter empregado ao serviço da Igreja Romana! Bem, bem; agora o melhor era deixar o insensato seguir o seu caminho!

Mas Henrique, o encanizado rebelde, é que não estava disposto a deixar em paz a Igreja. Subia-lhe o sangue à cabeça quando era contrariado. Ofendia-se facilmente, e sua vingança era terrível. Mostrava-se tão impetuoso no ódio quanto no amor. Vingou-se nos pobres monges ingleses da tentativa de intervenção do Papa em seu casamento. Queimou-lhes os mosteiros, deixando-os à mercê dos lobos; apoderou-se do ouro da Igreja; mandou para a forca os mais fiéis. Enfim, fez um trabalho completo. Não admira que os seus intimos tremessem só de ouvir-lhe a voz, mesmo quando falava para louvar e não para condenar. O mais íntimo dos seus amigos, o cardeal Wolsey, havia já um bom pedaço que não aparecia na corte para adorá-lo e temê-lo. Mostrara-se pouco pressuroso em obter o divórcio. Tinha-se atrevido a discutir a conveniência do casamento de seu amo com Ana Bolena. Agora, pobre diabo, já não discutia mais nada. Da câmara do conselho do soberano ao calabouço da Torre de Londres a distância era pequena. Muitos haviam feito esse trajeto antes de Wolsey, e quase todos tinham dado mais alguns passos, até o cepo do carrasco. Mas estes últimos passos foram-lhe poupados. Foi posto em liberdade. Tomaram-lhe, contudo, as suas terras; despojaram-no das vestimentas eclesiásticas; títulos e honrarias foram-lhe retirados. Teve permissão de andar em liberdade quando já era um homem sem esperança, desamparado e arruinado, que sofria duma doença fatal causada pela antiga intemperança e pela aflição presente. No esplendor da corte do rei Henrique alizera-se à vida regalada e farta. Apesar da sua posição eclesiástica, tinha comido carne e bebido vinho mesmo na quaresma. Por fim, enfermo e abatido, entrou num mosteiro e pediu a esmola duma cama onde pudesse morrer. No dia seguinte removeram-no do leito para a sepultura.



— Ouçam bem o que eu digo. Enquanto Ana dança, uma sombra paira sobre a sua cabeça — dizia às suas colegas a mais velha das damas de honor. — Sabem o que sucedeu à rainha Catarina? O mesmo acontecerá com Ana.

— A vida tem sido boa para o nosso rei — observou uma segunda. E, baixando a voz, acrescentou: — Um pouco boa demais, talvez.

Estavam no corredor, discutindo os assuntos privados da família real — assuntos que, afinal de contas, não eram assim tão privados. Toda a gente estava ao par deles. Havia um novo fulgor no olhar do rei, e uma nova paixão no seu peito. Mistress Jane Seymour, a camareira da rainha. Uma rapariguinha atraente, apetitosa, com um sorriso travesso.

— Rezem pela rainha. Rezem para que ela tenha um filho. E' o que ele deseja acima de tudo...

— Cinco crianças — três de Catarina e duas de Ana, e até hoje nenhum filho homem.

— Não poderá salvar a rainha, senão, um herdeiro! Vêde como ela está linda, a rodopiar pelo salão, no baile do embaixador — verdadeiramente divina. Vêde como lança a cabeça para trás, rindo de alguma coisa que um jovem admirador lhe segredou. Este ainda lhe retém a mão por um instante. Por sorte, o rei tomou cerveja e está meio adormecido. Vêde como o alvo pescoço resplandece à luz dos candelabros. Ela é tão moça, tão cheia de jovialidade! Agora se desprende, dançando, do jovem "dandy", com a boca entreaberta e um brilho malicioso no olhar. Que tentadora princezinha de conto de fadas! Ainda é graciosa como um videiro novo na brisa matutina. Entretanto, dai-lhe mais um olhar à figura, e notareis uma ligeira diferença. O brotar duma nova vida. Outra criança... Um filho, quem sabe?

Quando, na primavera, as tardes se tornavam mais longas, ela ia sentar-se no jardim, com galgos deitados a seus pés, e punha-se a contemplar a placidez das sombras. Adquirira o hábito de ficar sentada, sózinha, a meditar, triste e silenciosa, e a escutar os zumbidos do ar enclausurado. A escutar também, quem sabe, a respiração do novo ser que dentro dela se agitava. Um dia, entrando no jardim, deu com o rei nos braços duma aia. Houve uma cena violenta. Ana precipitou-se para o seu quarto. Desesperadamente tentou alcançar o leito, mas não pôde; caiu no chão, sem sentidos.

Chamaram um médico. A rainha tinha os olhos vidrados. Morrerá a nova vida que se estava formando nas suas entranhas. Abortara — e desta vez, tratava-se dum filho.

Tinha-se perdido um herdeiro da coroa inglesa. O leão Tudor, com as narinas distendidas e os olhos chamejantes, deu curso à fúria de ver morto o seu leãozinho. Voltou-se contra a mulher.



DROGAS E ANILINAS
ACIDOS VERNIZES
SOLVENTES CASAS WOLFF
AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 998-817
FONES 23-4324 23-2618 43-7915
MARCA REGISTRADA
ESSÊNCIA PARA
PÉROLAS
ANILINAS PARA
TODOS OS FINS

CUTIS

CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo



Maldita, estúpida criatura! Podia ter tomado a semente que ele lhe plantara, cultivando-a e desenvolvendo-a à imagem do rei seu amo. Mas deixara-a perecer num acesso de arrebatamento feminino. Esmagara e arruinara a sua mais cara esperança, a esperança de toda a Inglaterra. Era um crime que não teria perdão, nem no céu nem na terra. Certamente na casa dos Tudors não haveria misericórdia, não haveria indulgência para aquela gata lamuriosa e intrujona. Era o "seu" filho que ela matara, o "seu" destino e a "sua" glória que ela deltara a perder com a sua ira descomedida. Henrique encerrou-se no quarto. Tomava as refeições sózinho e ficava com os olhos pregados na parede, numa cólera sombria e terrível. A rainha lá estava, silenciosa, pálida, aterrada, aniquilada, pronta para o pior.

E o pior não tardou muito a chegar. O rei expediu a ordem de prisão contra ela. Por que? Por gerar uma criança e sofrer a dor de perdê-la? Absolutamente não. A acusação oficial, redigida pelos juristas de Henrique, sempre férteis em expedientes, era de adultério. Conduziram-na solenemente ao tribunal. Dois homens foram apresentados a este pelo Conselho do Rei. Afirmavam ter participado com Henrique dos favores da rainha. O julgamento foi perfunctório. Alegou-se também, só para arredondar a conta, que Ana era culpada de incesto com seu irmão. Não se disse uma palavra acerca do malfadado aborto. Nem se insinuou que ela era enfeitada por ter-se tornado inútil; que o rei estava farto das suas danças e dos seus olhares; que era esse o verdadeiro motivo da sua detenção e acusação. Havia uma atraente rapariguinha, Jane Seymour. Era tempo de trocar de mulher. Foi pronunciada a sentença de codenação. Declarou-se nulo o casamento. Ana foi para a Torre, de cabeça baixa; aos vinte e nove anos, caminhava com estranha fadiga. Sentada na sua cela, recordou um incidente que ocorrera anos atrás, quando jogava cartas com sua aia. Tinha tirado um rei "Um dia haveis de possuir um rei de verdade", profetizara a aia. Ela, menina ambiciosa, tinha jogado bem as suas cartas,

e ganhara um rei de verdade. Um rei, sim. A realização do seu sonho. O fim da sua vida. Enquanto, na Torre, aguardava a execução, compôs um pequeno poema:

Adeus, prazeres passados,
Hoje me toca por sorte
Sofrer tormentos tão duros,
Que, ansiosa, só espero a morte.

No dia seguinte o algoz cortou-lhe a cabeça com um dextro golpe. Um antigo apaixonado, que se achava entre os assistentes, precipitou-se para o cadafalso e recolheu com ternura a cabeça ensanguentada. Henrique Tudor, sentado no seu aposento, esperava o sinal que da Torre lhe anunciaria o fim da execução.

— Bem — disse, assim que ouviu o sinal, — vamos caçar.

★

— Tragam Tomaz Becket a juízo por heresia — ordenou o rei.

Seus consultores jurídicos olharam-no espantados.

DIABETE-OBESIDADE-MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 225110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas

— O homem está morto há muitos anos, Majestade. Devemos desenterrar-lhe os ossos?

Tomaz Becket, que fora arcebispo de Canterbury trezentos e cinquenta anos antes do reinado de Henrique VIII, ousara tomar o partido do Papa numa contenda deste com Henrique II a respeito de taxas e dízimos papais. Sofrera morte de mártir, às mãos de dois sanhudos cavaleiros do rei, no momento em que rezava diante do altar. Dois anos mais tarde a Igreja o canonizara. Era um santo

católico que serviria às mil maravilhas como alvo da vingança de Henrique VIII. A palavra do monarca era lei. A vontade régia devia ser cumprida. E assim, com grande solenidade, os advogados leram a acusação contra Tomaz Becket e citaram-no a julgamento. O fato de estar ele reduzido a um punhado de ossos e cinzas não perturbava os juizes. Tinha sido amigo do rei inglês, três séculos e meio atrás, e ainda era responsável pelo crime. O simples transcorrer do tempo, argumentava Henrique, não basta para ex-

Perfume

Orbleu

de

BAZIN

O ouro sobre azul dos perfumes!

- Água de Colônia • Brilhanina
- Extrato • Loção • Óleo perfumado
- Pó de Arroz • Sabonete • Talco

À VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA PARTE

Realce seu Encanto embelezando seu Cabelo



Para realçar a beleza do seu rosto e aumentar seu encanto pessoal, proporcione aos cabelos a vitalidade e o brilho que lhes assegura o Tricófero de Barry. Famosa loção rejuvenescedora, Tricófero de Barry vem sendo usado, com pleno êxito, há mais de um século, por todos os que desejam eliminar a caspa, evitar a queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, e as afecções do couro cabeludo. Adote Tricófero de Barry — e verificará, por si mesma, o acerto da sua escolha.

Tricófero de Barry

EM USO DESDE 1801

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e saltará da cama disposto para tudo. Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se este suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e estes fermentam nos intestinos. Então sobrevém a sensação de fatura, seguida pela prisão de ventre. V. se sente deprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pímulas Carter para o Fígado, para fazer com que esse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pímulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr\$ 3,50.

linguir uma controvérsia. Não estamos nós sofrendo hoje pelos pecados que Adão cometeu sabe Deus há quantos séculos? Em consequência, Henrique submeteu os ossos a julgamento e declarou-os culpados de heresia.

— Rei benigno, rei sábio e justo — murmurava um dos seus súditos, sarcásticamente. — Como um elefante, ele nunca esquece.

— E está ficando cada vez mais parecido com um elefante — observava outro. — Antigamente era esbelto e atlético. Mas olha-o agora: com apenas quarenta anos, já está tão gordo que mal se pode erguer da cadeira.

— É privilégio do rei engordar enquanto o seu povo morre à mingua.

— É dever do povo morrer à mingua enquanto o rei engorda.

Estas e outras observações similares eram ouvidas.

Antigamente ele fora músico consumado, mas agora só tocava sonoras toadas nos barris de vinho, em companhia de joviais convivas; dissipava os dias e as noites em desenfreada libertinagem; parecia mais um sapo no trono, do que um rei.

— Jane Seymour, aquela com quem ele casou depois de se descartar de Ana Bolena... Sabem o que aconteceu com ela? Como as outras, também não viveu muito tempo. Morreu depois de lhe dar um filho.

— Matou-a — observavam pessoas relacionadas com a corte. — Matou-a, tão certamente como matou Ana Bolena, tão certamente como mandou Catarina de Aragão para um convento e para a morte. Foi obrigada a festejar, com ele e com toda a corte, o nascimento do filho. E isso antes de decorridas quarenta e oito horas do parto. Foi obrigada a banquetear-se com os cortesãos e a marchar na grande procissão batismal, quando ainda tinha o corpo torturado pela dor. Que Deus tenha piedade da sua alma.

— Enfim, a morte lhe prestou pelo menos um serviço. Livrou-a de Henrique.

★

E agora, a quem tocará a vez? A Ana de Cleves, a filha do príncipe alemão, menina de índole dócil e feições vulgares. Dócil e vulgar como uma vaca, diziam sorrindo os cínicos. Henrique tinha sido enganado. Enviara o artista da corte para pintar o retrato de Ana, e trazê-lo afim de que ele o examinasse. O pintor cumprira demasiado bem a sua tarefa. Trouxera consigo o retrato duma bela mulher. Henrique, um entendido em arte, olhou o quadro e disse: "Ela me serve". Ajustou-se o casamento. Foram enviados emissários para trazer a menina em triunfo ao seu augusto noivo. Quando a conheceram os ministros do rei sentiram um tremor no coração. Como iam agora enganar o rei, que sonhava com a encantadora figura do retrato? Haviam de rolar algumas cabeças por aquele engano, sem dúvida nenhuma. Ana atravessou a Inglaterra na sua carruagem, e por toda parte os ingleses, ao vê-la, baixavam a cabeça em silêncio. Aquela mulher rechonchuda e insípida, que vinha tão



Senhorita Ivetta Marques Guimarães, filha do Sr. Joaquim Marques Guimarães e d. Adalgisa Roque Guimarães, ao receber o diploma de professora pelo Instituto de Educação.

Ciência esotérica

Em sua própria casa V.S. poderá desenvolver suas faculdades superiores e tornar-se conciente das leis e princípios ocultos da Natureza. Peça folhetos gratuitos à Sociedade Teosófica Brasileira, rua Buenos Aires, 81-2º, Rio de Janeiro.

cheia de boas intenções, estava louca de ansiedade. Não podia compreender a maneira por que a recebiam. Não conhecia uma palavra de inglês; não sabia dançar os passos em voga na corte inglesa. Educada junto à roca e bem adestrada nas modestas virtudes duma "hausfrau" flamenga, não era dotada de qualidades brilhantes, mas em compensação possuía bastante solidez.

Quanto a Henrique, mal podia conter a impaciência por vê-la, tão entusiasmado estava com as descrições oficiais dos seus encantos. Encontraram-se por fim o rei e a sua noiva alemã. Ele mostrou bastante cordialidade; no momento em que lhe pôs os olhos em cima, porém, a sentença estava firmada.

— Não vou dormir com essa égua flamenga — rosnou.

Todos estavam de acordo com ele. Sua situação embaraços tornara-se um caso nacional. Os hábitos do rei eram pesados cuidadosamente, em conjunto, contra a possibilidade duma guerra com os príncipes alemães. "Ela é fisicamente repulsiva ao nosso Henrique", declaravam os generais. "Vejamos quantos soldados poderemos reunir no campo de batalha".

Por fim chegou-se a um acordo. Demonstraram à boa flamenga que ela andara errada — sabe Deus em que — e

CABELOS BRANCOS?

LOCÃO Brilhante

CREME DE TOILETTE RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA PARTE

persuadiram-na a renunciar a qualquer esperança de conservar permanentemente o santo estado de casada. Teve de conceder o divórcio a Henrique; e, ao mesmo tempo, afim de acalmar os temores dos seus parentes de além-mar, fizeram-na escrever uma carta, em que lhes declarava estar tão encantada com a Inglaterra que decidira fixar ali a sua residência para o resto da vida. Não pôde acrescentar que não tinha liberdade de escolha no assunto, pois o rei, temendo a história que ela iria contar na Alemanha, conservava-a virtualmente prisioneira.

(Continua no próximo número)

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

★ DENTIFRÍCIOS
PANNAIN ★

Com Villa-Lobos na América

(Continuação da pág. 25)

— Diga a ela que não sou papagaio, nem palhaço de circo.

Volto-me para o auditório e traduzo:

— O maestro se sente felicíssimo por estar aqui, hoje. Há um murmúrio de contentamento no salão.

A conquista da América foi feita por Villa Lobos sem gastar papapés. Disse o que quis, quando quis, a quem quis e ouviu sempre o que queria. Voltou com a consagração na bagagem e mostrou-a com aquele seu olhar franco:

— Está aí! Quero ver se vocês são capazes de fazer o mesmo.

Muitos encontraram o caminho aberto, a curiosidade despertada. Assim, José Siqueira, que observou justamente isso — "Villa-Lobos despertou o interesse pela música brasileira". Da mesma forma Eleazar de Carvalho, que recentemente publicava uma carta enviada a Villa-Lobos um tecido de superlativos, em torno da gratidão e do arre-

pendimento. O maestro ri. E, depois, foi escutar o último capítulo de alguma novela sensacional.

Galerias de arte britânicas

(Continuação da pág. 51)

lhos interessantes. Embora todo o seu brilho, lhes falta unidade.

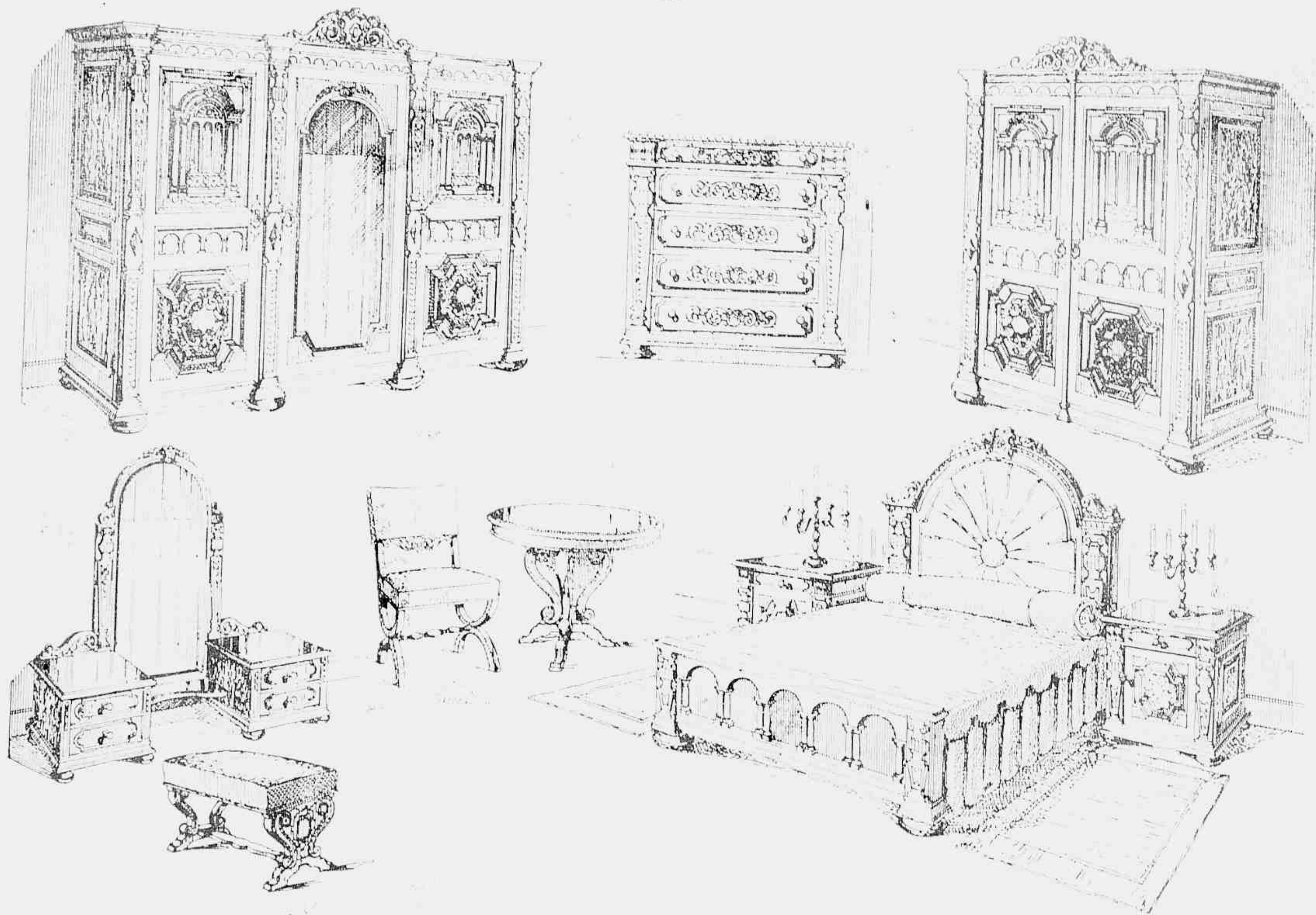
Na Galeria Mathiesen há grande exposição da Pintora Gwen John, que morreu em 1939, e constante de mais de 200 quadros e desenhos, e são uma revelação para aqueles que gostam de contemplar o crepúsculo, os meios-tons. O alcance da pintora entretanto é pequeno. Com efeito, seria difícil imaginar um artista mais limitada em visão, em assunto e em tratamento. Seu colorido é tranquilo, seus contrastes de tons muito mais tranquilos e seu manejo dos pincéis é seguro, mas sem nenhum arroubo, sem nenhuma ventelha. Parece que a pintora repugnava um gesto maior de bravura.

Finalmente há uma exposição na Galeria Tate, Galeria Nacional de Arte Moderna da Grã Bretanha, constante de

quadros comprados, durante os últimos trinta anos, pela Sociedade de Arte Contemporânea da Grã Bretanha.

A Sociedade de Arte Contemporânea necessita de uma explicação. É uma instituição tipicamente inglesa, pois é característica da Inglaterra que o entusiasmo particular de alguns homens realize aquilo que o Governo passou por cima. O método de compra é bastante interessante. O comitê da Sociedade consiste de um corpo de "connoisseurs", um dos quais é nomeado cada ano para escolher os quadros destinados à aquisição, dando-se ampla expressão ao gosto individual de cada membro.

A Sociedade de Arte Contemporânea é tão útil como necessária dos dias de hoje como o foi no passado, sendo de se esperar que esta exposição terá o efeito de duplicar o número de seus membros. Pois na atualidade a intenção das atividades da Sociedade não é tanto a obtenção de fundos para a aquisição de quadros e trabalhos de arte, mas sim o estabelecimento de um corajoso e esclarecido padrão de gosto, estimulando o que há de melhor nas jovens gerações. — (Copyright do B.N.S.).



Dormitório Renascimento Francês "Henrique II"

Estampamos nesta página um sugestivo modelo para a decoração do seu lar.

O dormitório "Henrique II", cuja fotografia acima reproduzimos é constituído de móveis ricamente esculpturados em jacarandá maciço, sendo as cadeiras e a banqueta da penteadeira estofadas à pelúcia de seda.

Como adornos, dois castiçais e tapetes no estilo.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

*Após o cafêzinho,
um bom cigarro*



CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz